

Andreia Maria Pedro

**PROCEDIMENTOS PARA INTEGRAR OS CONCEITOS DE
EMPREENDEDORISMO NO ENSINO FUNDAMENTAL**

Florianópolis
2007

Andreia Maria Pedro

**PROCEDIMENTOS PARA INTEGRAR OS CONCEITOS DE
EMPREENDEDORISMO NO ENSINO FUNDAMENTAL**

Tese de Doutorado apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Engenharia de Produção da Universidade Federal de Santa Catarina como requisito para a obtenção do grau de Doutor em Engenharia de Produção.

Orientador: Álvaro G. Rojas Lezana, Dr.

Florianópolis
2007

Andreia Maria Pedro

**PROCEDIMENTOS PARA INTEGRAR OS CONCEITOS DE
EMPREENDEDORISMO NO ENSINO FUNDAMENTAL**

Esta Tese foi julgada e aprovada para a obtenção do grau de
Doutor em Engenharia de Produção
no **Programa de Pós-Graduação em Engenharia de Produção**
da Universidade Federal de Santa Catarina

Florianópolis, 17 de dezembro de 2007

Prof. Antônio Sergio Coelho
Coordenador do Programa

BANCA EXAMINADORA

Prof. Álvaro G. Rojas Lezana, Dr.
Universidade Federal de Santa Catarina
Orientador

Prof^a. Virginia Grünewald, Dra.
Núcleo de Estudos da Terceira Idade - UFSC

Prof. Cláudio Antonio Rojo, Dr.
Universidade do Oeste do Paraná

Prof^a. Luciane Camilotti, Dra.
Universidade Tecnológica Federal do Paraná

Prof. Sérgio Luiz Silva, Dr.

Prof^a. Michelle Steiner dos Santos, Dra.
Universidade Estadual do Ceará

Maria, Maria

Milton Nascimento

Maria, Maria, é um dom, uma certa magia
Uma força que nos alerta
Uma mulher que merece viver e amar
Como outra qualquer do planeta
Maria, Maria, é o som, é a cor, é o suor
É a dose mais forte e lenta
De uma gente que ri quando deve chorar
E não vive, apenas agüenta

Mas é preciso ter força, é preciso ter raça
É preciso ter gana sempre
Quem traz no corpo a marca
Maria, Maria, mistura a dor e a alegria
Mas é preciso ter manha, é preciso ter graça
É preciso ter sonho sempre
Quem traz na pele essa marca
Possui a estranha mania de ter fé na vida

A Alice que tem força interior e que busca independência.

As “Marias” Empreendedoras....

Um Homem Também Chora – Guerreiro Menino

Gonzaguinha

(...) Guerreiros são pessoas
tão fortes, tão frágeis
Guerreiros são meninos
No fundo do peito
Precisam de um descanso
Precisam de um remanso
Precisam de um sono
Que os tornem refeitos
É triste ver meu homem
Guerreiro menino
Com a barra de seu tempo
Por sobre seus ombros
Eu vejo que ele berra
Eu vejo que ele sangra
A dor que tem no peito
Pois ama e ama
Um homem se humilha
Se castram seu sonho
Seu sonho é sua vida
E vida é trabalho
E sem o seu trabalho
Um homem não tem honra
E sem a sua honra
Se morre, se mata
Não dá pra ser feliz
Não dá pra ser feliz

Ao Anísio que sabe a importância do conhecimento e do trabalho.

Aos “Pedros” guerreiros...

Agradecimentos

*Agradeço a Deus pela vida e por todos obstáculos vencidos, por mais uma etapa concluída.
Aos meus pais pelo carinho, cuidado e valores repassados, pela mão estendida nos momentos mais
difíceis.*

*A Jane, minha irmã, por sempre me apoiar e acreditar em mim, pelo companheirismo e amizade.
Aos meus irmãos, Marcos, Gilson e Gilvan, pelo exemplo e por me ensinarem que é possível superar
os obstáculos.*

*Aos sobrinhos, Jean, Anna Paula, Jéssica, Lucas e Guilherme, por me mostrar que a vida pode ser
muito divertida.*

*Ao meu orientador, Álvaro Lezana, pela compreensão, paciência e amizade, por sempre entender
meus “prazos”, por me ensinar a errar e aprender.*

Ao Cláudio, pelo apoio, pelos cafés e as boas conversas.

Ao Sergio, por mostrar um olhar diferente, novos retratos da vida.

*A Virginia, pelo aprendizado e o carinho... pela nossa amizade e por me ensinar que o importante é
ter paixão por aquilo que faço.*

*A Luciane, pelo afeto que nos une, por deixar cair às lágrimas e por logo depois me fazer rir muito,
por sempre lembrar de mim a cada novo trabalho.*

A Michelle, por me mostrar o caminho e a minha força apesar de toda a nossa distância.

*Ao Adão, pelo estímulo, por me ensinar que amar é deixar livre, por respeitar meu jeito de ser, por
compreender meus olhares.*

*A Johanna, pelo apoio, pela acolhida, pela compreensão, pelas boas conversas, pelas risadas, por
ser minha amiga.*

*Aos meus amigos: Éderson, Assis, Ricardo, Juci, Samuel, Fabiola, Ida, Ieda, Marcelo, Lisa,
Alexandre, Assis, Sibeli, Paty, Valeria e Vitor pelo valor da amizade verdadeira.*

*Aos mais novos (e não tão novos assim!!) amigos: Paulinho, Paulo Garcia, Zé, Beto, Mateus, Rodolfo,
Marquito, Michel, Taty, Karina, Katiana, Camila, Teresa, por me ensinarem novas coisas e a
encontrar um novo mundo:*

*A Associação Franciscana de Ensino Senhor Bom Jesus pela oportunidade de realização desta
pesquisa.*

*A Secretaria do PPGE, Meri e Servilho, pelas ajudas, compreensão e estímulo, fico devendo cada
favor feito.*

*Aos professores da Fapi, pelo estímulo e pela compreensão de ausências, principalmente a Prof.
Odete, pelo carinho e pela revisão do português.*

*A todos que, de alguma maneira, colaboraram para a realização deste trabalho,
MUITO OBRIGADA!*

RESUMO

PEDRO, Andreia Maria. **Procedimentos para integrar os conceitos de empreendedorismo no ensino fundamental**. 2007. 115f. Florianópolis. Tese de Doutorado(doutorado em Engenharia de Produção). Programa de Pós-Graduação em Engenharia de Produção, UFSC.

As competências empreendedoras são importantes para a sociedade, pois elas permitem a inovação e o sucesso do empreendimento, resultando no desenvolvimento social e econômico. Essa constatação somada a preocupação em formar indivíduos pró-ativos, capacitados e com habilidades específicas para o mercado de trabalho, provoca um processo reflexivo, na tentativa de repensar uma forma de como desenvolver tais profissionais. O presente trabalho diz respeito a um estudo sobre o comportamento empreendedor, mais especificamente ao desenvolvimento das competências em alunos do ensino fundamental. A construção teórica é fundamentada a partir do processo de aprendizagem baseado pela pedagogia construtivista, das características comportamentais determinadas por Lezana e Tonelli (1998) e das definições de competências delineadas por Fleury (2002). A fusão de tais constructos permite a elaboração e a execução da pesquisa propriamente dita: elaboração de procedimentos de integração entre os conceitos citados e o projeto político pedagógico visando o desenvolvimento de competências empreendedoras.

Palavras-chave: Competências, Empreendedores, Projeto Político Pedagógico.

ABSTRACT

PEDRO, Andreia Maria. **Procedures of integration the entrepreneurialism of the basic education.** 2007. 115 f. Florianópolis. Thesis (Doctoral in Production Engineering) Post-Graduation Program in Production Engineering, UFSC.

The enterprising abilities are important to society because they allow the innovation and the success of the enterprise, resulting in social and economic development. This statement added to the concern in form proactive individuals, capable and provided by specific abilities to the labor market lead to a reflective process, trying to rethink the way how to develop these professionals. This piece of work presents a study about enterprising behavior, specifically describing the development of abilities in pupils of basic education. The theoretical construction is based from the learning process based by constructive pedagogy of the manning characteristics established by Lezana and Tonelli (1998) and of the definitions of delineated abilities by Fleury (2002). The fusing of such topics allows the elaboration and the execution of the research properly said: elaboration of the procedures of integration among the mentioned concepts and the pedagogical politician project aiming the development of enterprising abilities.

Key words: abilities, entrepreneurs, pedagogical politician project.

LISTA DE FIGURAS

Figura 1. Desenvolvimento da pesquisa.....	21
Figura 2. Funcionamento do modelo comportamental.....	28
Figura 3. Hierarquia das necessidades de Maslow.....	29
Figura 4. Noções de qualificação e competências.....	39
Figura 5. Competências como fonte de valor para o indivíduo e para a organização.....	46
Figura 6. Intenções educativas.....	54
Figura 7. Estrutura dos parâmetros curriculares nacionais para o ensino fundamental.....	65
Figura 8. Fluxograma das etapas da pesquisa.....	72
Figura 9. Procedimento de integração dos conceitos.....	77
Figura 10. Desenvolvimento do modelo – Grupo 1 - Indivíduo.....	81
Figura 11. Desenvolvimento do modelo – Grupo 2 - Competência.....	83
Figura 12. Desenvolvimento do modelo – Grupo 3 – Ação Empreendedora.....	85
Figura 13. Estrutura de aplicação do modelo.....	87
Figura 14. Círculo sinalizador das características empreendedoras a serem trabalhadas.....	89
Figura 15. Temas do eixo “Formação do Indivíduo” – Grupo “Indivíduo”.....	91
Figura 16. Temas do eixo “Homem em Relação” – Grupo “Indivíduo”.....	92
Figura 17. Temas do eixo “Meio Ambiente” – Grupo “Indivíduo”.....	93
Figura 18. Grupo “Indivíduo” – eixos e temas específicos.....	94
Figura 19. Temas do eixo “O Empreendedor” – Grupo “Competências”.....	95
Figura 20. Temas do eixo “Habilidades Empreendedoras” – Grupo “Competências”.....	96
Figura 21. Temas do eixo “Atitudes Empreendedoras” – Grupo “Competências”.....	97

Figura 22. Grupo “Competências” – eixos e temas específicos.....	98
Figura 23. Temas do eixo “Mundo das Idéias” – Grupo “Ação Empreendedora” ..	99
Figura 24. Temas do eixo “Busca de Informação” – Grupo “Ação Empreendedora”	100
Figura 25. Temas do eixo “Planejando para a Ação” – Grupo “Ação Empreendedora”	101
Figura 26. Grupo “Ação Empreendedora” – eixos e temas específicos.....	102

LISTA DE QUADROS

Quadro 1. As “escolas” do empreendedorismo	26
Quadro 2. Síntese das condutas típicas dos empreendedores	27
Quadro 3. Necessidades empreendedoras	29
Quadro 4. Associação entre as teorias das necessidades dos empreendedores ..	30
Quadro 5. Necessidades de auto-realização dos empreendedores	31
Quadro 6. Conhecimentos, habilidades necessárias aos empreendedores	33
Quadro 7. Comparativo das habilidades dos empreendedores segundo Lezana e Tonelli, Fillion e Timmons	34
Quadro 8. Conteúdo e habilidades do empreendedor	35
Quadro 9. Competências empreendedoras	36
Quadro 10. Síntese dos principais estudos da competência do indivíduo	41
Quadro 11. Tipos de competências	43
Quadro 12. Saberes e saber-fazer	44
Quadro 13. Competências prioritárias dos docentes no ensino fundamental	57
Quadro 14. Categorização dos métodos	63
Quadro 15. Sugestões de negócios para o ensino fundamental	69
Quadro 16. Relação entre as categorias	76
Quadro 17. Relação entre os conceitos empreendedorismo, competência e projeto político pedagógico da instituição	79
Quadro 18. Relação de alunos da disciplina de empreendedorismo	103

SUMÁRIO

Lista de Figuras	09
Lista de Quadros	11
1 INTRODUÇÃO	14
1.1 Problemática	15
1.2 Objetivos	16
1.2.1 Geral	16
1.2.2 Específicos	16
1.3 Pressupostos	17
1.4 Justificativa	18
1.5 Aspectos Metodológicos	20
1.6 Limitações da Pesquisa	21
1.7 Estrutura do Trabalho	22
2 REFERENCIAL TEÓRICO	23
2.1 Comportamento Empreendedor	23
2.1.1 Histórico sobre Empreendedorismo	24
2.1.2 Modelos de Compreensão do Comportamento Empreendedor	26
2.1.3 Características Empreendedoras	28
2.2 Competências	38
2.3 Processo de Ensino-Aprendizagem visando o Desenvolvimento de Habilidades Empreendedoras	49
2.4 Projeto Político Pedagógico	59
2.5 Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional	64
2.6 Ensino de Empreendedorismo no Brasil	67

3 PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS DA PESQUISA	71
3.1. Organização da Pesquisa	71
3.2 Elaboração e Aplicação dos Procedimentos de Integração	72
3.2.1 Sujeitos da Pesquisa	73
3.2.2 Instrumentos da Pesquisa	74
3.2.3 Etapas da Pesquisa	74
4 MODELO DE INTEGRAÇÃO	76
4.1 O Modelo	76
4.1.1 Projeto Político Pedagógico	78
4.1.2 Grupo 1 – O indivíduo	80
4.1.3 Grupo 2 – As competências	82
4.1.4 Grupo 3 – A ação empreendedora	84
4.2 Aplicação do Modelo	86
4.2.1 Grupo 1 – O indivíduo	90
4.2.2 Grupo 2 – As competências	94
4.2.3 Grupo 3 – A ação empreendedora	99
4.3 Informações sobre a Aplicação	103
4.4 Considerações do Capítulo	105
5 CONSIDERAÇÕES FINAIS	107
5.1 Conclusões	107
5.2 Recomendações para trabalhos futuros	109
REFERÊNCIAS	110
APÊNDICES	112
ANEXOS	125

1 INTRODUÇÃO

Atualmente, o processo de ensino-aprendizagem é mais dinâmico, as novas tecnologias aceleraram o aprendizado, a globalização fez com que a quantidade de informação disponível diariamente seja muito maior do que há algumas décadas atrás. Diante disto, a escola tem que acompanhar as mudanças impostas pela tecnologia e pelos novos valores impostos pela sociedade.

Para Marques (1999), o saber escolar deve incluir as dimensões do conhecimento e de valores, assim como das habilidades. Para Deleuze e Guattari (1995) os conhecimentos não partem de algum lugar, não existe um ponto central, não há um saber mais importante, pois eles se estruturam a partir de relações, de conexões, de redes.

[...] tecer conhecimentos em rede é a forma de indicar como o conhecimento sempre foi tecido nos contextos cotidianos do viver humano, mesmo quanto, para se fazerem, a ciência e o poder econômico precisaram dizer que [...] conhecimentos práticos eram inferiores e só existiam enquanto não fossem superados pelo conhecimento verdadeiro, produzido pela ciência (ALVES apud MARQUES, 1999, p.45).

Sabe-se que a escola tem um papel fundamental no delineamento das características comportamentais dos indivíduos, principalmente nos relacionados às condutas sociais. Sua função primordial é propiciar ao aluno uma reflexão sobre as posturas, um conhecimento baseado na ação, aliando teoria e prática, para que ele possa atuar no mundo e ser um agente transformador (MARQUES, 1999).

Partindo do princípio que a escola é formadora de agentes transformadores e sabendo da importância dos empreendedores como peças fundamentais para o desenvolvimento regional; surge a necessidade de desenvolver as habilidades específicas destes indivíduos.

Cabe salientar que este desenvolvimento acontece por meio da introjeção das regras e normas sociais, constituindo os valores do indivíduo e da sociedade. A partir disto, não se pode ignorar a influência da cultura na constituição do sujeito e, conseqüentemente, nas suas ações.

Dolabela (2003) ressalta a importância da pedagogia empreendedora, ou seja, o processo educativo que visa desenvolver habilidades empreendedoras, como a inovação, a criatividade, a tomada de decisão, entre outras características. Desta

maneira, a educação empreendedora torna-se um instrumento da sociedade para estabelecer uma proposta de futuro, pois visa quebrar velhos paradigmas, transformar e desenvolver o meio social. Para este autor (Op.Cit, p. 32):

Empreender é essencialmente um processo de aprendizagem proativa, em que o indivíduo constrói e reconstrói ciclicamente a sua representação do mundo, modificando-se a si mesmo e ao seu sonho de auto-realização em processo permanente de auto-avaliação e autocriação.

Hermenegildo (2002, p. 8) diz que para aqueles “que desejam ingressar no mundo empresarial, apenas a vontade e coragem não são suficientes para o sucesso de um empreendimento, é necessário formação”.

O empreendedor é uma figura fundamental para o desenvolvimento econômico e social do país uma vez que trazem novas oportunidades e benefícios para a região onde estão inseridos.

Esta pesquisa trata da elaboração de procedimentos que possibilitem a integração entre as características comportamentais dos empreendedores, as competências e a aprendizagem dos indivíduos.

1.1 Problemática

A sociedade precisa de sujeitos proativos, capazes de efetuarem mudanças, questionarem o *status quo*, propiciando o desenvolvimento econômico, social, cultural, etc.

Os empreendedores são pessoas que desequilibram o meio em que estão inseridos, modificando as ordens vigentes, trazendo inovações e melhorias para a sociedade e que podem ser encontrados nas mais diversas áreas profissionais e da vida.

De acordo com Lezana e Tonelli (1998), a personalidade e as características comportamentais: necessidades, conhecimentos, habilidades e valores – dos empreendedores são fatores determinantes para o sucesso do empreendimento. Mas como desenvolver as competências empreendedoras? Será que é possível contar com uma escola que vai além da instrução através do conhecimento, preocupando-se com a constituição do ser, procurando desenvolver suas habilidades, para vislumbrar um futuro de sucesso?

A escola tem como objetivo desenvolver competências específicas nos indivíduos, sendo que para isso alia teoria e prática. Segundo Schubert (apud SACRISTÁN 2000, p. 101) “o campo do currículo não é somente um corpo de conhecimentos, mas uma dispersa e ao mesmo tempo encadeada organização social”. Tal afirmação mostra a importância de incluir nos currículos escolares temáticas que se aproximem mais da realidade dos alunos, para que se possam desenvolver competências que facilitem a realização das atividades profissionais, procurando o desenvolvimento da sociedade.

O aprendizado de condutas empreendedoras está interligado com a necessidade de compreender como se adquire e desenvolve as competências voltadas para a organização. Diante disso, surge o problema de pesquisa:

Que procedimentos adotar para integrar os conceitos de empreendedorismo, o desenvolvimento de competências e o projeto político pedagógico do ensino fundamental?

1.2 Objetivos

Diante da amplitude do tema a ser pesquisado, faz-se necessário uma estruturação do trabalho por meio da delimitação dos objetivos que se pretende alcançar.

1.2.1 Objetivo Geral

O presente trabalho tem o objetivo de elaborar procedimentos que permitam integrar os conceitos de empreendedorismo, o desenvolvimento de competências e o projeto político pedagógico de ensino fundamental, tendo como base as características comportamentais dos empreendedores.

1.2.2 Objetivos Específicos

São eles:

- Resgatar o referencial teórico sobre as características do comportamento empreendedor.

- Elaborar uma síntese dos principais estudos sobre competências do indivíduo.
- Definir as categorias relacionadas com empreendedorismo, competências e ensino-aprendizagem, visando a elaboração do modelo de integração.
- Analisar o projeto político pedagógico do ensino fundamental, das escolas privadas localizadas: no Paraná (Campo Largo, Rio Negro, Colombo, Rolândia e Curitiba), Santa Catarina (Florianópolis, São Bento do Sul, Caçador, Jaraguá do Sul, Blumenau e Lages), São Paulo (São Paulo), Rio de Janeiro (Petrópolis); onde foram aplicados os procedimentos.
- Desenvolver o modelo de integração a partir das categorias: comportamento empreendedor, competência e processos de aprendizagem para a implementação nos projetos políticos pedagógicos da escola de ensino fundamental.
- Aplicar o modelo numa instituição privada de ensino fundamental.
- Analisar os resultados a partir das teorias escolhidas para fundamentar este estudo.

1.3 Pressupostos

A definição do objeto de estudo e do problema de pesquisa delinea a relação à questão pedagógica, as competências empreendedoras e os conceitos de empreendedorismo; surgindo base três pressupostos básicos:

1. É possível a integração entre o projeto pedagógico e os conceitos de empreendedorismo visando o desenvolvimento de competências empreendedoras em alunos do ensino fundamental.

2. A capacitação de indivíduos, por meio do desenvolvimento de suas habilidades, quando agregadas aos conhecimentos e às atitudes, formam as competências empreendedoras.

3. O estabelecimento de procedimentos que permitam o desenvolvimento de competências empreendedoras, baseado no projeto pedagógico do ensino fundamental, auxilia o fortalecimento de uma cultura empreendedora, importante para o desenvolvimento sócio-econômico da região e do país.

1.4 Justificativa

Para enfrentar as novas relações do mercado, as empresas precisam ser ágeis, flexíveis, competitivas e globalizadas. Diante desta realidade empresarial, o perfil do profissional deixa de se restringir a trabalhos mecânicos e automatizados, as organizações necessitam de colaboradores responsáveis, comprometidos, polivalentes, com conhecimentos e habilidades que agreguem valor tanto econômico quanto social.

Enfim, este alto desempenho dos profissionais está pautado em características do comportamento presentes no empreendedor, como assumir riscos, tomar decisões, criatividade, liderança, inovação, entre outras. Estes são apenas alguns requisitos fundamentais que garantem o sucesso de um profissional e, conseqüentemente, a sua manutenção no mercado de trabalho.

A taxa de mortalidade das pequenas empresas é alta nos primeiros cinco anos, conforme dados do SEBRAE (2006), alcança índices de até 60% (sessenta por cento). Conjetura-se que a criação e o desenvolvimento dos empreendimentos representam possibilidades na geração de novos empregos, e como conseqüência uma mobilidade social e econômica. Conclui-se que os empreendedores são fundamentais no cenário econômico e social, para a região onde se encontram inseridos (SEBRAE, 2002, DOBREV e BARNETT, 2005).

O Brasil é um país com uma história de colonização baseada na exploração, sendo a cultura empreendedora mais próxima à necessidade de sobrevivência do que à necessidade de inovação e de quebra de paradigmas.

Diante disso, é importante o estabelecimento de uma cultura empreendedora, a partir do desenvolvimento de competências que auxiliem no sucesso do empreendimento.

As Leis de Diretrizes e Bases (2006) falam da importância do sistema educacional como base para o sucesso da economia num país, em consequência de uma relação harmônica entre o desenvolvimento social e econômico, demonstrando uma ligação estreita dessas esferas com a qualidade da educação. Desta maneira, as crianças de hoje precisarão tornar-se profissionais altamente qualificados, com características comportamentais de empreendedores e intraempreendedores, tendo como base uma cultura que envolva a necessidade de auto-realização e da busca do bem estar social.

O comportamento humano gira em torno das necessidades, habilidades, conhecimentos e valores, por isso conhecer as características daqueles que criam uma organização, facilita na formação de indivíduos que atuarão neste meio empresarial.

Deve-se enfatizar que não existe uma personalidade empreendedora, mas são identificadas algumas características comportamentais específicas nestes indivíduos, que são decorrentes também do resultado da história do indivíduo, adquirido e desenvolvido especialmente na infância e a adolescência.

Atualmente alguns cursos do ensino superior, como as engenharias, estão inserindo em suas grades curriculares a disciplina empreendedorismo, mas somente isto não é capaz de formar um empreendedor. Há uma proliferação de cursos que visam fornecer instrumentos de gestão aos empresários, mas existe uma dúvida, se eles realmente atingem os objetivos propostos. (CAMILOTTI, 2007).

É necessário que a sociedade e as autoridades preocupem-se com a democratização do acesso à educação de boa qualidade, um ensino focado no futuro que, desenvolva habilidades e competências, forme cidadãos preparados para a vida, principalmente para o mercado de trabalho.

Para isso, é necessário inserir nas escolas uma proposta pedagógica curricular que possibilite o desenvolvimento de habilidades e competências empreendedoras.

Diante desta necessidade, a escola privada Colégio Bom Jesus - Associação Franciscana de Ensino Senhor Bom Jesus fez uma proposta de pesquisa ao Laboratório de Empreendedorismo, coordenado pelo professor Dr. Álvaro Lezana, com o intuito de elaborar procedimentos que permitissem integrar a

disciplina de empreendedorismo no ensino fundamental. As etapas da presente pesquisa foram iniciadas em 2004.

Neste momento percebeu-se a relevância do trabalho, pois existem poucas pesquisas acadêmicas e científicas voltadas para o desenvolvimento de competências empreendedoras no ensino fundamental.

Entretanto, alguns pesquisadores salientam que é importante o aprendizado de habilidades empreendedoras nesta fase. Dolabela (2003, p.30) afirma que a “cultura tem o poder de induzir ou inibir a capacidade empreendedora”, demonstrando que a educação empreendedora deve começar com as crianças, pois poderá influenciar os comportamentos destes futuros profissionais.

Santos (2004a, p.28) coloca que “formar crianças com espírito empreendedor, responsáveis e com comprometimento social, parece ser tão urgente quanto formar adultos”. Diante dessas afirmações surge a proposta de inserir no currículo do ensino fundamental o tema empreendedorismo, visando formar indivíduos com tais competências, proporcionando a interação entre a educação básica e a capacitação empresarial.

1.5 Aspectos Metodológicos

A presente pesquisa possui natureza aplicada com abordagem qualitativa, uma vez que trata de temas subjetivos como o comportamento humano. Inicialmente a pesquisa utiliza um levantamento bibliográfico, assumindo uma característica exploratória, pois visa uma maior familiaridade com os temas e a construção dos pressupostos (LAKATOS e MARCONI, 2002).

Após esta fase, foram escolhidas as categorias que serviram de base para a elaboração dos procedimentos, são elas: 1. o comportamento dos empreendedores, 2. as competências dos empreendedores e 3. o processo de ensino-aprendizagem.

Objetivando a conjunções entre as categorias, para compreender o “fenômeno” do ato de “aprender” a empreender; optou-se por uma pesquisa descritiva, com a profundidade e a amplitude de um estudo de campo, numa determinada população, para elaboração dos procedimentos de integração entre os temas estudados (GIL, 2002, SANTOS, 1999).

A temática da pesquisa consiste na integração¹ das categorias (citadas acima) a proposta pedagógica existente no ensino fundamental. As etapas deste estudo foram: a definição da temática, do problema, a fundamentação teórica, a definição da hipótese e a elaboração do projeto de pesquisa, seguindo para a fase da pesquisa propriamente dita (Figura 1).

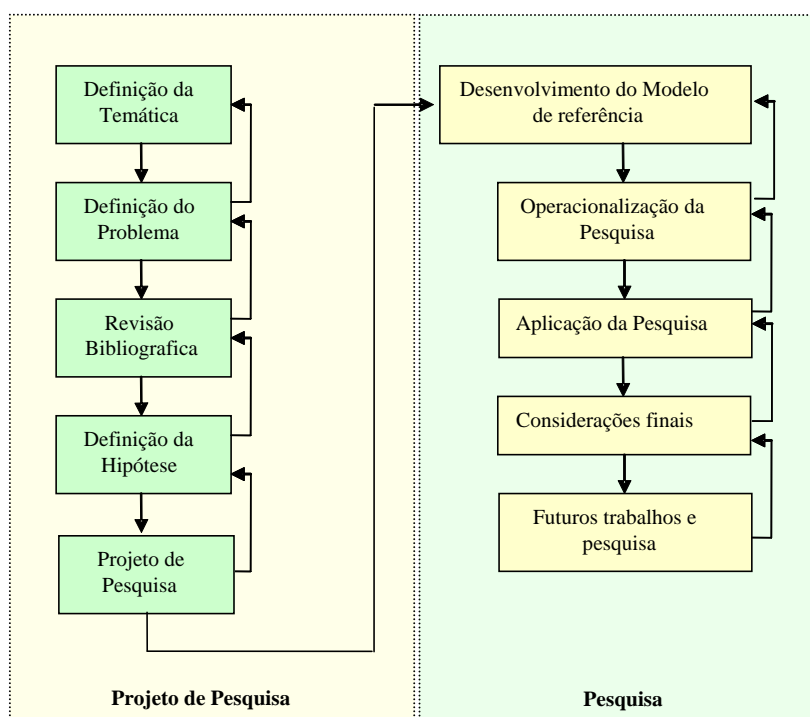


Figura 1. Desenvolvimento da pesquisa
Fonte: Adaptado de Lima (1999)

1.6 Limitações da Pesquisa

Como a pesquisa surgiu a partir da necessidade de uma escola particular, a aplicação do modelo restringe-se aos alunos do ensino fundamental dessa instituição, sendo que o ensino público não foi incluído na população analisada. A opção pela amostragem intencional não probabilística dificulta a capacidade de generalização dos dados, sendo esta característica metodológica uma limitação importante para o presente trabalho.

¹ Integração é termo que vem do latim *integrate*, que significa a capacidade de tornar inteiro, de complementação, de incorporação (MICHAELIS, Dicionário escolar de Língua Portuguesa. São Paulo: Melhoramentos, 2002).

Acredita-se que a aplicação da pesquisa no ensino público implicaria na adaptação dos procedimentos (aulas), devido a algumas características como, por exemplo, as condições sócio-econômicas da população.

Os procedimentos elaborados estão circunscritos no modelo comportamental determinado por Lezana e Tonelli (1998) definido pelas necessidades, conhecimentos, habilidades e valores e ao modelo de competências definido por Fleury (2002) e Le Boterf (2001).

Outra limitação do modelo deve-se ao fato que a pesquisa não atinge todos os níveis escolares. Devido à proposta curricular da escola, a ênfase foi no ensino fundamental – da quinta a sétima série -, sendo inserida por meio de uma disciplina específica dentro da grade curricular.

1.7 Estrutura do Trabalho

O presente trabalho está estruturado em cinco capítulos. O primeiro apresenta os objetivos da pesquisa, bem como a justificativa para a realização da mesma.

O segundo capítulo refere-se a uma revisão da literatura quanto aos conceitos do empreendedorismo: comportamento empreendedor e suas características; ao desenvolvimento de competências, ao processo de ensino-aprendizagem e às questões pedagógicas.

O terceiro capítulo trata da metodologia utilizada nesta pesquisa, tendo como foco a caracterização da população e os instrumentos de análise.

O quarto capítulo traz o modelo elaborado, a integração das categorias analisadas, bem como a aplicação do modelo.

O quinto capítulo apresenta a conclusão da pesquisa, e também sugere novas possibilidades de pesquisas.

2 REFERENCIAL TEÓRICO

2.1 Comportamento Empreendedor

Entender o comportamento humano é ir além do ato, da ação, é preciso buscar a essência humana, seus pontos de vistas, suas dúvidas, suas contradições, suas necessidades, questões estas muitas vezes ocultas para si mesmo, guardadas no que Freud (1969) chamou de inconsciente².

O homem revela-se através de sua personalidade, nos papéis sociais que assume ao longo de sua vida e que vão delineando sua identidade. A personalidade é de alguma forma a junção de diferentes máscaras que contemplam o verdadeiro eu, formada pelo temperamento, auto-conceito, e os desejos/necessidades, as potencialidades e limitações que influenciam o comportamento.

Existem muitas visões de homem e de mundo, que buscam compreender a essência do ser humano. Na Psicologia, o Behaviorismo, a Gestalt, a Psicanálise são correntes que buscam explicar o comportamento humano distinguindo-se quanto as bases filosóficas que se amparam: o empirismo defende que o comportamento é uma construção ambiental a partir dos sentidos, o inatismo traz a influência genética e dos aspectos biológicos como determinantes do comportamento; e o interacionismo adota a mútua relação entre os aspectos ambientais e inatos – na configuração da ontogênese humana (SANTOS, 2004).

Partindo de uma visão interacionista e humanista, compreende-se o indivíduo como um ser em relação, produtor e produto do meio, responsável pelas suas ações e escolhas, capaz de viver no aqui e agora, destinado a entender a sua totalidade, num movimento constante de (re) configuração de suas partes³.

Desta maneira, pode-se dizer que os indivíduos são capazes de atuar no seu meio, provocando mudanças, afetando a sociedade e seus valores. Esse agente capaz de realizar transformações sociais, econômicas e culturais é conhecido como

² Inconsciente para Freud (1969) faz parte da Teoria Topográfica, considerado a parte mais importante, a maior parte do sistema, desconhecida pelo indivíduo; é instintivo e de natureza não verbal, possuindo conteúdos obscuros da consciência. Nele os desejos e as pulsões estão presentes com maior energia. O inconsciente atua em conformidade com o princípio do prazer, tem a necessidade da gratificação imediata, justificando desta forma a sua porção infantil.

³ Estes são também fundamentos da Gestalt Terapia, criada por Perls.

empreendedor. É preciso decifrar as características comportamentais desse sujeito ousado e inovador, que impulsiona o desenvolvimento, busca superar seus limites, ultrapassar o senso comum. Suas idéias trazem muito mais do que um simples ato momentâneo, suas visões geralmente trazem mudanças profundas nos próprios indivíduos e na sociedade.

Kuratko (2003) afirma que o empreendedorismo é um processo dinâmico de visão, mudança e criação, exigindo do empreendedor energia e paixão para a criação e implementação de novas idéias, bem como das soluções criativas.

O empreendedorismo tem sido definido como um processo criativo que agrega algum valor, necessitando da dedicação, do tempo e de esforços, bem como assumir riscos, sejam eles financeiros, psicológicos e sociais, tendo como recompensas a satisfação monetária e pessoal (SADLER-SMITH et al, 2003).

De acordo com Sadler-Smith et al (2003), a diferença entre empreendedores e não-empreendedores está na sociedade. O primeiro valoriza a criatividade, assume riscos, está pautado numa estrutura organizacional informal, preocupado em formular estratégias e em identificar oportunidades. Em contraposição, o não-empreendedor enfatiza o planejamento, o controle, o monitoramento, a avaliação e uma estrutura organizacional formal.

Pessoas empreendedoras são fundamentais para o desenvolvimento da sociedade, pois conseguem articular as inovações e o sucesso dos empreendimentos. Diante disso, é necessário compreender os conceitos de empreendedorismo ao longo do tempo.

2.1.1 Histórico sobre Empreendedorismo

O estudo do empreendedorismo é anterior as revoluções Industrial e Francesa. Seus conceitos foram se construindo nos diversos contextos históricos, sociais e econômicos, envolvendo as diversas áreas de conhecimentos como: a economia, a psicologia, a sociologia, a engenharia, a administração, a matemática, entre outras. A diversidade dos elos formados, a partir da junção entre as diversas ciências, fez com que não houvesse um conceito universal para o empreendedorismo (PEDRO, 2003).

Cantillon (1755), associa o empreendedor aos indivíduos que conseguem perceber novas oportunidades, inovar e assumir riscos. Em 1776, Smith adota uma visão capitalista, afirmando que o empreendedor é apenas um fornecedor de capital. Salienta-se que Smith (1776) fundamenta sua teoria a partir de uma sociedade dividida em duas classes: a dos capitalistas e a dos trabalhadores. Segundo Brollo (2006, p. 12):

Talvez por esse aspecto metodológico a Economia Política Clássica não tenha destacado o empreendedorismo, apenas supondo um agente econômico cuja função específica fosse a de dirigir e comandar o trabalho próprio ou alheio na atividade de produção.

Say (1803) introduz um papel específico para o empreendedor, referindo-se como o indivíduo capaz de unificar os fatores de produção e identificar no “valor dos produtos a reorganização de todo capital que ele emprega, o valor dos salários, o juro, o aluguel que ele paga, bem como os lucros que lhe pertencem” (SAY, 1803, p.117).

Marshall (1890), em suas obras, afirma que o empreendedor é aquele que assume riscos, busca capital e trabalho necessário para o negócio. Este autor acredita que as habilidades necessárias a um empreendedor podem ser aprendidas por qualquer indivíduo.

Para Schumpeter (1911), o empreendedor é um inovador, responsável pela destruição criativa. É um indivíduo, um líder, com talento de perceber e utilizar as vantagens, de criar novos negócios, assim como, utilizar inovação dentro de negócios já constituídos.

Kirzner (1973) entende o empreendedor como aquele indivíduo que consegue perceber as oportunidades existentes no mercado, que busca o conhecimento, sabendo operar diante de incertezas, utilizando habilidades como julgamento, imaginação e criatividade.

Dutta e Crossan (2005) colocam o empreendedorismo a partir das visões de Schumpeter e de Kirzner, o primeiro enfatiza as características comportamentais e o segundo, associa o conhecimento como fator importante para os empreendedores.

Existe uma diversidade de ênfases que auxiliam na compreensão do empreendedorismo. Cunningham e Lischeron (1991) descrevem seis escolas (quadro 1).

CATEGORIA	“ESCOLA”	ÊNFASE
Avaliação de Características Pessoais	Da “Pessoa Especial”	Biografias; Histórias de Sucesso; Características e Atributos Individuais
	das Características Psicológicas	Necessidades, Valores e Comportamentos
Reconhecimento de Oportunidades	Clássica	Tomada de Decisão; Identificação de Oportunidades; Fundação do Negócio
Ação e Gerência	do Gerenciamento	Conhecimento e Formação Técnica
	da Liderança	Liderança; Visão; Motivação
Reavaliação e Adaptação	Do <i>Intrapreneurship</i>	Criatividade; Inovação; Trabalho em Equipe

Quadro 1. As “escolas” do empreendedorismo.

Fonte: Cunningham e Lischeron (apud LIMA, 2001. p.47)

A presente pesquisa assume um posicionamento epistemológico, pois interessa-se pela escola das características psicológicas, que está envolvida nas questões comportamentais, como o desenvolvimento das habilidades empreendedoras, na tentativa de entender a configuração do comportamento empreendedor como um todo.

2.1.2 Modelos de Compreensão do Comportamento Empreendedor

O sucesso⁴ do empreendedor é a soma do comportamento e das condições ambientais favoráveis. Para Morris et al (2001), o empreendedorismo é o resultado da interação entre inúmeras variáveis, que se influenciam mutuamente como: o processo (que está vinculado à capacidade de identificar oportunidades); o próprio empreendedor (que é o concretizador da idéia); o ambiente (todas as forças que podem facilitar - ex. disponibilidade de capital de risco, etc., ou constranger - ex. alta inflação, monopólios, etc., o comportamento do indivíduo); o negócio (a combinação de recursos que resultam num novo produto ou serviço e no acesso ao mercado do novo negócio); os recursos (que facilitam e fazem o negócio se realizar); e por último o contexto organizacional que traz um retrato do empreendimento, desde as questões relacionadas ao tipo e ao tempo da atividade empreendedora, até mesmo a questão da cultura da organização.

⁴ Sucesso, vem do latim *successu* significando êxito, resultado feliz (MICHAELIS, Dicionário de Língua Portuguesa. São Paulo: Melhoramentos, 2002).

Cape (apud SANTOS, 2004) traz uma síntese das condutas (Quadro 2) na tentativa de compreender as pessoas empreendedoras, mostrando a facilidade de adaptação destes indivíduos as condições de trabalho, sendo elas favoráveis ou não.

Condutas	Descrição
Conjunto de Realização	Coragem para correr riscos. Percepção e aproveitamento de oportunidades. Autoconfiança. Preocupação com eficiência e qualidades crescentes. Alto comprometimento com seus objetivos/sua visão. Iniciativa. Persistência. Busca de controle de situações.
Conjunto de Planejamento	Definição clara de objetivos e metas. Avaliação de riscos. Delimitação de riscos moderados calculados. Planejamento e controle das ações resultados. Busca ativa de informação. Busca de aproveitamento de recursos e de novas soluções para problemas.
Conjunto de Influências	Assertividades (comunicação direta). Resistência diante de oposição. Persuasão. Formação de redes de apoio. Promoção da relação de confiança. Controle do trabalho dos colaboradores.

Quadro 2. Síntese das condutas típicas dos empreendedores.

Fonte: Cape (apud SANTOS, 2004)

Mas como definir os empreendedores? Para Santos (2004, p. 200) são indivíduos que:

tem em geral comportamento proativo, capaz de realizar mudanças em si mesmo e no mundo que o cerca (quando necessário e de seu interesse) sem modificar valores essenciais. Alguém que se caracteriza por um aguçado senso de intuição e visão, capaz de prever e lidar com o desconhecido, que mescla inovação com conservadorismo, competitividade com cooperação; em síntese é um **“garimpador de oportunidades”** (grifo do autor).

Lezana e Tonelli (1998, p. 39) afirmam que estes indivíduos podem ser tanto pessoas cooperativas como competitivas, que buscam a inovação, criam, identificam e implementam oportunidades de negócios, conseguindo coordenar os mais diversos recursos, procurando a eficácia, a eficiência e a efetividade, mesmo num meio incerto.

É inegável a associação do comportamento empreendedor com as características como inovação, criação e identificação de oportunidades, a capacidade de assumir riscos e de implementação e finalização. Tais características são habilidades a serem desenvolvidas durante a vida do indivíduo, mas a ação de aprender e desenvolver depende de uma motivação impulsionadora.

2.1.3 Características Empreendedoras

Os indivíduos são movidos pelas necessidades⁵ (Figura 2) somadas às oportunidades para satisfazê-las; visando a concretização de seus desejos utilizam-se de ferramentas como os conhecimentos e habilidades, que são impulsionados ou cerceados pelos valores (LEZANA e TONELLI, 1998).

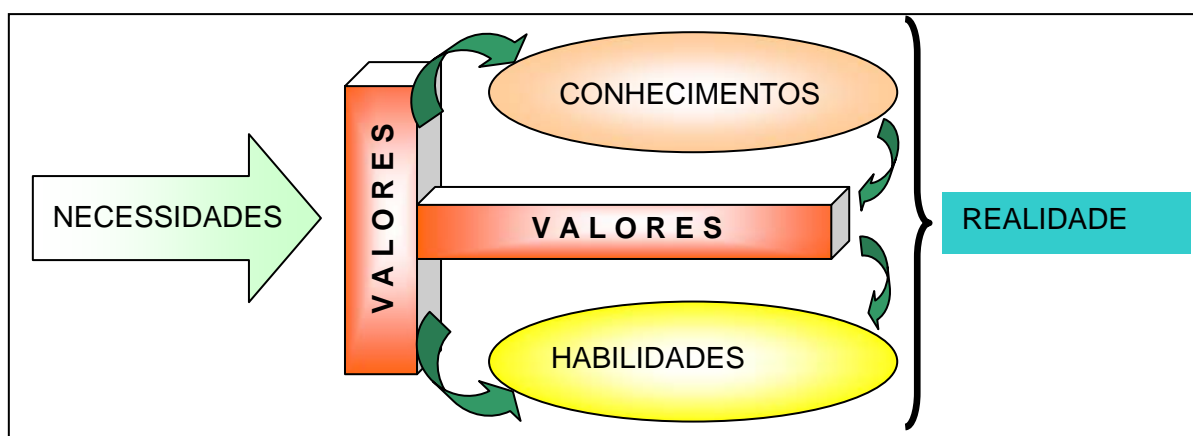


Figura 2. Funcionamento do modelo comportamental.

Fonte: Adaptado de Santos (2004) e Longen (1997).

No modelo proposto por Lezana (1998), a infância e a adolescência, etapas do desenvolvimento humano, são importantes para a introjeção dos valores, que influenciam diretamente na aquisição de conhecimentos e habilidades do empreendedor.

Maslow (2000) enfatiza que as condições intrínsecas ao indivíduo e o tipo de motivo e necessidade determinam o comportamento humano. Em sua teoria motivacional, faz uma hierarquização dos cinco acionadores básicos (Figura 3).

- Necessidades Fisiológicas – correspondem às necessidades mais básicas como alimentação, habitação, sono.

- Necessidades de Segurança – objetivam a preservação do indivíduo, proteção contra perigos e ameaças.

⁵ Necessidades - Segundo Lezana e Tonelli (1998) a necessidade é um déficit ou manifestação de desequilíbrio interno do indivíduo, podendo ser satisfeita, frustrada (permanece no organismo) ou compensada (transferida para outro objeto).

- Necessidades Sociais – envolvem a participação ou associação a grupos, de ser incluídos e integrados realizando a troca afeto e amizade.
- Necessidades de Estima – relacionadas a auto-estima ou ao ego, envolvem auto-confiança, competência, autonomia, reconhecimento, aprovação dos outros. A satisfação promove sentimentos de poder, prestígio e influência.
- Necessidades de Auto-Realização – diz respeito ao desenvolvimento das aptidões e potenciais, por meio do autodesenvolvimento contínuo, na busca da superação dos próprios limites.



Figura 3. Hierarquia das Necessidades de Maslow.
Fonte: Maslow (2000).

Birley e Westhead (1992) classificam as necessidades empreendedoras da seguinte maneira:

Necessidade	Característica
Aprovação	Reconhecimento, ter respeito, status e prestígio da sociedade.
Independência	Liberdade e autonomia.
Desenvolvimento Pessoal	Desenvolvimento de potenciais, habilidades, inovação.
Segurança	Proteção dos perigos e ameaças advindos do meio.
Auto-realização	Aperfeiçoamento dos desempenhos e realizações.

Quadro 3. Necessidades empreendedoras
Fonte: Adaptado de Birley e Westhead (1992).

David McClelland (1986) estudou a relação das necessidades e o comportamento de executivos de empresas. Este autor desenvolveu a teoria dos motivos humanos, que considera três necessidades: afiliação, poder e realização.

A necessidade de realização é a grande propulsora do comportamento dos empreendedores, pois caracteriza-se pelo estabelecimento de metas, busca constante de mudanças e principalmente pelo auto-desenvolvimento. Enfim, é a necessidade que procura a superação dos obstáculos e a necessidade de superar os outros (SCHULTZ e SCHULTZ, 2002)

A necessidade de poder tem como característica obtenção e prática do poder e da autoridade. Refere-se a necessidade de “influenciar e dirigir o comportamento de outros por sugestão, sedução, persuasão ou comando” (SCHULTZ e SCHULTZ, 2002, p. 188).

E ainda, a necessidade de afiliação que está associada ao estabelecimento e à manutenção das interações sociais (MONTANA e CHARNOV, 2000).

Procurando compreender as necessidades empreendedoras, faz-se necessário uma associação entre as teorias de Maslow, de Birley e Westhead (1992) e de McClelland (apud MONTANA e CHARNOV, 2000) representada no quadro 4.

Dos Indivíduos	Dos Empreendedores	
Maslow	Birley e Westhead	McClelland
Fisiológicas		
Segurança	Segurança	
Sociais		Afiliação
Estima	Aprovação Independência	Poder
Auto-Realização	Desenvolvimento Pessoal Auto-realização	Realização

Quadro 4. Associação entre as teorias das necessidades dos empreendedores

O quadro 4 demonstra que a ênfase motivacional está relacionada ao desenvolvimento das aptidões e dos potenciais. Segundo Santos (2004), os empreendedores possuem conduta proativa, preocupados consigo, com a superação e a satisfação pessoal, definindo-os em três grupos dominantes:

- Segurança – autodefesa psíquica; contra-reação; repressão; religião; saúde; segurança.

- Auto-realização – altruísmo; aperfeiçoamento; autonomia; crescimento pessoal; competência; paz; realização; satisfação pessoal; sublimação.

- Estima – controle; defesa; egocentrismo; prestígio; poder; racionalização; valorização.

De acordo com Santos (Op Cit, 2004) as necessidades de realização podem ser classificadas em dois grupos: as associadas às habilidades e conhecimentos e as que envolvem a consciência e a ética (Quadro 5). É importante aliar esses grupos, pois a superação de obstáculos e das próprias limitações, necessita da aquisição dos conhecimentos e desenvolvimento de competências, porém com a consciência das próprias potencialidades e limitações, pautado nos valores do indivíduo.

Desenvolvimento de Habilidades e Conhecimentos	Desenvolvimento da consciência e da ética
<p>Aperfeiçoamento (envolve o desenvolvimento e adequação de habilidades para a aquisição de novos conhecimentos).</p> <p>Competência (eficiência efetiva do emprego adequado das habilidades e conhecimentos)</p> <p>Realização com a atividade profissional (sentir-se bem com a atividade escolhida)</p>	<p>Satisfação pessoal (sentimento de adequação afetiva frente a vida e suas relações)</p> <p>Crescimento pessoal (autoconhecimento, necessidade de perceber e conhecer a si e o mundo ao seu redor, busca de compreensão sobre as relações intra e interpessoais)</p> <p>Altruísmo (necessidade de doar-se, de empregar a sua capacidade em benefícios de outrem)</p>

Quadro 5. Necessidades de auto-realização dos empreendedores.
Fonte: Santos (2004).

O homem usufrui o seu livre arbítrio, sua capacidade de escolher e de captar do meio as informações visando à satisfação das necessidades e o prazer. Para Santos (2004), as esferas individuais e coletivas possuem fronteiras muito tênues, pois as questões psíquicas norteiam a percepção do indivíduo, orientando suas ações e com isso sua capacidade de aprender, ou seja, o ser se reconhece através de um processo coletivo, da socialização.

A Gestalt Terapia afirma que:

o contato é a relação com o meio, entre o que se conhece e o desconhecido, ele acontece na fronteira, onde os mundos se separam e se unem, onde as mudanças se iniciam, o não-eu acaba descobrindo o eu e vice-versa, apostando na existência, buscando a independência, sem

deixar de formar o “nós”, possibilitando o crescimento. (PEDRO, 2003, p. 47)

A partir da necessidade (desequilíbrio interno) inicia-se um processo de aprendizado contínuo, em que o sujeito é capaz de fazer suas escolhas e de desenvolver suas capacidades e habilidades e delinear seu caminho individual e social.

O conhecimento adquirido está diretamente associado a tudo que o indivíduo sabe do mundo que o rodeia. Sua aquisição depende de um processo de aprendizagem, da adaptação e da capacidade de assimilar e acomodar as informações recebidas do mundo (LEZANA e TONELLI ,1998, PIAGET E INHELDER, 2001).

Mas o que é conhecimento? Para Maturana e Varela (2001, p. 35) “conhecer é uma ação efetiva, ou seja, uma efetividade operacional no domínio de existência do ser vivo”. Não se pode ignorar a influência do meio, seja ele físico e/ou social bem como, os processos fisiológicos e as necessidades e experiências vivenciadas (PEDRO, 2003).

Piaget e Inhelder (2001) afirmam que na evolução cognitiva do indivíduo é preciso considerar o desenvolvimento da afetividade e da motivação. O sujeito necessita crescer, afirmar-se, amar e de ser valorizado. Para estes autores, tais desejos constituem os grandes propulsores da inteligência e das condutas em sua totalidade e em sua complexidade.

Ao falar de conhecimento é preciso ter claro as forças inconscientes que movem o indivíduo. Sabe-se que no id⁶ está armazenado grande parte dos desejos, das necessidades e também dos afetos. Ele é regido pelo princípio do prazer, que tem como objetivo exclusivo a satisfação dos desejos. Buscando a satisfação, o indivíduo, por meio do ego utiliza-se de suas ferramentas: conhecimentos e habilidades. Porém, toda ação é norteadada pelo superego, que corresponde aos valores. O superego é o impulsionador ou inibidor das ações humanas (FREUD,1969).

Diante desta dinâmica mental, pode-se dizer que existem dois processos: o motivacional e a aprendizagem, que vão ao encontro com a teoria citada por Santos

⁶ ID, EGO e SUPEREGO – são estruturas mentais postuladas por Sigmund Freud (1969).

(2004) de individuação e de socialização. No primeiro estão incluídos as necessidades e os afetos e no segundo, os conhecimentos e as habilidades. A união deles resulta na identidade do indivíduo, influenciada e construída na sua interação com o meio.

Para a compreensão do comportamento, torna-se fundamental o processo perceptivo, com as funções da gustação, do olhar, falar, escutar, tocar, cheirar, movimentar-se, que permitem a experiência, o aprendizado. Essa consciência de mundo interior e exterior, vai além da consciência do aqui e agora, perpassa os tempos, leva o sujeito ao passado (recordações) e ao futuro (antecipar), é o que Stevens (1988) chama de consciência da atividade de fantasia.

O empreendedor tem a necessidade da busca constante de aprendizado, para ele aprender é um processo contínuo, o que facilita a aquisição dos conhecimentos necessários para iniciar e administrar o seu próprio negócio (POLITIS, 2005). O empreendedor é um indivíduo convicto que novas oportunidades podem surgir a qualquer momento, para isso ele precisa estar preparado. Para tal é fundamental a aquisição dos conhecimentos e o desenvolvimento de suas habilidades (Quadro 6).

Conhecimentos	Conhecimentos Específicos	Habilidades Necessárias
Empresariais	Aspectos técnicos relacionados com o negócio	Comunicação persuasiva Negociação
	Experiência na área comercial	
	Experiência em empresas	Identificação de novas oportunidades Valoração de oportunidades e pensamento criativo
Formal	Escolaridade	Aquisição de informações
	Formação complementar	

Quadro 6. Conhecimentos e habilidades necessárias aos empreendedores
Fonte: Adaptado de Lezana e Tonelli (1998).

Robbins (2002, p.31-32) entende que habilidade é “a capacidade do indivíduo de desempenhar as várias tarefas de um cargo. É uma avaliação corrente do que alguém pode fazer”. Lezana e Tonelli (1998) acreditam que habilidade é a facilidade para utilizar as capacidades, expressada por meio de ações que se iniciam com o conhecimento que o indivíduo possui. Ao enfrentar diversas situações, as

respostas emitidas pela pessoa vão se incorporando ao sistema cognitivo e desenvolvendo a habilidade. Sabendo que a empresa é um reflexo do comportamento do empreendedor, é necessário que algumas habilidades sejam desenvolvidas para se ter o sucesso do empreendimento (Quadro 6).

Lezana e Tonelli (1998)	Filion (1999)	Timmons (1994)⁷
Identificação de novas oportunidades (facilidade de identificar novas oportunidades de produtos e serviços e novos nichos de mercados)	Reconhecimento de oportunidades	Capacidade de descobrir novos nichos de mercados
Valoração de oportunidades e pensamento criativo (capacidade de realizar uma avaliação crítica das oportunidades, utilizando-se da criatividade)	Originalidade Criatividade Inovação Habilidade na utilização de recursos	Criatividade Inovação Capacidade de buscar, utilizar e controlar recursos
Comunicação persuasiva (arte do convencimento, através de todas as formas de comunicação)	Sensibilidade a outros Liderança	Capacidade de influenciar as pessoas Liderança
Negociação (capacidade de negociar – de comercializar os produtos, fixando preços de compra e de venda)	Tolerância à ambigüidade e à incerteza. Flexibilidade Capacidade de correr riscos moderados	Tolerância à ambigüidade e incerteza Capacidade de fixar metas Capacidade de assumir riscos moderados
Aquisição de Informações (capacidade de conhecer, buscar informações sobre aquilo que envolve o empreendimento)	Capacidade de aprendizagem	Aprende com os erros Capacidade de utilizar as informações para o seu aprimoramento.
Resolução de Problemas (podem ser pelo estilo adaptador – melhorando o que já existe; ou inovador – criando soluções novas)	Persistência Iniciativa Tomada de decisão	Perseverança Pró-ativo Comprometimento

Quadro 7. Comparativo das habilidades dos empreendedores segundo Lezana e Tonelli, Filion e Timmons.

O que define os empreendedores dos não-empreendedores são as características, ou melhor, as habilidades desenvolvidas que auxiliam no desempenho da tarefa, tendo como resultado o sucesso do empreendimento (Quadro 7).

Dolabela (1999) acredita que as habilidades empreendedoras podem ser aprendidas. A partir desse pressuposto, criou uma tipologia de habilidades empreendedoras (Quadro 8).

⁷ Apud DOLABELA, F. ,1999.

Conteúdo	Habilidade do empreendedor
<i>Know-why</i> – motivações, atitudes, valores	Auto-confiança, motivação para realizar; perseverança, vontade do risco
<i>Know-how</i> – habilidades	Habilidades técnicas
<i>Know-who</i> – relações	Habilidades para <i>networking</i>
<i>Know-when</i> – oportunidade	Experiência e intuição
<i>Know-what</i> – negócio	Percepção de oportunidades

Quadro 8. Conteúdo e habilidades do empreendedor.

Fonte: Dolabela (1999).

Ruas (2004) salienta que as competências são compreendidas como a capacidade do indivíduo de mobilizar os recursos para atingir desempenhos necessários a uma determinada área. Sendo que as competências gerenciais estão associadas a categorias:

- Conhecimento (saber) – relacionadas aos conhecimentos do ambiente – sociais, cultural, atividades, processos e produtos; conhecimentos gerais e teóricos; e conhecimentos operacionais.
- Habilidades (saber-fazer) – refere-se aquilo que se aprende por meio da experiência, relacionada a experiência profissional na forma de habilidade.
- Atributos (saber ser/agir) – divididos em profissionais (tácitos) e pessoais que se subdividem em intrínsecos (iniciativa, responsabilidade, imaginação, autoconfiança, etc) e relacionais (atuação em grupo, negociação, e comunicação).

Para Coopers e Lybrand (apud FEUERSCHÜTTE, 2005) as competências profissionais são caracterizadas a partir de um enfoque analítico do papel da gerência, se relacionando em concordância à ação do gestor. As categorias de competências são:

- Interacionais – referem-se as habilidades interpessoais e de liderança.
- Solução de problemas – relativas à percepção, planejamento, organização e decisão.
- Capacitação – relacionadas às habilidades para a ação, flexibilidade e adaptabilidade para empreender mudanças.
- Comunicação – habilidade para comunicar com eficiência e eficácia nas interações inter-culturais.

Bird (1995) afirma que a competência dos empreendedores é influenciada pelos traços de personalidade, conhecimentos e habilidades, experiências vivenciadas, educação, família, treinamentos e cursos realizados.

Man ek Lau (2000, p. 237-238) agruparam as competências empreendedoras, determinando indicadores em relação a cada uma delas. Tais indicadores estão atrelados às características - conhecimentos, atitudes e habilidades (Quadro 9).

Competências	Indicadores de competência
Oportunidade	Capacidade de identificação de oportunidades utilizando informações, estratégias de marketing, dentre outros.
Relacionamento	Estabelecimento de redes de relacionamento; fundamentadas na verdade e na confiança; comunicação; negociação, administração de conflitos e tomada de decisões.
Conceituais	Pensamento intuitivo; inovação.
Organização	Planejamento, organização, aprendizagem, motivação.
Estratégia	Definição e alcance de objetivos; uso dos recursos e capacidades; realização de mudanças estratégica; direção à frente dos objetivos; uso de táticas competitivas.
Comprometimento	Compromisso com objetivos de longo prazo; crenças e valores; objetivos pessoais; dedicação ao trabalho.
Suporte	Aprendizagem; adaptabilidade; administração do tempo; auto-avaliação; controle de preocupações e do estresse.

Quadro 9. Competências empreendedoras

Fonte: Adaptado de Man e Lau (2000).

A construção dos conhecimentos e o desenvolvimento das habilidades vão depender dos valores individuais. Na estrutura mental o superego delimita as ações do indivíduo de acordo com os valores morais, éticos, sociais da sociedade, ou seja, o que o ego pode ou não executar. Para compreender o comportamento dos empreendedores é necessário entender a cultura e os valores que norteiam os comportamentos dos indivíduos.

De acordo com Dias (2001, p. 78), “os valores só existem e se realizam no homem, pelo homem e para o homem. Isso nos diz que os valores encontram as suas fontes geradoras no ser e têm como objetivo a realização humana”.

Os valores para Lezana e Tonelli (1998, p. 23) são compreendidos como as “crenças, preferências, aversões, predisposições internas e julgamentos que caracterizam a visão de mundo do indivíduo”.

A adaptação do homem ao meio em que vive depende necessariamente do seu processo de aprendizagem, da introjeção de valores ditados pela sociedade. Sabe-se que a família assim como, a escola, os professores, os amigos e os grupos nos quais o indivíduo está inserido, tem um papel fundamental no processo de educação, e conseqüentemente no repasse de valores.

Segundo Pedro (2003), os valores, apesar de serem muitas vezes duradouros e inconscientes, não são imutáveis. A transformação e modificação dos velhos modelos podem acontecer por meio do processo de aquisição de conhecimento. Sendo assim, novas introjeções assumem o lugar das velhas crenças, re-configurando os comportamentos do indivíduo.

Empinotti (1994) classifica os valores em existenciais (vitais e econômicos), estéticos, intelectuais (científico e culturais), religiosos (divino e profano) e morais (éticos e morais).

Os valores assumem uma dimensão importante na vida e na sociedade, determinando leis e normas de conduta. A compreensão deles permite um melhor entendimento da cultura da organização, pois se supõe que os valores da empresa são apenas uma conseqüência dos valores do empreendedor.

Lezana e Tonelli (1998) relacionam para os empreendedores os mesmos valores listados por Empinotti (citado anteriormente), salientando, porém alguns aspectos especificamente voltados para o comportamento empreendedor, como:

- Valores existenciais: a empresa traz a possibilidade de obter dinheiro, ter acesso a padrões de saúde, alimentação, habitação, lazer, e tudo mais que o empreendedor aspira.
- Valores estéticos: aparecem na preocupação com o ambiente de trabalho, na ordem e na limpeza da empresa, valorizada pelos empreendedores.
- Valores intelectuais: surgem quando o empreendedor determina o ritmo de inovação, a importância da criatividade na empresa, utilização de tecnologias, etc.
- Valores morais: determinaram a relação da empresa com a sociedade. Geralmente os empreendedores são pautados nos preceitos éticos, morais e legais da sociedade.
- Valores religiosos: ligados à espiritualidade num sentido amplo, relacionados com a manifestação cultural da sociedade, o que reflete

diretamente na empresa, através do empreendedor e sua visão diante dos ritos e cerimônias.

Para Pedro (2003), compreender os valores dos empreendedores é importante, pois auxilia no processo de negociação entre empreendedor e colaboradores. Sabe-se que a política social e econômica adotada por cada grupo interfere na tomada de decisão, por isso conhecer os valores humanos e dos grupos nos quais se está inserido, facilita na resolução de alguns conflitos organizacionais. Os valores estão ligados às atitudes e as competências dos indivíduos, influenciando diretamente nos comportamentos empreendedores.

2.2 Competências

O conceito de competência, por algum tempo, esteve atrelado ao de qualificação, porém com as mudanças nas relações de trabalho, em consequência do crescimento da produção, das novas tecnologias, da ampliação das fronteiras internacionais decorrente da globalização, essa relação foi se modificando.

Segundo Ruas (2005), houve uma nova configuração do trabalho e das organizações que fundamentavam as noções de qualificação e de competência, devido à nova lógica econômica e à dinâmica de funcionamento das organizações que aconteceu a partir dos anos 90. Esse autor apresenta as principais características da qualificação e da competência conforme figura 4.



Figura 4. Noções de qualificação e competências
 Fonte: Adaptado de Ruas (2005)

Ropé e Tanguy (2001) salientam que a competência aparece no âmbito do trabalho para substituir a noção da qualificação e na esfera educacional em relação às noções de saberes e conhecimentos. Tal discussão surge principalmente pela proximidade, cada vez maior, entre as escolas e empresas, devido a preocupação com a formação dos indivíduos.

Para Ruas (2005, p.50, grifos do autor), “a noção de competência não deve ser confundida com a de *desempenho*, que é a quantificação da *performance*. A competência é considerada como uma maneira de atingir o desempenho esperado, mas não se confunde com ele”.

A qualificação para Fleury e Fleury (2001) está atrelada a um cargo, uma posição ou a conhecimentos que o indivíduo adquire no processo de formação profissional. A competência para Le Boterf (2003a, 2003b) é desenvolvida em

diferentes meios, através das diversas experiências cotidianas da vida social, incluindo as situações de trabalho.

Segundo Feuerschütte (2005, p. 25), a competência tem seu uso “originalmente na educação, a idéia da competência tem sido apropriada por várias áreas do conhecimento e setores profissionais e, por conseqüência, interpretada segundo sentidos e propósitos distintos”.

A palavra competência tem sua origem no latim *competens* referente ao “que vai com, o que é adaptado a” (LE BOTERF, 2003a, p. 52). Na língua inglesa ela pode surgir em duas formas: 1. *competency* (americana) – aspectos do comportamento de uma pessoa que determinam um desempenho competente, 2. *competence* (inglesa) – designando as áreas que um indivíduo é competente (FLEURY e FLEURY, 2001).

Para Mirabile (apud HANASHIRO et al, 2007, p. 219) “competência é um conjunto de conhecimentos, habilidades, aptidão ou característica associada com alta performance no trabalho, como resolução de problemas, pensamento analítico ou liderança”. Esta definição mostra que os norte-americanos associam as competências como *inputs* do indivíduo, tendo como base os “conhecimentos, habilidades e atitudes que afetam a habilidade individual para a *performance*” (op. cit, 2007, p. 219 – grifo do autor)

De acordo com a corrente francesa as competências são *outputs* “dimensões de fazer com iniciativa e responsabilidade, em determinado contexto, o que se sabe e conhece, mobilizando e integrando recursos pessoais” (HANASHIRO et al 2007, p. 220).

A competência possui várias perspectivas teóricas (Quadro 10): comportamental, funcional, construtivista, interpretativa e crítico-emancipatória, com diferentes focos de análise, influenciados por áreas de conhecimentos, contextos históricos e sociais (FEUERSCHÜTTE, 2005, p. 25).

<i>Perspectivas Análises</i>	Comportamental	Funcional	Construtivista	Interpretativa	Crítico- Emancipatória
Fundamentos - Ciências de origem	Psicologia Pedagogia	Sociologia Teoria dos Sistemas Sociais	Educação Teorias da Aprendizagem	Sociologia do Conhecimento Interacionismo Simbólico	Sociologia História
Paradigma	Positivismo	Funcionalismo	Construtivismo	Fenomenologia Construtivismo	Dialética
Foco da competência	Atributos individuais, traços psicológicos	Desempenho na função/tarefa	Ação	Compreensão do significado do trabalho	Situações concretas de trabalho e suas contradições
Autores	-McClelland (1973) -Boyatzis (1982) -Spencer e Spencer (1993) -McLagan (1997)	-Boyatzis (1982) -Joras (1995) -Robotham e Jubb (1996) -Cheetham e Chivers (1998) -Sparrow e Bognanno (1994) -Hoffmann (1999) -Lévy-Leboyer (2003) -Ruas (2005)	-Le Boterf (2003) -Fleury e Fleury (2001) -Perrenoud (1998) -Ruas (2005) -Zarifian (2001)	-Sandberg (2000) -Sandberg e Dall'Alba (1996)	-Schwartz (2001)

Quadro 10. Síntese dos principais estudos da competência do indivíduo
Fonte: Feuerschütte (2005, p. 71)

A perspectiva comportamental enfatiza os atributos individuais que permitem que a pessoa alcance um desempenho considerado superior ao executar suas tarefas. McClelland (1986) foi um dos primeiros autores deste enfoque, acredita que competências são definidas a partir de características individuais observáveis em uma pessoa (conhecimentos, habilidades, objetivos e valores), capazes antecipar ou de ter como consequência a performance superior nas atividades profissionais ou nas diversas situações da vida. Desta maneira, pode-se dizer que o enfoque comportamental admite a competência como um conjunto de conhecimentos, habilidades e atitudes que resultam num desempenho superior, baseado na inteligência e nos traços da personalidade (McCLELLAND, 1986, FLEURY e FLEURY, 2001).

O enfoque funcional trata as competências em relação a função/tarefa. O conceito de competência é o conjunto de conhecimentos (saber), habilidades (saber-fazer) e atitudes (saber ser) voltadas para a análise funcional por meio do desempenho e das responsabilidades assumidas pelo indivíduo. Segundo Feuerschütte (2005, p. 56) “as competências se definem a partir da identificação da função estratégica da organização ou de algum dos seus setores e dos resultados

da atuação de seus profissionais”. E, segundo Ruas (2005), as competências estão direcionadas para atender os objetivos da empresa, focando nos resultados a serem atingidos.

A perspectiva construtivista faz uma associação da competência ao processo de aprendizagem, ou seja, a competência é demonstrada quando, numa determinada situação, a ação é pautada nos conhecimentos e experiências acumulados e potencializados pelos indivíduos. A competência é um processo de mobilização de capacidades do indivíduo (conhecimentos, habilidades e atitudes) para uma ação, numa situação complexa (FLEURY e FLEURY, 2001, ZARIFIAN, 2001).

Segundo Zarifian (2001), a competência está relacionada a uma compreensão prática da realidade, baseada nos conhecimentos adquiridos – resultantes da qualificação – e modificados pelo indivíduo conforme as situações a serem enfrentadas. As competências são demonstradas por meio das atitudes numa situação nova e imprevisível. Para esse autor as competências significa:

‘tomar iniciativa’ e o ‘assumir responsabilidade’ do individuo diante de situações profissionais com as quais se depara (...) é um entendimento prático de situações que se apóia em conhecimentos adquiridos e os transforma na medida em que aumenta a diversidade das situações (...) é a faculdade de mobilizar redes de atores em torno das mesmas situações, é a faculdade de fazer com que esses atores compartilhem as implicações de suas ações, é fazê-los assumir áreas de co-responsabilidade. (ZARIFIAN, 2001, p. 68-74).

Para Zarifian (2001) existem cinco tipos de competências (Quadro 11) que são demonstradas pelo indivíduo no desempenho da função na organização. São elas: competências sobre processos, competências técnicas, competências sobre a organização; competências de serviço e competências sociais.

Competências	Características
Processos	Conhecimento do profissional sobre o processo de produção.
Técnica	Articulação das capacidades técnicas aos objetivos de desempenho delineados pela organização.
Organização	Modo como os indivíduos se posicionam na empresa: passivamente – submentendo-se a dinâmica organizacional; e participativos – interferindo nos processos crescimento e de mudança da empresa.
Serviços	Reformulação das competências técnicas expressa pela consciência e antecipação das conseqüências de possíveis mudanças sobre o produto ou serviço.
Social	Saber-ser, diz respeito as atitudes do indivíduo, de como ele apreende seu ambiente, de como se comporta, principalmente a partir das características como autonomia, responsabilidade e comunicação

Quadro 11. Tipos de competências

Fonte: Adaptado de Zarifian (2001)

Para Le Boterf (2003b), a competência possui três eixos principais – a pessoa (biografia e socialização), a formação educacional e a experiência profissional – um saber agir com responsabilidade e reconhecimento. De acordo com esse autor a competência é “saber agir com pertinência; saber mobilizar saberes e conhecimentos em um contexto profissional; saber integrar ou combinar saberes múltiplos e heterogêneos; saber transpor; saber aprender e aprender a aprender; saber envolver-se”. (LE BOTERF, 2003a, p. 38).

Este autor apresenta uma diferenciação entre o saber (teóricos, do meio e procedimentais) e o saber-fazer (formalizados, empíricos, relacionais e cognitivos) que integrados permitem a expressão da competência (Quadro 12).

Saberes	
Teóricos	Auxilia a compreensão, o entendimento: fenômeno, situação, organização, processo. Descrevem e explicam: componentes e estrutura, sentido e razão principal, leis de funcionamento. Abrangem: conceitos, conhecimentos disciplinares, organizacionais, racionais São formalizados, difundidos pela escola e formação. São exógenos, relativamente estáveis e de lenta evolução.
Do meio	Refere-se ao contexto no qual o profissional intervém: equipamento, sistema de gestão, cultura organizacional, códigos sociais, características dos clientes, produtos e serviços, etc. Pode ser mais ou menos formalizado, conforme seu objeto. Divide-se em: 1. <i>saberes sobre os processos</i> : descrevem as etapas, o encadeamento dos processos. 2. <i>saberes sobre materiais e produtos</i> : instalações, máquinas, produtos fabricados. 3. <i>saberes organizacionais</i> : funções da empresa, organograma, organização do trabalho, etc. 4. <i>saberes sociais</i> : englobam estruturas de clientes, resultado de uma pesquisa social, conclusões de estudo de mercado, etc.
Procedimentais	Descrevem as regras para agir, como uma ação deve ser realizada: procedimentos, métodos, modos operatórios. São finalizáveis, aplicáveis a um campo específico e formulados do ponto de vista do seu usuário. São formalizados, podem ser enriquecidos pela ação. Adquiridos por sistemas formais de educação e de formação. Podem ser: estratégias ou métodos para solução de problemas, modelos de análise, regras operatórias e de ação.
Saber-fazer	
Formalizados	Condutas, métodos ou instrumentos de utilização prática dominados pelo profissional. Aplicação do saber-fazer – saber-fazer procedimentais.
Empíricos	Saber oriundo da ação; são as lições tiradas da experiência prática. “saber-fazer experiencial”; conhecimento tácito. Saber que se adquire “durante a ação”. É inseparável do fazer; validado mais por sua eficácia pragmática e imediata do que por sua coerência interna. Resulta da formação no local de trabalho: a aprendizagem ocorre pela impregnação lenta e progressiva da profissão. Gerado da resolução de problemas profissionais singulares, é pouco generalizável; é ligado à pessoa e não é universal. Inteligência prática – inteligência do corpo: saber alertado por sinais, intuição, interpretação inconsciente que não passa pela problematização formal.
Relacionais	Saber cooperar e conduzir-se nas situações profissionais de modo a se relacionar adequada e proativamente no contexto do trabalho. Gerado pela experiência profissional e social
Cognitivos	Operações intelectuais necessárias para formular, analisar e resolver problemas; conceber e implementar projetos; tomar decisões; criar ou inovar. Realizam-se através de ações interiorizadas relativamente simples (descrever, classificar, distinguir, comparar, explicar, etc.) ou por operações mais complexas (generalização indutiva, generalização construtiva, raciocínio analógico) Produzem inferências – informações novas criadas a partir de um conjunto de informações iniciais. Gerados por meio da educação formal, da formação inicial e da análise contínua da experiência social e profissional.

Quadro 12. Saberes e saber-fazer
 Fonte: Adaptado de Le Boterf (2001)

Para Perrenoud (2000, p.15) competência é a “capacidade de mobilizar diversos recursos cognitivos para enfrentar um tipo de situações”. Este autor diz ainda que para ser competente é necessário efetuar algumas operações mentais complexas, através dos esquemas de pensamentos, que possibilitam a determinação (consciente ou inconsciente) e a realização efetiva de uma ação adequada ao contexto.

Segundo Zarifian (2001, p. 67), a competência não se refere apenas à qualificação de um emprego, ela “se manifesta e é avaliada quando de sua utilização em situação profissional (na relação prática do indivíduo com a sua situação profissional, logo, a maneira como ele enfrenta essa situação está no âmago da competência)”. A competência é uma ligação entre conhecimentos, saber-fazer, experiências e comportamentos (MEDEF, apud ZARIFIAN, 2001).

A perspectiva interpretativa está fundamentada nos paradigmas fenomenológicos. Para este enfoque, a competência é delimitada pelas habilidades e conhecimentos, porém tais características são importantes quando o indivíduo utiliza-as no trabalho, ou seja, atrela a competência às relações de trabalho (SANDBERG, 2000).

O enfoque crítico-emancipatório possui bases no pensamento crítico-dialético e tem uma noção da competência multidimensional. Essa perspectiva admite uma competência que envolve os indivíduos e as esferas sócio-culturais e históricas relacionadas ao trabalho. Assim sendo, para este enfoque as competências humanas são historicamente constituídas, desenvolvidas entre as dimensões individuais e sociais (DELUIZ, 2004).

(...) leva em conta a dinâmica e as contradições do mundo do trabalho, os contextos macroeconômicos e políticos, as transformações técnicas e organizacionais, os impactos sócio-ambientais, os saberes do trabalho, os laços coletivos e de solidariedade [...]. Desta forma, investiga as competências do mundo do trabalho a partir dos que vivem as situações do trabalho, ou seja, dos próprios trabalhadores, identificando os seus saberes formais e informais, as suas formas de cultura e o patrimônio de recursos por eles acumulado nas atividades de trabalho. (SCHWARTZ, 2001 *apud* DELUIZ, 2004, p.13).

Dainty, Cheng, Moore (2005) dizem que as competências referem-se aos atributos pessoais que um indivíduo dispõe sobre as partes das atividades do trabalho delas. Ou seja, a competência é uma relação com o trabalho, conceito que define as áreas de trabalho no qual uma pessoa precisa ser competente, referindo-se à dimensão do desempenho do comportamento, envolvendo uma reflexão das ações, experiências e limitações.

Para os autores brasileiros, a competência agrega um valor econômico e social (HANASHIRO et al, 2007). Para Fleury (2002, p. 55), a competência é “um saber agir responsável e reconhecido que implica mobilizar, integrar, transferir

conhecimentos, recursos, habilidades, que agregue valor econômico à organização e valor social ao indivíduo” (Figura 5).

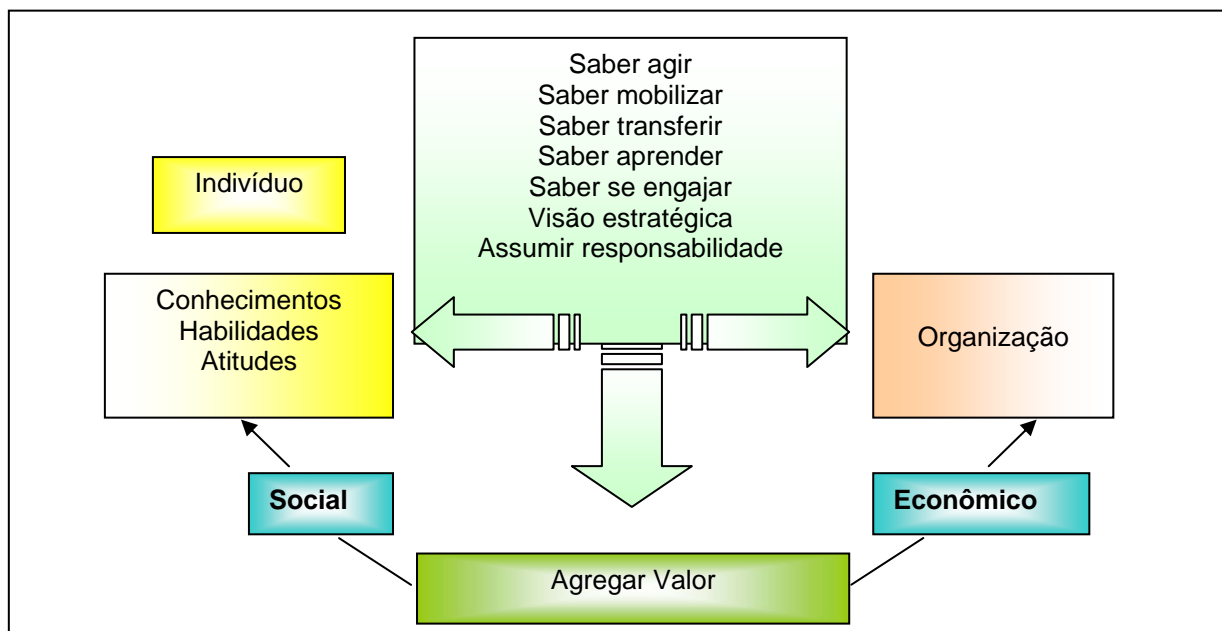


Figura 5. Competências como fonte de valor para o indivíduo e para a organização.

Fonte: Fleury (2002).

Fleury (2002) traz algumas definições, inspiradas na obra de Le Boterf:

- Saber agir: saber o que e por que faz, saber julgar, escolher, decidir.
- Saber mobilizar recursos: criar sinergia e mobilizar recursos e competências.
- Saber comunicar: compreender, trabalhar, transmitir informações, conhecimentos.
- Saber aprender: trabalhar o conhecimento e a experiência, rever modelos mentais, saber se desenvolver.
- Saber se engajar e se comprometer: saber empreender, assumir riscos, comprometer-se.
- Saber assumir responsabilidades: ser responsável, assumindo os riscos e as conseqüências de suas ações, sendo por isso reconhecido.

- Ter visão estratégica: conhecer e entender os negócios da organização, seu ambiente, identificando oportunidades e alternativas.

Fazendo uma associação entre os autores Fleury (2002) e Lezana e Tonelli (1998) pode-se afirmar que para cada habilidade definida existe um conhecimento necessário (tratado no quadro 6), associada ao comportamento (atitudes) do indivíduo, delineando desta maneira o modo de atuação no mundo, ou melhor, na organização. Ou seja, o indivíduo vai direcionando suas habilidades e seus conhecimentos para alguma tarefa. No entanto, as habilidades se tornam competências empreendedoras a partir do momento que são contempladas as esferas definidas por Fleury (2002): o indivíduo, os saberes, a organização e os valores econômicos e sociais (Figura 5).

Para compreender as competências do indivíduo é preciso entender como as atitudes vão influenciar em suas atividades. Por atitude compreende-se “uma organização duradoura de crenças e cognições em geral, dotada de carga afetiva pró ou contra um objeto social definido, que predispõe a uma ação coerente com as cognições e afetos relativos a este objeto” (RODRIGUES, 1992, p. 345). Com essa definição, pode-se afirmar que existem três componentes importantes das atitudes:

- **Componente cognitivo** - Para haver uma relação com algum objeto, é necessária uma representação cognitiva dele. Estão incluídos, nesse componente, as crenças, os valores, as pré-concepções, que influenciam a percepção em relação ao objeto, ou seja, é preciso conhecê-lo para se ter algum sentimento em relação a ele.
- **Componente afetivo** - Refere-se ao sentimento pró ou contra determinado objeto social.
- **Componente comportamental** - É o componente “ativo, instigador de comportamentos coerentes com as cognições e os afetos relativos aos objetos atitudinais” (RODRIGUES, 1992, p. 348). Para Newcomb (apud RODRIGUES, 1992, p. 348), “as atitudes humanas são propiciadoras de um estado de prontidão que, se ativado por uma motivação específica, resultará num determinado comportamento”.

Rodrigues (1992, p. 348) relata que, devido ao seu “caráter instigador à ação quando a situação propicia, as atitudes podem ser consideradas bons

preditores de comportamento manifesto”. Pode-se dizer que a atitude é a resultante entre o conflito das necessidades e dos valores que, numa situação determinada, aciona um comportamento. Por isso, pode-se verificar algumas inconsistências entre o que se predispõe a realizar e o realizado. A correspondência entre atitude e comportamento dependerá do interesse da pessoa, ou seja, a força da necessidade motivadora do comportamento, bem como dos valores – impulsionadores ou cerceadores – em relação a tal comportamento.

Para Munné (apud SAVOIA e CORNICK, 1989, p. 49), as atitudes são formadas por meio de três fatores:

- **A informação recebida** - Para haver uma atitude, é necessário que se tenha o mínimo de conhecimento a respeito de algo; quando não se possuem informações suficientes, pode-se correr o risco da adoção de comportamentos arbitrários e preconceituosos.
- **O grupo de identidade** - Desde o nascimento, existe uma pressão para que o indivíduo se comporte de acordo com as normas estabelecidas por cada grupo. O primeiro grupo é a família, depois vem a escola, os amigos, os colegas de trabalho, etc. É importante dizer que essa pressão tem como objetivo a manutenção da coesão interna, de acordo com um sistema de crenças, valores e atitudes.
- **As necessidades pessoais** - As atitudes se formam a partir de um processo de satisfação das necessidades.

De acordo com Pieron (apud CASADO, 2002, p. 235), “é diante das demais pessoas que a individualidade se complementa. Dessa forma, o convívio nos grupos sociais (...) possibilita a expansão e o desenvolvimento dos indivíduos”. Apesar de sua singularidade, o homem precisa estar integrado com o seu meio, buscando o seu complemento na relação entre o conhecido e o desconhecido, o eu e o não-eu, descobrindo e desenvolvendo suas capacidades.

Crawford (apud DAINTY et al, 2005) afirma que a competência é um assunto de importância para os indivíduos e os negócios, evidenciando as habilidades para o desenvolvimento da carreira.

Contudo, como desenvolver tais competências? A formação de competências está diretamente atrelada ao processo de aprendizagem de tarefas e

saberes voltados para áreas específicas, validados pela qualificação em processos formais de educação (DUGUÉ, 2004).

Em contrapartida, Levy-Leboyer (2003) não atrela o desenvolvimento de competências somente ao processo de educação formal, pois a escola avalia as competências a partir de disciplinas específicas. É importante salientar que as competências são decorrentes também, das experiências vividas. Segundo este autor (Op cit., p. 26-27) “(...) nunca se deixa de aprender durante a vida; todas as experiências são suscetíveis de se tornar situações de aprendizagem: profissionais, familiares, sociais, etc.”.

Sabe-se que é na adolescência, um período de transição entre a infância e a fase adulta, que o indivíduo busca a sua identidade. Segundo Santos (2004, p. 50):

Para atingir esta nova identidade o jovem tem que integrar as múltiplas auto-imagens que lhe concernem, escolher uma carreira e um estilo de vida. Viver plenamente a sua sexualidade, aprender construtivamente, sair do estágio de moratória social para galgar um papel social ativo que implica na escolha de uma profissão e na capacidade de conseguir estabelecer sólidos laços afetivos; atributos exigidos para transpor a fase atual e seguir para o próximo estágio de desenvolvimento, a vida adulta.

A escola exerce um papel importante, na formação dos valores e na adaptação do indivíduo ao seu mundo. Por isso, o desenvolvimento das competências empreendedoras nesta etapa da vida pode significar um salto qualitativo para o futuro deste indivíduo, auxiliando-o na vida profissional, pois tais habilidades são imprescindíveis tanto para o empreendedor de sucesso como para um profissional qualificado que pretende disputar o exigente mercado globalizado – um intraempreendedor.

2.3 Processo de Ensino-Aprendizagem visando o Desenvolvimento de Habilidades Empreendedoras

Por meio da aprendizagem o indivíduo introjeta as informações do meio e inicia o processo de construção de conhecimentos a respeito do mundo e de si mesmo. Para Santos (2004, p. 45) “a aprendizagem diferencia-se da educação que é um fenômeno social, a aprendizagem vem de dentro para fora”.

Pode-se dizer que a curiosidade é um dos grandes estimuladores do desenvolvimento humano. Quanto mais possibilidades a criança tiver para explorar e atuar no seu meio, inventando seu próprio conhecimento, mais o aspecto cognitivo será estimulado (MUSSEN, KAGAN, CONGER, 1988).

Diante de um desafio, de um estímulo, de uma lacuna no conhecimento, o sujeito se desequilibra intelectualmente, fica curioso, instigado, motivado e, através de assimilações e acomodações. Ele procura restabelecer o equilíbrio que é sempre dinâmico, pois é alcançado por meio de ações físicas e/ou mentais (SILVA, 2002, p. 36).

Para o construtivismo, os indivíduos organizam suas experiências, na tentativa de uma adaptação ao ambiente. No processo de aprendizagem (Piaget, 1996) a adaptação acontece quando os esquemas de assimilação – ajuste das estruturas já existentes; sofrem acomodação – modificação das estruturas e conceitos vigentes, ou seja, “quando um organismo se transforma em função do meio” (AIUB, 2002, p. 40).

O processo de aprendizagem na realidade é a luta pelo equilíbrio. Piaget e Inhelder (2001, p.129) afirmam que “a cada nova estrutura mental, ao integrar as precedentes, consegue ao mesmo tempo, liberar em parte o indivíduo do passado e inaugurar atividades novas, que, no nível presente são essencialmente orientadas para o futuro”.

Piaget (1990, p. 01) diz que:

o conhecimento não pode ser concebido como algo predeterminado nem nas estruturas internas do sujeito, porquanto estas resultam de uma construção efetiva e contínua, nem nas características preexistentes do objeto, uma vez que elas só são conhecidas graças à mediação necessária dessas estruturas, e que estas, ao enquadrá-las, enriquecem-nas (quando mais não seja para situá-las no conjunto dos possíveis).

Compreender a cognição do indivíduo empreendedor é entender como ocorre o processo de aprendizagem, a forma como realizam suas conclusões, julgamentos e principalmente o processo de decisão, que envolve a avaliação de oportunidade e a criatividade (MITCHELL ET AL, 2002).

Silva (2002, p.34) afirma que:

A experiência do indivíduo sobre o meio ambiente, na experiência ativa, é um fator preponderante no aspecto de desenvolvimento biológico e cognitivo para a expansão e apropriação do conhecimento. O conhecimento físico é o conhecimento das propriedades físicas do objeto, manipulando-o e agindo sobre ele. Um indivíduo não pode construir um esquema de forma bem elaborada se não tiver contato físico com ele .E

esse contato acontece de várias formas vendo gravuras, ouvindo sobre o tema e tocando-o com as mãos. Assim, pode-se dizer que este tipo de conhecimento é a descoberta dos objetos e eventos.

Então, o conhecimento vai sendo adquirido a medida que o indivíduo interage com o objeto, a interação social para o construtivismo é “intercâmbio de idéias entre as pessoas” em que a troca de significados por meio da linguagem vai aperfeiçoando os esquemas conceituais, e conseqüentemente as relações sociais (SILVA, 2002, p. 35).

No desenvolvimento do indivíduo, na pré-adolescência e adolescência os valores e os afetos assumem uma dimensão maior.

Quanto às possibilidades que abrem os valores novos são claras no próprio adolescente, que apresenta a dupla diferença, em relação à criança, de ser capaz de construir teorias e preocupar-se com a escolha de uma carreira que corresponda a uma vocação e lhe permita satisfazer as necessidades de reformação social e criação de idéias novas. O pré-adolescente não está nesse nível, mas inúmeros indícios revelam, na fase de transição, o princípio do jogo de construção de idéias ou de estruturação de valores ligados a projetos de futuro (PIAGET e INHELDER, 2001, p.30).

Tal afirmação mostra a importância do adolescente ter contato com um universo diversificado, instigando sua curiosidade, inserindo novos valores, novos conhecimentos visando a construção do futuro.

Para Piaget e Inhelder (2001), o desenvolvimento cognitivo é influenciado pela maturação orgânica; pelo papel do exercício e da experiência adquirida na ação sobre objetos e pela interação e transmissão social.

Segundo Silva (2002, p.38), o indivíduo encontra-se inserido desde o nascimento em um meio social, numa sociedade que oferece um sistema de signos já construídos que transformam o pensamento, possibilitando o contato com valores e regras. “É, portanto, evidente, que a vida social transforma a inteligência pelo conteúdo das permutas (valores intelectuais), pelas regras impostas ao pensamento – normas coletivas, lógicas ou pré-lógicas”.

Paulo Freire (1996) diz que na experiência do aprendizado é preciso a consciência do inacabado. Um homem ciente de sua inconclusão é um ser que se movimenta, que busca ir além de si, dos fatos, do mundo. É um ser curioso, que quer conhecer e se desenvolver, um indivíduo que deixa de ser marionete, que toma decisões e torna-se um sujeito da história.

Para Vygotsky (1998, p. 115) “o aprendizado humano pressupõe uma natureza social específica e um processo através do qual as crianças penetram na vida intelectual daquelas que as cercam”. Daí a importância do conceito de Zona Proximal, que mostra o papel da imitação no aprendizado e significa:

a distância entre o nível de desenvolvimento real, que se costuma determinar através da solução independente de problemas, e o nível de desenvolvimento potencial, determinado através da solução de problemas sob a orientação de um adulto ou em colaboração com companheiros mais capazes (op cit, p. 112)

A escola tem como principal papel orientar e estimular os processos internos do desenvolvimento. Vygotsky, Luria, Leontiev (1988, p. 117) afirmam que “Cada matéria escolar tem uma relação própria com o curso do desenvolvimento da criança, relação que muda com a passagem da criança de uma etapa para outra”.

Por isso o ato de ensinar torna-se fundamental para o aprendizado. Segundo Paulo Freire (1996) tal processo exige do educador e do educando autonomia, liberdade e principalmente comprometimento. Para este autor (Op. cit., p. 47) ensinar é “criar as possibilidades para a sua própria produção ou sua construção”.

O professor é um profissional que trabalha com o conhecimento, que constrói significados e que tem autonomia para acomodar os conteúdos, ou seja:

O professor é que, em última instância, decide os aspectos a serem desenvolvidos na classe, especificando quanto tempo dedicará a uma determinada matéria, que tópicos vai ensinar, a quem ensina, quando e quanto tempo conceder-lhes-á e com que qualidade serão aprendidos. (SCHWILLE, apud SACRISTÁN, 2000, P. 175)

O ponto de partida é com o professor, compreendendo que suas condutas são afetadas pela política escolar vigente. Porém, ele está “envolvido num processo de observação, interpretação, construção de significados sobre a realidade pedagógica que lhe servem para prever os acontecimentos e também guiam sua conduta” (SACRISTÁN, 2000, p. 172).

É preciso uma pedagogia que incorpore novos conteúdos, novos instrumentos visando o desenvolvimento das habilidades, apoiando-se numa concepção de conhecimento e comunicação que ultrapassem a esfera escolar. As fronteiras entre escola e sociedade estão muito mais permeáveis; é fundamental buscar a realidade para facilitar o aprendizado.

Para Coll (1998, p. 53)

Desenvolvimento, aprendizagem e ensino são três elementos relacionados entre si: o nível de desenvolvimento efetivo condiciona os possíveis aprendizados que o aluno pode realizar graças ao ensino, porém este, por sua vez, pode chegar a modificar o nível de desenvolvimento efetivo do aluno mediante as aprendizagens que promove. *Assim, o ensino eficaz é o que parte do nível de desenvolvimento do aluno, não para se acomodar a ele, mas para fazê-lo progredir através da sua zona de desenvolvimento proximal, para ampliá-la e gerar, eventualmente, novas zonas de desenvolvimento proximal* (grifos do autor).

Na aprendizagem significativa o aluno constrói sua realidade, atribuindo seus significados. Deve partir dos esquemas já estruturados, ou seja, da sua realidade e da sua experiência, para estabelecer relações com a nova informação, transformando-a em conhecimento. Cope (2005) coloca cinco áreas significativas que precisam ser exploradas pelos empreendedores:

- Aprendizagem de si mesmo – inclui a compreensão de suas forças e fraquezas, o papel da mudança nos negócios; necessidades e objetivos pessoais e familiares; desenvolvimento pessoal; interesses e motivações pessoais.
- Aprendizagem sobre o negócio – forças e fraquezas; oportunidades e ameaças; necessidades internas do negócio; exigências para o crescimento; conhecimento do staff e visão de futuro.
- Aprendizagem sobre o meio e *networks* – aprendizagem como administrar relacionamentos com clientes, fornecedores e concorrentes.
- Aprendizagem sobre a administração do pequeno negócio – sobre como controlar os negócios, incluindo procedimentos e sistemas como recrutamento, salários, recompensas e etc.
- Aprendizagem sobre a natureza e a administração dos relacionamentos – inclui os relacionamentos internos e externos (à empresa), este elemento é a integração entre as demais áreas.

Segundo Romiszowski (apud COLL, 1998, p. 69, grifos do autor) “as intenções educativas podem referir-se (...) aos *resultados* de aprendizagem que se espera obter, aos *conteúdos* sobre os quais a aprendizagem versa ou às próprias *atividades* da aprendizagem”. Com isso o autor traz dois pontos de vistas

fundamentais no processo de ensino aprendizagem (Figura 6): o do professor (ensino) e do aluno (aprendizagem).

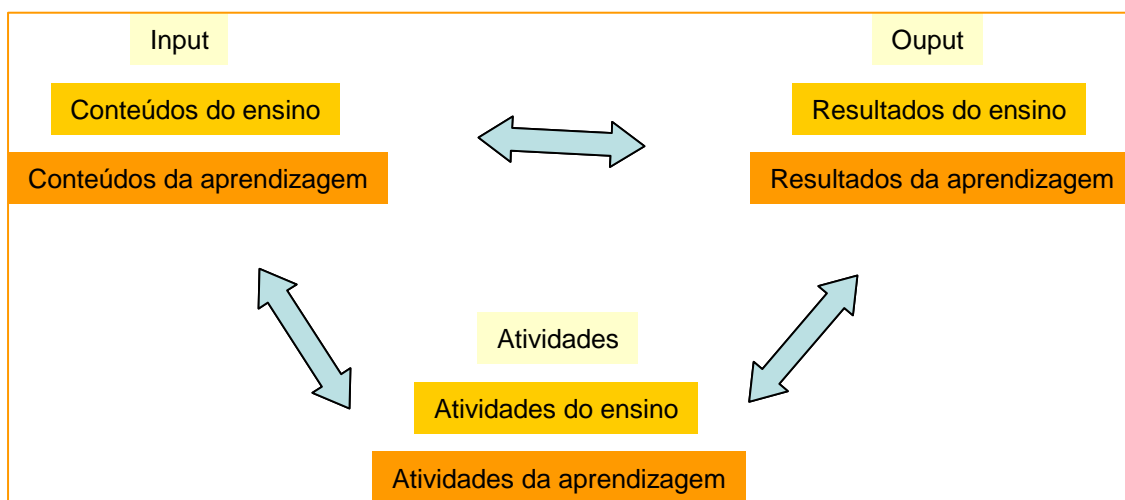


Figura 6. Intenções educativas.

Fonte: Coll (1998, p. 70).

O empreendedorismo está intimamente relacionado com o processo de aprendizagem, segundo Cope (2005), uma teoria de empreendedorismo requer uma teoria de aprendizagem.

Na relação de ensino-aprendizagem, o objetivo primordial é o desenvolvimento das habilidades do indivíduo. Dolabela (2003) criou a pedagogia empreendedora que tem como base a Teoria Empreendedora dos Sonhos, que não se propõe a ser uma “metodologia educacional de uso amplo” (p.55). Trata-se “uma estratégia didática para o desenvolvimento da capacidade empreendedora de alunos da educação infantil até o nível médio” (Op. cit, p. 55). Para sua proposta este autor inicia com a pergunta “qual é o seu sonho e como você vai realizá-lo”.

Drucker (2002) coloca que ser empreendedor não é mágica, mas sim disciplina e como toda disciplina, pode ser aprendida. Katz (apud KURATKO, 2003, p.13) afirma que a “a formação de empreendedorismo como uma força nas escolas de negócios começou no início de 1970”.

Segundo Santos (2004a), a disseminação do empreendedorismo no ensino superior tem trazido alguns benefícios sejam eles individuais ou sociais. No ensino médio e fundamental existem alguns programas tratando de empreendedorismo, porém estes não estão agregados à matriz curricular, sendo trabalhados como

temas transversais. Kuratko (2003) afirma que aumentou o número de escolas que oferecem programas para o desenvolvimento do empreendedor.

Alguns destes programas são realizados em todo o Brasil com apoio de instituições públicas e/ou privadas, visando despertar o espírito empreendedor nos jovens ainda na escola, por exemplo: o Jovem Empreendedor (SEBRAE, 2006), resultado de uma parceria do Ministério do Trabalho e Sebrae; o Junior Achievement, criado nos Estados Unidos, em 1919, mantido no Brasil desde 2002 (Junior Achievement, 2007). E ainda, em 2000, na cidade de Florianópolis, a Escola de Novos Empreendedores, da Universidade Federal de Santa Catarina, desenvolveu um projeto piloto Jeca Tatu Empreendedor, voltado para alunos de escola pública (SANTOS, 2004a, CAMILOTTI, 2001).

Kuratko (2003) relata que para a formação de empreendedores são necessários vários métodos de transferência de informação e “*expertise*”, citando as conferências, os estudos de casos e a viabilidade dos planos como possíveis métodos de ensino.

Enfim, a formação de empreendedores pode incluir a construção de habilidades em negociação, liderança, criatividade, inovação, e ainda, consciência da opção da carreira de empreendedor, capacidade de assumir riscos, tolerar a ambigüidade (KURATKO, 2003). Smilor (apud COPE, 2005, p. 375) diz que “empreendedores são aprendizes excepcionais”, ou seja, são pessoas que não param de aprender, buscam constantemente o conhecimento e o desenvolvimento de habilidades.

O empreendedorismo nas escolas de ensino médio e fundamental auxilia na formação do indivíduo, tornando um sujeito capaz de pensar e agir com consciência, de solucionar problemas que possam surgir em sua vida pessoal e profissional.

Empreendedorismo na educação infantil faz-se necessário, principalmente quando se tem a presença de crianças que não esperam a definição do mundo adulto para crescer e se desenvolver. Crianças que exalam em sua curiosidade, criatividade, ousadia, determinação e persuasão a essência do espírito empreendedor e que, muitas vezes, diante de uma educação inadequada tornam-se talentos desperdiçados (SANTOS, 2004a, p.55).

Capacitar um aluno para adquirir competências empreendedoras é possibilitar uma educação mais criativa, que desenvolva seu talento e potencial. Atualmente existe uma educação baseada nos erros, na negação do sujeito, com o

ensino do empreendedorismo existe a possibilidade do aprendizado a partir daquilo que se conhece, ou seja, os erros e o desconhecimento tornam-se possibilidades de criação e de novas soluções, perdendo a conotação de fracasso. Desta maneira, aprender a empreender deve ser uma atividade estimulante, criativa e com qualidade.

Clouse et al (2003) colocam alguns pontos importantes para a educação de empreendedores, como:

- facilitar o desenvolvimento da criatividade e da independência;
- estabelecer um processo no qual os empreendedores consigam resultados e conseqüentemente sucesso;
- utilizar experiências, como estudos de casos, possibilitando a interação, visando o desenvolvimento das habilidades;
- aprender por meio da “tentativa e erro”;
- aumentar a auto estima dos alunos com relação ao desenvolvimento das habilidades empreendedoras, fazendo com que sejam mais seguros para assumir riscos.

Gadotti (2001) afirma que a escola deve ser participativa e responsável pela formação do sujeito enquanto ser social. Procurando inovar, fazer reestruturação curricular, elaborar seus parâmetros currículos, “ousar construir o futuro” com o intuito de ser cidadã. Cabendo ao educador o papel de mediador do conhecimento e ao aluno o papel de construir seu próprio conhecimento, buscando sentido para suas atividades.

Clouse et al (2003) enfatizam que um programa de educação empreendedora com um currículo satisfatório envolve o desenvolvimento das habilidades para resolver problemas, cabendo aos alunos, por meio de aplicação prática, apreender os conceitos. Salienta-se que o currículo vai se moldando a crescente necessidade dos estudantes em desenvolver as competências empreendedoras.

Perrenoud (2000) comenta sobre dez domínios de competências importantes para os docentes do ensino fundamental e Paulo Freire (1996) escreve sobre os saberes necessários à prática de professores (quadro 13).

Perrenoud (2000)	Freire (1996)
Competências de referências	Saberes necessários a prática educativa
<ol style="list-style-type: none"> 1. Organizar e dirigir situações de aprendizagem 2. Administrar a progressão das aprendizagens 3. Conceber e fazer evoluir os dispositivos de diferenciação 4. Envolver os alunos em sua aprendizagem e em seu trabalho 5. Trabalhar em equipe 6. Participar da administração da escola 7. Informar e envolver os pais 8. Utilizar novas tecnologias 9. Enfrentar os deveres e dilemas éticos da profissão 10. Administrar sua própria formação contínua 	<ol style="list-style-type: none"> 1. Rigoriedade Metódica 2. Pesquisa 3. Respeito aos saberes dos educandos 4. Crítica 5. Estética e ética 6. Corporeificação das palavras pelo exemplo 7. Risco, aceitação do novo e rejeição de qualquer forma de discriminação 8. Reflexão crítica sobre a prática 9. Reconhecimento e assunção da identidade cultural 10. Consciência do inacabamento 11. Reconhecimento de ser condicionado 12. Respeito à autonomia do ser do educando 13. Bom senso 14. Humildade, tolerância e luta dos direitos dos educadores 15. Apreensão da realidade 16. Alegria e esperança 17. Convicção de que a mudança é possível 18. Curiosidade 19. Segurança, competência profissional 20. Comprometimento 21. Compreender que a educação é uma forma de intervenção no mundo 22. Liberdade e autoridade 23. Tomada consciente de decisões 24. Saber escutar 25. Reconhecer que a educação é ideológica 26. Disponibilidade para o diálogo 27. Querer bem aos educandos

Quadro 13. Competências prioritárias dos docentes no ensino fundamental.
 Fonte: Adaptado de Perrenoud (2000) e Freire (1996).

Perrenoud (2000) afirma que os professores devem ter como estratégia a criação, a intensificação e a diversificação do desejo de aprender, favorecendo desta maneira a decisão do aprendiz. Fala ainda que “ensinar é também estimular o desejo de saber” (p. 71). Para tal, é necessário que se tenha claro o poder que o aprendiz confere ao indivíduo. Por exemplo, uma criança aprende a ler, a escrever, porque existe toda uma representação social que lhe concederá um determinado “poder” social.

A ação do corpo docente é extremamente importante no processo de ensino-aprendizagem. O professor tem sua atividade dentro de uma instituição com normas e regras específicas, existindo ainda, uma estrutura governamental que determina as diretrizes do ensino no país, afetando diretamente o modo de atuação desse profissional.

De acordo com relatos, observa-se que uma pedagogia voltada para o desenvolvimento de habilidades empreendedoras em crianças e adolescentes do ensino fundamental auxilia não somente os alunos, mas toda a região em volta.

Há dois anos a instituição investe na Pedagogia Empreendedora, método que visa inserir o ensino do empreendedorismo na educação básica de crianças, jovens e adultos. A Prefeitura de Israel Pinheiro aderiu à Pedagogia Empreendedora em 2002. (...) Os professores habilitados para aplicar o método trabalham o conteúdo dos cadernos, como é chamado o material de apoio, específicos para cada série. Os alunos têm uma aula semanal que pode ser dentro do colégio ou em visitas na comunidade. “Os estudantes conversam com proprietários de padarias, farmácias, mercados para saber como abriram e administram o negócio”, diz o diretor das escolas, José Eduardo Silva Vidigal. (...) iniciativas, em diversas classes, estão surgindo e sendo colocadas em prática. “A escola está localizada em uma região carente, antes de realizarmos projetos e atividades abertas à comunidade sofriamos com violência, roubo e destruição. Hoje somos respeitados” conta José Eduardo (JARDZWSKI, 2007, p. 1)

E ainda, auxilia nas concretizações de ações comportamentais voltadas para o trabalho e para o futuro do adolescente.

De acordo com Rezende, o projeto tem por objetivo disseminar aulas de empreendedorismo no ensino fundamental, baseado na metodologia proposta do professor Fernando Dollabella, que é inserir, no conteúdo ministrado para turmas – do ensino fundamental e médio – aulas de empreendedorismo, buscando provocar o aluno a sonhar a respeito de sua vida. “Ela é estruturada no que a gente chama de ‘aulas de sonho’. Durante duas horas por semana, num momento da semana, os alunos investem nos seus sonhos, de forma estruturada, através de aulas e dinâmicas, o aluno vai ao longo da série, do ano letivo, construindo seu sonho, descobrindo e buscando amadurecer o que ele sonha para sua vida”. A finalidade disso, finaliza Rezende, “é mostrar que ele é capaz. O sonho, no caso, é o sonho que se pode concretizar, que se chama de sonho estruturante. Não é um sonho sinônimo de desejo, vontade, mas aquilo que se pode concretizar, agir, intervir”, especifica (HAMPF, 2006, p. 1).

Tal afirmação mostra a importância de uma proposta pedagógica voltada para a orientação de indivíduos para o mercado de trabalho, desenvolvendo os potenciais e as habilidades que auxiliem na vida profissional, vislumbrando as características comportamentais de empreendedores ou intraempreendedores.

2.4 Projeto Político Pedagógico

É preciso fazer uma profunda reflexão sobre os alicerces da educação brasileira, suas visões teóricas e práticas, para que se possa construir uma nova forma, com maior qualidade e preocupação com o futuro do indivíduo. Para isso é necessário saber o que se quer, para ter a consciência dos objetivos.

O termo projeto vem do latim *projectus* que significa lançar para diante; plano, intento, desígnio (VEIGA, 2004). Schmidt Neto (2007, p. 22) afirma que:

A idéia de projeto político-pedagógico também é encontrada como “proposta pedagógica”, “projeto pedagógico” etc. Na nova Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional, lei nº 9.394/96, encontramos, inclusive, duas nomenclaturas diferentes: “proposta pedagógica” e “projeto pedagógico”. Optamos por trabalhar com a nomenclatura de “projeto-político-pedagógico” por ser a mais usual entre os teóricos da educação e por que a palavra proposta parece se distanciar bastante do universo da educação. A palavra *proposta*, do latim *proposita*, transmite a idéia de negócio, assunto, promessa, oferta. Assim, a proposta pedagógica tem uma conotação mais voltada para o negócio, onde a escola oferece um produto, pronto e acabado, que a comunidade aceita ou rejeita. Como a idéia, inclusive em termos legais, é a de envolver os diferentes atores da comunidade escolar na elaboração e construção da proposta, a palavra projeto nos parece mais adequada e compatível com o sentido do objeto em questão. A palavra projeto, do latim *projectus*, significa lançar, arremessar, e traz a idéia de alvo, objetivo e meta. Algo talvez até bem distante, mas que se quer alcançar, e por isso a idéia de lançar-se, de projetar-se. Como uma lança que voa em busca de seu alvo, o projeto procura rumos para atingir seu objetivo, o qual nunca será um ponto de chegada, mas apenas uma etapa de um processo que se desafia constantemente a se lançar a outros alvos.

Desta maneira, a presente pesquisa foca o projeto político pedagógico, num sentido de proposta pedagógica, pois efetua mudanças curriculares, mas não modifica a estrutura política da instituição de ensino, refere-se a uma integração dos conceitos de empreendedorismo e competências as metas já estabelecidas pela escola em seu projeto-político-pedagógico.

Azanha (2000) afirma que o projeto está interligado a uma comunidade escolar, onde tudo é relevante nas teias das relações, precisa ser consequência do esforço da coletividade escolar, é um exercício de autonomia. Deve conter as prioridades elencadas pela própria equipe, a partir das necessidades enumeradas e dos resultados desejados. Para ele:

o projeto pedagógico é no fundo, um esforço de integração da escola num propósito educativo comum, a partir da identificação das práticas vigentes na situação institucional. Não apenas as práticas de ensino, mas também

todas aquelas que permeiam a convivência escolar e comunitária. É de todo esse universo de “práticas discursivas” e “não discursivas” que é preciso tomar consciência para compatibilizá-las com os valores de uma educação democrática (Op. cit, p. 23 e 24).

São muitas as questões que envolvem o fazer pedagógico, desde as ligadas à administração da organização escolar, a interdisciplinaridade, ao trabalho coletivo, assim como o didático-pedagógico (PIMENTA, 2000). Esta autora afirma: “se falo em projeto pedagógico tenho de ter, previamente, clareza de que me estou pautando em determinadas concepções de Educação e de ensino”. (Op. cit, 2000, p. 21).

Segundo Kramer (1997) uma proposta pedagógica é um objeto político e cultural. Afirma que:

... uma proposta pedagógica é um caminho, não é um lugar. Uma proposta pedagógica é construída no caminho, no caminhar. Toda proposta pedagógica tem uma história que precisa ser contada. Toda proposta contém uma aposta. Nasce de uma realidade que pergunta e é também busca de uma resposta. Toda proposta é situada, traz consigo o lugar de onde fala e a gama de valores que a constitui; traz também as dificuldades que enfrenta, os problemas que precisam ser superados e a direção que a orienta... não aponta ‘o’ lugar, ‘a’ resposta, pois se traz ‘a’ resposta já não é mais uma pergunta. Aponta, isto sim, um caminho também a construir...” (Op cit, 1997,p.19)

A proposta pedagógica deve contemplar os objetivos, as metas, os meios, os recursos, as estratégias e os critérios definidos pela coletividade escolar. A construção da proposta é uma atividade de autonomia de toda a escola e também, da sociedade (SÃO PAULO, 2000).

Para Pimenta (1998), a construção do projeto pedagógico, tem como objetivo principal a democratização do saber, ou seja, “definir um projeto de sociedade e tirar dele as conseqüências pedagógicas” (CHARLOT, apud PIMENTA, 1998, p.24). Por isso, num projeto pedagógico todas as relações escolares são importantes, já que “todas elas são potencialmente educativas ou deseducativas. Ensinar bem, por exemplo, não é apenas ensinar eficientemente uma disciplina, mas é também o êxito em integrar esse ensino aos ideais educativos da escola” (AZANHA, 2000, p. 24).

Para compreender o ato de ensinar é preciso compreender o ato de aprender. Não é fácil a tarefa de ensinar, não é apenas repassar informações. Pois o aprendizado é constante, para se adquirir conhecimentos, é preciso aprender a pensar, aprender a apreender, para isso é importante considerar a experiência,

aquilo que é significativo para o indivíduo, para que ele possa fazer suas relações (FREIRE, 1996).

Para Schmidt Neto (2007, p. 135):

O projeto político-pedagógico é produzido por sujeitos e para sujeitos. Não com a intenção de construir um sujeito 'assim ou assado', mas que permita a cristalização dos múltiplos sujeitos que existem em potência. Assim, o aluno, o professor, o pai, a mãe, o diretor e o funcionário são sujeitos *complexus*, que exigem um novo olhar, em que haja espaço para o racional, o sério, o científico, mas também para o poético, lúdico, bizarro, mágico. Essa é uma oportunidade para que os sujeitos se percebam como seres dotados de qualidades e de defeitos e que possam buscar o autoconhecimento através da alteridade e da solidariedade. É uma chance para o diálogo em que cada um perceba seus limites e as dificuldades de se caminhar junto com diferentes ritmos de andadura.

Desta forma o ensino torna-se um ato participativo, em que o educador é capaz de criar programas e métodos de ensino-aprendizagem, assim como articular os saberes, os conhecimentos, as experiências, vivências, etc. (GADOTTI, 2001).

Um projeto pedagógico envolve uma série de métodos, técnicas e conteúdos visando o alcance das metas propostas (URIS, 1966). Segundo Bísaro (apud TONELLI, 1997, p. 51):

O segredo está na dosagem dos diversos métodos. Em caso de assimilação de conhecimentos, preferência pelo método conceitual. Em caso de desenvolvimento de habilidades, preferência pela simulação no primeiro momento e em seguida aprendizagem direta no trabalho (com supervisão). Em caso de desenvolvimento de atitudes pessoais, preferência pelo método de desenvolvimento psicológico”.

Gadotti (2001) fala que o Método Paulo Freire possui três momentos unidos de um modo dialético e interdisciplinar:

- Investigação Temática – etapa da descoberta do universo vocabular do aluno e da sociedade onde ele vive. Neste momento existe um levantamento da vida, do cotidiano, do grupo social que o aluno pertence, procurando conhecer os elementos culturais.
- Tematização – é o momento que professor e aluno codificam e decodificam esses temas, buscando o significado social, tomando consciência do mundo.
- Problematização – é a hora da visão crítica, na tentativa da transformação do contexto vivido, onde abstrato e concreto se fundem

para descobrir os limites e as possibilidades. Portanto, existe a necessidade de uma ação concreta, cultural, política, social, visando à superação de limites. É a educação voltada para a libertação que se dá na práxis transformadora, cujo objetivo final é a conscientização.

Gadotti (2001) faz uma releitura desses momentos:

- Ler o mundo – é o primeiro passo para a apropriação do conhecimento. Destaca-se aqui a curiosidade como uma pré-condição do conhecimento.
- Compartilhar a leitura do mundo lido – é o momento da comparação da leitura do aluno com as demais pessoas. É o diálogo, é no olhar do outro que valida sua própria leitura, isso não significa a exclusão do conflito.
- Educação como ato de produção e de reconstrução do saber – o conhecimento não significa apenas acúmulo de informações ou dados. Implica na mudança de atitudes, no estabelecimento de relações, no saber criar vínculos e não apenas em decorar conteúdos. Por isso “educar-se é formar-se” (p. 5)
- Educação como prática da liberdade (libertação) – “é o momento da problematização, da existência pessoal e da sociedade, do futuro (utopia). Educação não é só ciência: é arte e práxis, ação-reflexão, conscientização e projeto” (p.5).

Com relação aos métodos e técnicas de ensino (quadro 14) Uris (1966) classificou da seguinte maneira:

- Método de aprender pela experiência – conta com atividades metódicas e com um agente responsável pela ordenação dos trabalhos, para facilitar a aprendizagem. A vantagem deste método é a rapidez do resultado, mas tem a limitação da criatividade como desvantagem. As principais técnicas são: entrevistas e estágios.
- Método de aprender pela teoria conceitual – aprendizagem por aquisição de novos conceitos privilegia a exposição oral, porém depende da capacidade dos oradores e dos recursos disponíveis como: recursos didáticos, impressos, multimídia, slides, painéis, etc. São técnicas deste método: debates, aulas expositivas, apresentações em geral.

- Método de aprender pela simulação da realidade – tem por base a criação de situações próximas da realidade, facilitando uma aproximação com o mundo real durante o processo de aprendizagem. As principais técnicas são: jogos, dramatizações e estudo de casos.
- Método de aprender pelo desenvolvimento comportamental – utiliza-se de técnicas de grupo que visam a mudança de atitudes, ampliando a percepção, incentivando a criatividade e desenvolvendo habilidades. As técnicas mais comuns são: dinâmica de grupo, vivências grupais.

Métodos	Estratégias	Técnicas
Método prático	Aprender fazendo	Estágios Entrevistas
Método conceitual	Aprender pela teoria	Debates Explicação do instrutor Explicação dos alunos Apresentação Material impresso
Método simulado	Aprender imitando a realidade	Jogos e exercícios Dramatizações Jogos de empresa Estudos de caso
Método comportamental	Desenvolvimento psicológico	Dinâmicas de grupo Vivências Auto-análise

Quadro 14. Categorização dos métodos

Fonte: Bísaro, 1994 (apud TONELLI, 1997)

É necessária a utilização de metodologias que priorizem a construção do conhecimento, desenvolvam o espírito crítico, favoreçam a criatividade e a superação de limites, tornando os indivíduos mais autônomos, seguros, cientes de suas capacidades e de seus limites. Ou seja, o ensino deve ter como meta principal formar cidadãos que possam interferir na realidade e transformá-la (BRASIL, 1998).

Conclui-se que a proposta pedagógica requer uma reflexão dos conteúdos a serem definidos de maneira que vá além dos conceitos e fatos formais, incluindo os procedimentos, os valores, as normas e as atitudes, ratificando o papel da escola na formação do aluno, desenvolvendo as habilidades que capacitem produzir e usufruir os bens culturais, sociais e econômicos (SÃO PAULO, 2000).

2.5 Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional

Para a Secretaria de Educação Básica do Ministério de Educação e Cultura (2006), responsável pelo ensino fundamental, a educação deve ter como foco o desenvolvimento pessoal do aluno, “tornando-o capaz de tomar decisões ao longo de sua vida e de intervir socialmente. O que o tornará sujeito crítico, capaz de solucionar problemas e tomar decisões é uma aprendizagem por *competências*” (grifo do autor). A função do professor é ser um agente de transformação, é estimular seus alunos a enfrentarem novos desafios, visando capacitá-los para a vida.

Diante disso, a contextualização é um trunfo no ensino que o docente não poderá dispensar, uma vez que ela traz o significado para o aluno, fazendo com que ele estabeleça as relações com a vida, facilitando a aquisição do conhecimento e o desenvolvimento da habilidade.

De acordo com a Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional (LDB) de 1996 nº 9.394, a educação básica tem por objetivo “desenvolver o educando, assegurar-lhe a formação indispensável para o exercício da cidadania e fornecer-lhe meios para progredir no trabalho e em estudos posteriores”. Assim sendo, a principal preocupação do Estado é capacitar os alunos para que adquiram conhecimentos, habilidades e competências visando suas atividades profissionais, tornando-os sujeitos produtivos, que possam contribuir com a sociedade.

A LDB de 1996 art. 32, afirma que o ensino fundamental tem o objetivo a formação básica do cidadão, por meio do desenvolvimento da capacidade de aprender, utilizando-se de meios básicos como o domínio da leitura, da escrita e do cálculo; da compreensão do ambiente natural e social, do sistema político, da tecnologia, das artes e dos valores em que se fundamenta a sociedade; do fortalecimento dos vínculos de família, dos laços de solidariedade humana e de tolerância recíproca em que se assenta a vida social; e do desenvolvimento da capacidade de aprendizagem, tendo em vista a aquisição de conhecimentos e habilidades e a formação de atitudes e valores.

A Secretaria de Educação Fundamental (Brasil, 1998) determina uma estrutura específica para o Ensino Fundamental, com as áreas de ensino necessárias para o desenvolvimento das competências. Inclui também os temas

transversais (Ética, Saúde, Meio Ambiente, Orientação Social, Pluralidade Cultural e Trabalho e Consumo) a serem discutidos neste ciclo escolar (Figura 7).

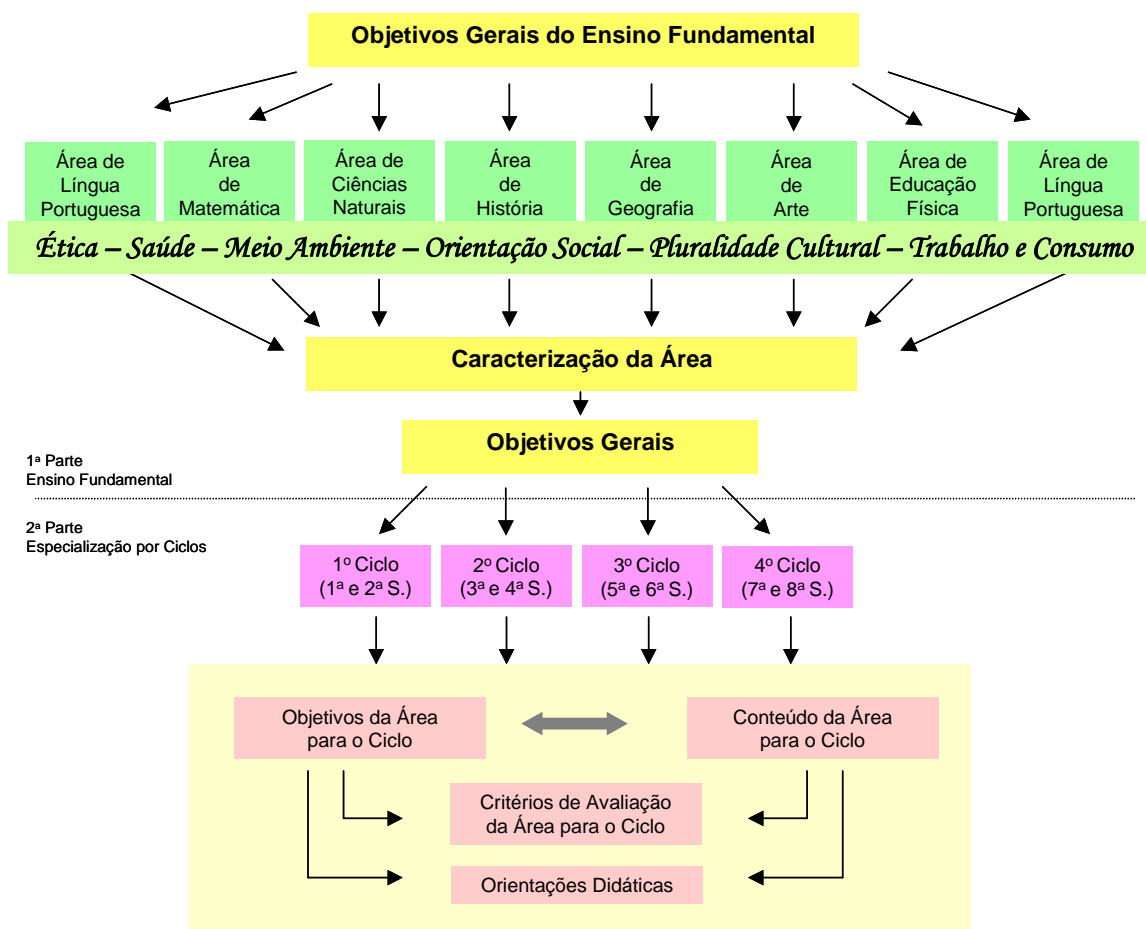


Figura 7. Estrutura dos Parâmetros Curriculares Nacionais para o ensino fundamental

Fonte: Brasil (1998, p. 54).

Com base nos objetivos do ensino fundamental delineados pela LDB e apesar de já existir uma estrutura curricular definida pelos órgãos públicos de educação é necessário ressaltar que há a possibilidade e a necessidade de se incluir novos conteúdos, visando o desenvolvimento de novas competências, tendo em vista a aquisição de conhecimentos, habilidades e a formação de atitudes voltadas para as características empreendedoras. Salienta-se que o trabalho é discutido de forma transversal, ou seja, não existe uma disciplina específica, essa temática está diluída nas diversas atividades escolares. Segundo Dolabela (2007, p. 1):

(...) Ao relacionar o resultado da atividade empreendedora aos sonhos, visões e desejos da sociedade e do empreendedor, o empreendedorismo pode ser visto como um instrumento auxiliar na construção da liberdade. O empreendedorismo (...) trata de forma nova as relações entre o indivíduo/sociedade e conteúdos antigos, como auto-estima, criatividade, protagonismo, capacidade de identificação de oportunidades, risco. O estudo das oportunidades, fundamento da atividade empreendedora, restrito atualmente à educação informal de determinados grupos, deve ser inserido nos programas de ensino da pré-escola à universidade.

A inserção de uma disciplina específica voltada para o desenvolvimento de competências empreendedoras auxilia no desenvolvimento de uma cultura voltada para o empreendedorismo. Dolabela (2007, p. 1) afirma:

(...) o ensino do empreendedorismo deve ser introduzido na educação formal da pré-escola à universidade. Tento alinhar alguns motivos. A presença do empreendedor (em todas as áreas) é essencial para o desenvolvimento humano, social e econômico. A capacidade empreendedora (no seu sentido amplo) é um requisito (...) para qualquer atividade e sob qualquer relação de trabalho: empregador, empregado, auto-empregado, voluntário, cidadão. (...) A prevalência da construção do social em relação ao individual deve um dos fundamentos da construção da ética empreendedora. Assim, o produto da atividade empreendedora deve oferecer (e não subtrair) valores para a sociedade. A geração de riquezas de qualquer natureza faz sentido se delas puderem se beneficiar toda a população.

Para Cope (2005, p. 378) “a preparação do empreendedor como um processo de aprendizagem envolve um conceito forte de socialização antecipada, incluindo as experiências e conhecimentos que preparam o sujeito para a carreira de empreendedor e para o desenvolvimento de atitudes, crenças e habilidades do indivíduo”.

Uma proposta metodológica de ensino empreendedor deve contemplar: a motivação; o processo visionário; a capacidade de identificação; análise e aproveitamento de oportunidades; a criatividade; o comportamento empreendedor. (FRIEDLAENDER, 2004, p.70).

A instituição escolar precisa sistematizar e planejar ações para que tais objetivos sejam alcançados. É importante salientar que a aplicação de uma proposta pedagógica poderá facilitar a aquisição de competências que auxiliarão o indivíduo em suas atividades profissionais, porém não se pode afirmar que todos os indivíduos se tornarão empreendedores de sucesso.

2.6 Ensino de Empreendedorismo no Brasil

No Brasil o tema empreendedorismo está sendo difundindo para todas as idades. Inicialmente o foco foi o ensino superior, principalmente as graduações de engenharia e administração, logo depois chegou no médio, como forma de despertar o interesse dos jovens para o mundo dos negócios, e nos últimos anos, alcançou o ciclo fundamental buscando formar “pessoas conscientes e mais preparadas para a vida, trilhando um caminho de evolução no processo ensino-aprendizagem pelo qual, fatalmente, passará também o ensino médio e o superior” (HASHIMOTO, 2007, p. 1)

Para Kuazaqui (apud AQUINO, 2007) o ensino fundamental deve focar a construção de conhecimentos que auxiliarão no entendimento da atividade empreendedora. Diante dessa função, Hashimoto (2007, p. 3) indaga: E os empreendedores, será que estão dispostos a abarcar a idéia de que para ter resultados é preciso antes de mais nada aprender a ser, a saber-fazer e refletir na ação, para só depois trilhar pelos caminhos surpreendentes do conhecimento significativo e construído, tal qual as crianças do ensino fundamental?

Tal questionamento mostra que talvez num futuro próximo os empreendedores serão mais conscientes de suas necessidades e de sua realidade, pois o ensino de empreendedorismo, segundo Hashimoto (2007) deve ressaltar a formação do caráter e as habilidades empreendedoras.

O grande desafio do Ensino Fundamental, nos dias atuais, é não mais limitar-se a alfabetizar e dar formação básica, e sim preocupar-se com a preparação de seu aluno para enfrentar os desafios futuros, tanto no mercado de trabalho, quanto na vida pessoal. Foi pensando nisso que o Sebrae estadual desenvolveu o Programa de Formação de Jovens Empreendedores, Primeiros Passos”, explica Sergio Malta, diretor-superintendente do Sebrae no Rio (EMPREENDEDOR, 2007).

O ensino de empreendedorismo nas escolas pode acontecer de diversas maneiras, como atividade de extensão, disciplina formal, etc. No Rio de Janeiro o Sebrae desenvolveu um programa que atinge alunos nas diversas séries do ensino fundamental e médio, porém trata-se de um programa de extensão e não está incluído na grade curricular das escolas (NECNET, 2007).

O programa consiste em um curso extracurricular, para escolas públicas e privadas, que tem como objetivo a disseminação da cultura empreendedora, junto ao público-alvo, com o intuito de despertar nos

estudantes a iniciativa na busca de oportunidades e a pró-atividade diante das situações apresentadas. “A metodologia adotada utiliza recursos lúdicos e inovadores, como ferramentas de envolvimento e fixação dos conceitos passados, propiciando um maior interesse sobre o mundo dos negócios e ensinando aos alunos como dar os primeiros passos rumo ao sucesso em sua vida profissional futura”, acrescenta Malta (NECNET, 2007, p. 6).

O foco do programa está nos negócios e variam de acordo com a faixa etária dos alunos, sendo aplicado nas escolas de todo Brasil. O objetivo principal é incentivar o ingresso no mundo empresarial, os principais programas são: “Introdução ao Mundo dos Negócios; Economia Pessoal; Mercado Global; Empresa em Ação; Miniempresa e Liderança Comunitária” (NECNET, 2007, p. 6)

Em algumas escolas, do município de São José dos Campos (SP) e de Belo Horizonte (MG), o tema empreendedorismo foi incorporado às diversas disciplinas, sendo o professor o responsável pelos conteúdos. Já uma instituição particular de Florianópolis optou por incluí-lo no currículo, porém apesar do auxílio dos docentes na montagem do projeto, são os administradores voluntários que ministram as aulas uma vez por semana (GUIMARÃES, 2007).

Nesta escola o projeto inicia na quinta série com assuntos relacionados à evolução do trabalho, desemprego e pobreza; na sexta os alunos trabalham em torno de eventos para criar recursos para realização de eventos escolares. Na sétima série elaboram um plano de negócio para implementá-lo na oitava série. É importante ressaltar que, se trata de um projeto interdisciplinar, no qual as diversas disciplinas atuam em conjunto, auxiliando nas finanças, nos textos, etc (GUIMARÃES, 2007).

Visando trabalhar os conceitos de empreendedorismo no ensino fundamental, Guimarães (2007) fornece sugestões de negócios (Quadro 15) e as respectivas habilidades a serem desenvolvidas, possibilitando envolver os alunos de acordo com o nível de maturidade cognitiva e psicológica.

Série	Negócio	Conceitos de Empreendedorismo	Conteúdos, Habilidades e Competências
1ª	Lojas de doces	Técnicas de negociação, compra e venda e manipulação de dinheiro.	Ser capaz de ouvir o que o colega diz e de interpretar novas propostas; compreender e realizar operações de soma e subtração.
2ª	Oficina de brinquedos com material reciclável	Planejamento e desenvolvimento de relacionamentos interpessoais.	Trabalhar com diferentes materiais; reciclar; criar autoconfiança e estabelecer relações interpessoais baseadas na confiança.
3ª	Feira de frutas	Definição de possíveis clientes; técnicas de comunicação e vendas; e identificação de concorrentes.	Utilizar diferentes unidades de medida; aprender o valor nutritivo de produtos naturais; e formular perguntas e suposições coerentes, criativas e enriquecedoras.
4ª	Locadora de gibis	Pesquisa de mercado para definição do negócio e do perfil do cliente; e iniciativa.	Explorar modalidades de linguagem e leitura (para obter informações, para se divertir); e identificar diferentes elementos no texto, como o humor.
5ª	Artesanato	Desenvolvimento da criatividade; e definição do local de funcionamento da empresa.	Conhecer e divulgar manifestações artísticas e populares; aprender sobre a composição de materiais; e aplicar fórmulas para o cálculo do balanço de vendas.
6ª	Oficina de estamparia	Definição do investimento necessário e das ações de marketing para a divulgação da empresa.	Criar oportunidades para desenvolver diversas formas de expressão; e estudar medidas geométricas complexas.
7ª	Showroom de papel	Definição dos recursos humanos e materiais; e identificação de fornecedores.	Conscientizar-se sobre a necessidade de preservação do meio ambiente; e conhecer a composição dos materiais.
8ª	Negócio próprio	Identificação das necessidades do mercado e das concorrentes; planejamento; e iniciativa.	Quantificar o material necessário para produção do bem ou prestação de serviço; calcular custos; definir preço; e elaborar textos.

Quadro 15. Sugestões de negócios para o ensino fundamental.
Fonte: Guimarães (2007)

As aulas de empreendedorismo servem para encorajar os alunos a fazerem escolhas, delinear características como a liderança e a iniciativa, bem como o contato com termos como marketing, promoção, negociação, etc. Entretanto, alguns autores, como por exemplo, Zagury (apud BARROS, 2007, p. 4) alertam o aprendizado deve ser leve e lúdico, não antecipando etapas, ou seja, a “criança tem que ter tempo para ser criança e não pode ser jogada precocemente na roda viva.”

Já Aquino (apud BARROS, 2007) é contra a preparação de jovens para o competitivo mercado de trabalho. Este autor ressalta que a função da escola é “formar gente pensante”, afirma que para entrar nesse meio o indivíduo deve estar

alicerçado na ética, ou seja, é preciso primeiramente construir cidadãos pensantes capazes de compreender o mundo que o cerca, para depois eles serem produtor da própria história.

Diante do exposto, é importante salientar a preocupação da presente pesquisa em relação à formação do indivíduo, de sua cultura, valores e regras. A idéia principal não é apenas mostrar a realidade do empreendedor e do mundo do consumismo, mas desenvolver habilidades que possibilitarão um futuro profissional, sem com isso desrespeitar a maturidade psicológica dos discentes. Para tal se faz necessário à adoção de procedimentos metodológicos, conforme capítulo posterior.

3 PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS

De acordo com as características do estudo, esta pesquisa é de natureza aplicada, pois envolve a criação de conhecimentos voltados para solução de problemas. Possui abordagem qualitativa, já que considera uma relação dinâmica entre o mundo real e o sujeito, sendo utilizada a interpretação dos fenômenos e a atribuição de significados (GIL, 2002, SANTOS, 1999).

A pesquisa inicialmente foi do tipo exploratória envolvendo o levantamento bibliográfico, com o intuito de articular os conceitos, para fundamentar os procedimentos de integração.

O estudo assumiu uma característica do tipo descritiva quando foram escolhidas as categorias: competências, projeto político pedagógico e empreendedorismo, formando a base para a elaboração do modelo proposto.

Após esta fase, houve a aplicação do modelo, necessitando de procedimentos técnicos de um estudo de campo; permitindo o aprofundamento dos objetivos propostos, apresentando, desta maneira, maior flexibilidade do que o simples levantamento das informações (GIL, 2002).

3.1 Organização da Pesquisa

Após a definição do tema e do problema, iniciou-se a pesquisa propriamente dita, no esforço de compreender o desenvolvimento das competências empreendedoras junto aos alunos do ensino fundamental. Para isso se fez necessário um diagnóstico do contexto da instituição, que foi realizado por meio dos instrumentos de pesquisa, com o intuito de confirmar as categorias definidas. Logo após da determinação das diretrizes da pesquisa, houve o desenvolvimento do modelo de referência – procedimentos de integração entre as categorias (Figura 8)

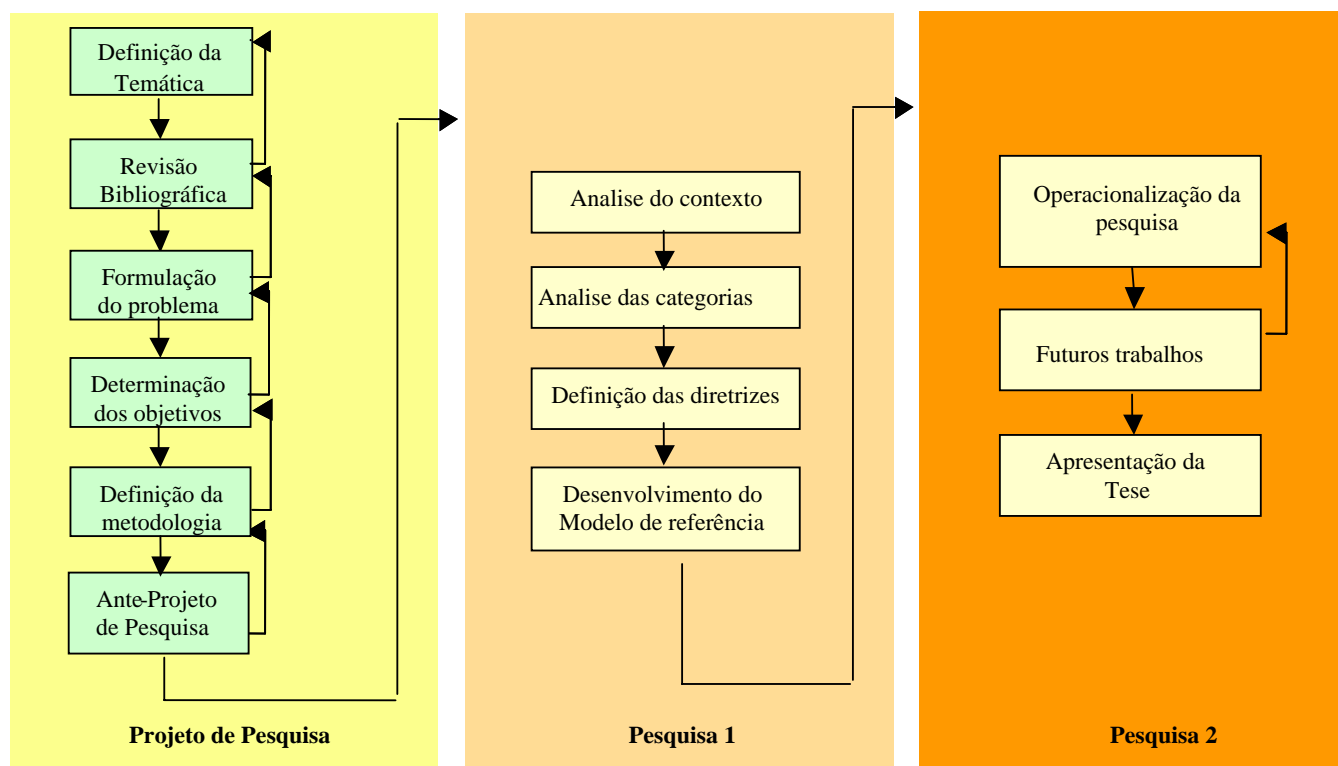


Figura 8. Fluxograma das etapas da pesquisa

3.2 Elaboração e Aplicação dos Procedimentos de Integração

O comportamento empreendedor teve como base o modelo de Lezana e Tonelli (1998), definido pelas necessidades, conhecimentos, habilidades e valores. Essa base teórica foi escolhida por atender um conjunto de características comportamentais dos empreendedores, mas principalmente porque as definições de Fleury (2002) e Le Boterf (2001), em relação às competências baseiam-se nos conhecimentos, habilidades e atitudes, estabelecendo uma possível integração teórica. Outra categoria refere-se ao projeto político pedagógico da instituição que busca uma relação dialética (VYGOTSKY, 1988) e interdisciplinar (FREIRE, 1996).

A pesquisa contou com três fases distintas (Figura 8):

- **Projeto de pesquisa:** preocupando-se com o resgate bibliográfico, definição do problema e metodologias, finalizando na elaboração do ante-projeto de pesquisa.
- **Pesquisa 1:** esta etapa teve como foco a definição das categorias nas diretrizes para a elaboração do modelo de referência.

- **Pesquisa 2:** fase da operacionalização da pesquisa, acontecendo a aplicação e análise do modelo.

3.2.1 Sujeitos da Pesquisa

A elaboração e aplicação do modelo foram delineadas para Associação Franciscana de Ensino Senhor Bom Jesus, uma instituição privada de ensino fundamental, com escolas nas regiões Sul e Sudeste do Brasil.

A aplicação dos procedimentos de integração atingiu dois grupos distintos, os alunos (grupo 1) – principais sujeitos da pesquisa; e os professores e coordenadores (grupo 2) – os responsáveis pela aplicação. As características destes sujeitos são:

1. Grupo 1 (ALUNOS) – corpo discente do ensino fundamental, das regiões sul (Estados de Santa Catarina – SC e Paraná - PR) e sudeste (Estados de São Paulo – SP e Rio de Janeiro – RJ), cursando quintas séries com 1.412 alunos, sextas séries com 1.441 alunos e sétimas séries com 1.344 alunos, abrangendo um total de 4.197 discentes. A idade do público é de aproximadamente 10 a 13 anos, de classe social média alta e alta.

2. Grupo 2 (PROFESSORES e COORDENADOR) – responsáveis pela aplicação da proposta pedagógica nas turmas, ministrando a disciplina de Empreendedorismo, das regiões sul (Estados de Santa Catarina – SC e Paraná - PR) e sudeste (Estados de São Paulo – SP e Rio de Janeiro – RJ). A instituição não informou o número exato de professores, porém sabe-se que em cada unidade há um professor responsável pela disciplina, estimando-se um total de 16 docentes e apenas um coordenador pedagógico da disciplina de empreendedorismo.

Outra informação relevante para a pesquisa é que os professores escolhidos para lecionar a disciplina pertencem às áreas relacionadas às Ciências Humanas e da Educação.

3.2.2 Instrumentos de Pesquisa

Para a coleta dos dados, visando à elaboração do modelo, foram utilizadas entrevistas não-estruturadas, com objetivo de obter informações relacionadas à questão pedagógicas e aos conceitos de empreendedorismo.

Os instrumentos de pesquisa foram aplicados com:

- Coordenador de ensino, responsável pelo acompanhamento da disciplina – entrevista individual.
- Professores da disciplina - entrevistas coletivas.

É importante salientar, que as entrevistas foram realizadas na fase inicial do desenvolvimento do modelo, onde foram analisados os discursos dos entrevistados, visando à identificação das necessidades da instituição de ensino, possibilitando a realização de um diagnóstico do contexto das escolas, bem como o reconhecimento da realidade social, econômico e cultural do público alvo da pesquisa (alunos).

3.2.3 Etapas da Pesquisa

A pesquisa teve natureza aplicada em todas as suas etapas, pois partiu de uma necessidade da Associação Franciscana de Ensino Senhor Bom Jesus, que solicitou e financiou, em julho de 2004, a elaboração dos procedimentos para a disciplina de empreendedorismo. O trabalho foi dividido em três etapas:

1. Projeto de pesquisa – Objetivo: Elaboração do projeto de pesquisa.

Classificação da pesquisa: Exploratória com abordagem qualitativa.

Método: Levantamento bibliográfico.

Considerações: Nesta fase foram analisadas as teorias que fundamentaram os procedimentos de integração, culminando na apresentação do anteprojeto de pesquisa.

2. Pesquisa 1 – Objetivo: Definição das categorias e elaboração do modelo propriamente dito.

Classificação da pesquisa: Descritiva com abordagem qualitativa.

Método: Levantamento bibliográfico e estudo de campo.

Instrumentos: Entrevistas individuais e coletivas.

Considerações: Nesta etapa houve também a análise do projeto político pedagógico da instituição. Os discursos das entrevistas foram investigados e possibilitaram um diagnóstico da realidade dos sujeitos da pesquisa, bem como das necessidades da instituição e dos docentes.

3. Pesquisa 2 – Objetivo: Aplicação dos procedimentos.

Classificação da pesquisa: Descritiva com abordagem qualitativa.

Método: Estudo de campo, pois enfatiza as características comportamentais de um tipo de indivíduo específico – os empreendedores.

Considerações: A aplicação aconteceu nas escolas da Associação Franciscana de Ensino Senhor Bom Jesus, atingindo todos alunos da quinta, sexta e sétima série. Antes da aplicação do modelo foi realizado um treinamento, visando a capacitação dos docentes em relação à disciplina de empreendedorismo de acordo com os procedimentos elaborados, o total do curso foi de 12 horas na sede da instituição – Curitiba/PR.

O próximo capítulo mostra o modelo e a forma de aplicação deste modelo, finalizando a segunda etapa da pesquisa.

4 MODELO DE INTEGRAÇÃO

Este capítulo explicita os procedimentos de integração das categorias: empreendedorismo, competências empreendedoras e projeto político pedagógico.

4.1 O modelo

Para elaborar o modelo baseado no referencial teórico foram utilizados os seguintes autores:

- **Empreendedorismo** – Lezana e Tonelli (1998) com a teoria das características comportamentais: necessidades, conhecimentos, habilidades e valores.
- **Competências** – Fleury (2002), que baseada em Le Boterf (2001) traz o conjunto de conhecimentos, habilidades e atitudes. Sendo que Le Boterf (2001) traz o tripé - biografia e socialização, formação educacional e experiência profissional, relacionado com o saber-fazer.
- **Proposta Político Pedagógica** – incluindo a proposta da escola em que serão aplicados os procedimentos, tendo como base as teorias da aprendizagem de Vygotsky (1988) e de Freire (1996), enfatizando um processo de ensino participativo.

De acordo com a teoria descrita no capítulo dois pode-se dizer que os temas que pautam cada categoria são as atitudes (necessidades e valores), os conhecimentos e as habilidades, pautadas numa relação que preserva a autonomia, a ação e reflexão, a interação e a imitação, primando pelos relacionamentos interpessoais, facilitando o processo de ensino-aprendizagem (Quadro 16) das competências empreendedoras.

Empreendedorismo	Competências	Proposta Político Pedagógica (de acordo com Vygotsky e Freire)
Necessidades	Atitudes	Autonomia Libertação (ação-reflexão) Interação
Valores		
Conhecimentos	Conhecimentos	
Habilidades	Habilidades	

Quadro 16. Relação entre as categorias dos procedimentos de integração.

Os procedimentos de integração desenvolvem o Empreendedorismo na escola de ensino fundamental privada, oferecendo à formação do aluno a possibilidade de um delineamento de um perfil pautado em valores; conhecimentos e habilidades articulados com suas características pessoais e contextualizados de acordo com as necessidades de sua região e da sociedade em geral, buscando o desenvolvimento de competências empreendedoras.

O objetivo foi desenvolver o espírito empreendedor em três grandes **grupos** (Figura 9). Salienta-se que a opção pela nomenclatura grupo e não eixos temáticos ou temas, como geralmente acontece no âmbito educacional, foi devido à possibilidade de utilização dessa estrutura em capacitações nos diversos contextos, como por exemplo, o empresarial. As nomenclaturas eixos e temas aparecem na aplicação do modelo, já que os procedimentos foram direcionados para o ensino fundamental, adequando-se a estrutura curricular da instituição.

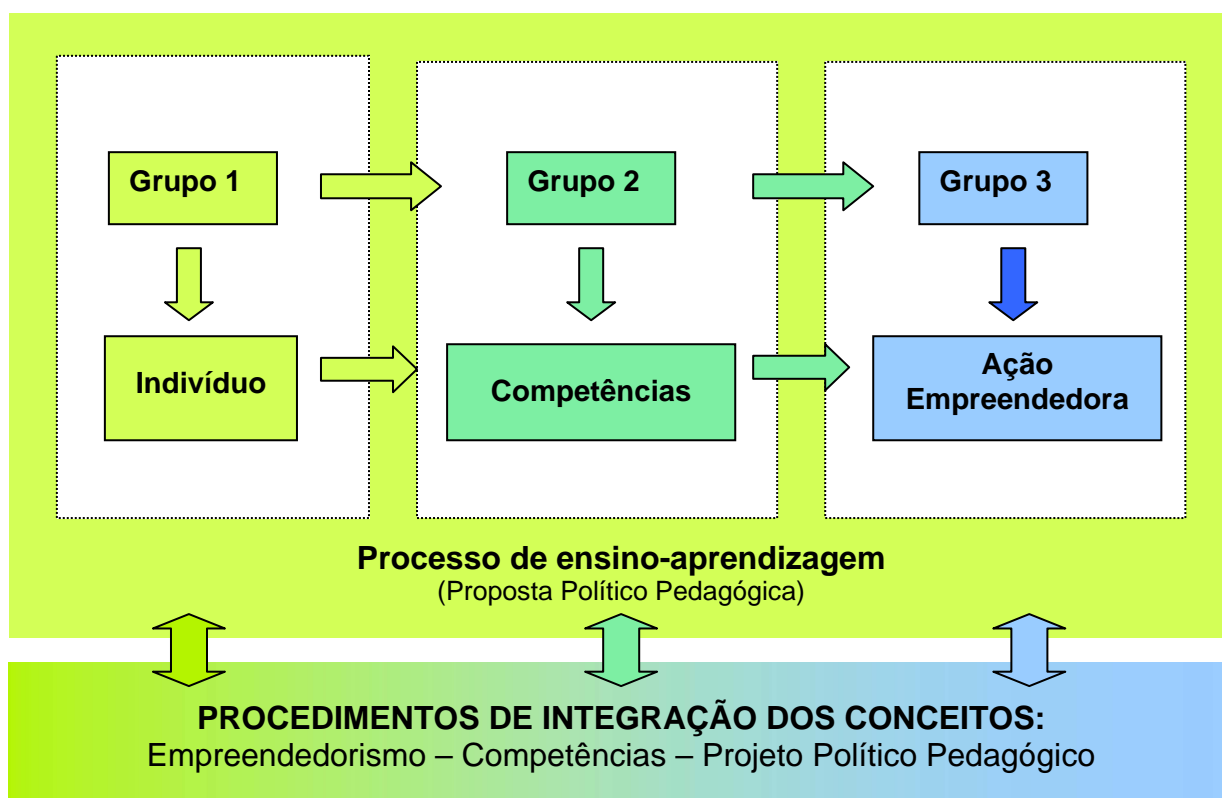


Figura 9. Procedimento de integração dos conceitos.

A integração das categorias formou três grupos principais: o indivíduo, as competências e a ação empreendedora. Após a análise do modelo, inseriu-se uma

disciplina focando os conceitos de empreendedorismo tendo como objetivo o desenvolvimento de competências empreendedoras.

No primeiro grupo foram desenvolvidos assuntos relativos às características determinantes do comportamento do indivíduo que serviram de base para o estudo das competências empreendedoras, objeto do segundo grupo. O último grupo visa trabalhar a inserção do indivíduo empreendedor na sociedade, através da caracterização de um empreendimento.

Porém, antes do delineamento do modelo foi necessário uma análise do projeto político pedagógico da instituição, visando uma melhor integração das categorias, assim como a aplicabilidade futura.

4.1.1 Projeto Político Pedagógico

Após a definição das linhas gerais do modelo, iniciou-se uma análise dos pressupostos políticos pedagógicos determinados pela escola, no esforço de adequar o modelo elaborado às necessidades da instituição bem como, buscar uma nova maneira de desenvolver as competências de “novos empreendedores”.

Em relação a proposta pedagógica da escola observa-se que a mesma foi elaborada de forma participativa, pautada nas orientações da Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional – LDB n.º 9394/96; Diretrizes Curriculares Nacionais do Ensino Fundamental (Parecer 04/98) tendo como uma

concepção filosófica, teológica e educacional do homem como ser social e tem como missão promover a formação do ser humano e a construção da cidadania, de acordo com os princípios franciscanos, produzindo, sistematizando e socializando o saber científico, tecnológico e filosófico” (BOM JESUS, 2007).

Os valores do processo de aprendizagem da Associação Franciscana de Ensino Senhor Bom Jesus estão baseados na formação de cidadãos dignos e justos, baseada nos quatro pilares:

- Aprender a conhecer.
- Aprender a fazer.
- Aprender a viver juntos.

- Aprender a ser.

Em relação a esses tópicos, pode-se associá-los a teoria apresentada no modelo buscando o desenvolvimento de conhecimentos, habilidades e atitudes (Quadro 17).

Empreendedorismo	Competências	Proposta Político Pedagógica da Instituição
Necessidades	Atitudes	Aprender a viver juntos
Valores		Aprender a ser
Conhecimentos	Conhecimentos	Aprender a conhecer
Habilidades	Habilidades	Aprender a fazer

Quadro 17. Relação entre os conceitos de empreendedorismo, competências e o projeto político pedagógico da instituição.

A instituição busca “a liberdade no mundo de formação, igualdade no mundo jurídico e a fraternidade no mundo econômico” (BOM JESUS, 2007). Diante disso, a escola preocupa-se em realizar um processo formativo e contínuo do desenvolvimento humano, baseado nos aspectos que influenciam a conduta dos indivíduos como: biopsíquico, econômico, social, religioso, político e cultural.

A Associação Franciscana tem como proposta uma educação personalizada enfatizando o potencial criativo do indivíduo, pluralista, visando o enriquecimento e o respeito à diversidade cultural, democrática, social e comunitária.

A prática filosófico-pedagógica tem como fundamentos os seguintes enfoques metodológicos: **educação contextualizada**, identificando o que pretendemos como algo integrante de um determinado contexto cultural/espacial/ temporal; **interdisciplinaridade**, relação entre as diversas disciplinas que compõem o conhecimento; **multidisciplinaridade**, discutindo o objeto de investigação relacionando-o com o contexto geral; **currículo integrado**, compreendendo a integração do desenvolvimento afetivo, emocional, cognitivo e social; **pensamento crítico**, desmistificando a verdade única e imutável; aprender a aprender, consolidando o conhecimento científico através da relação teoria/prática (BOM JESUS, 2007, grifo do autor).

As áreas de conhecimento trabalhadas, por especialistas, no Ensino Fundamental (4.^a a 7.^a séries) são: Língua Portuguesa, Matemática, História, Geografia, Ciências, Educação Artística, Educação Física, Ensino Religioso e Língua Estrangeira Moderna.

O processo de ensino-aprendizagem visa a aquisição dos conhecimentos, buscando a resolução de problemas reais, estimulando a pesquisa, a criatividade e a

construção e a reconstrução dos conhecimentos individuais e coletivos, com propostas multidisciplinares, inter-relacionando e integrando as mais diversas áreas de conhecimentos.

Conhecer o projeto político pedagógico possibilitou identificar a estrutura e visões da instituição em relação ao processo de ensino-aprendizagem, assim como, sua grade curricular. Após essa etapa iniciou-se a elaboração do modelo e a definição dos grupos.

4.1.2 Grupo 1 – O indivíduo

No primeiro grupo das categorias foram trabalhadas as questões relacionadas às características comportamentais dos indivíduos, com ênfase nos aspectos motivacionais estão associados às necessidades e aos delineadores dos comportamentos: os valores.

Este assunto foi escolhido como primeiro grupo por tratar de questões que impulsionam ou cerceiam o comportamento. O contato com estes temas no início do aprendizado favorece a construção dos novos valores voltados à ação empreendedora.

Salienta-se que neste grupo, o foco do aprendizado é a formação das atitudes, que traz em seu conceito os componentes: afetivos (trata das preferências e aversões), cognitivos (as crenças, os valores, as pré-concepções) e os comportamentais (a motivação para a ação). Desta forma pode-se dizer que os valores e as necessidades estão atrelados às atitudes.

Os temas principais deste grupo envolvem os fatores que influenciam na formação das atitudes: as informações recebidas, os grupos de identidade que o indivíduo pertence e as necessidades individuais.

Desta maneira, o grupo 1 **“Indivíduo”** tem como objetivo principal compreender o comportamento humano e conscientizar o aluno sobre características – necessidades, habilidades, conhecimento e valores – que influenciam o comportamento do indivíduo.

Este grupo é composto por três eixos principais – “Formação do indivíduo”, “Homem em relação” e “Meio ambiente”, cada um deles possui um objetivo específico, visando o desenvolvimento de competências.

O primeiro eixo é a “Formação do Indivíduo” que tem como objetivo principal, estimular o reconhecimento do comportamento humano, com ênfase nas necessidades e valores. Nesta etapa busca-se o entendimento acerca dos processos comportamentais e das características individuais que interferem no processo de socialização.

O segundo eixo é o “Homem em Relação”, que se propõe a compreender os relacionamentos interpessoais e a influência da cultura no estabelecimento das relações sociais, identificando os elementos formadores do comportamento humano.

O terceiro eixo trata a questão do “Meio Ambiente”, que visa reconhecer os valores e as culturas locais, ou seja, o contexto social em que o indivíduo está inserido. Esta etapa procura compreender a pluralidade dos comportamentos, importante para o entendimento do ser humano, desenvolvendo o respeito por essas diferenças.

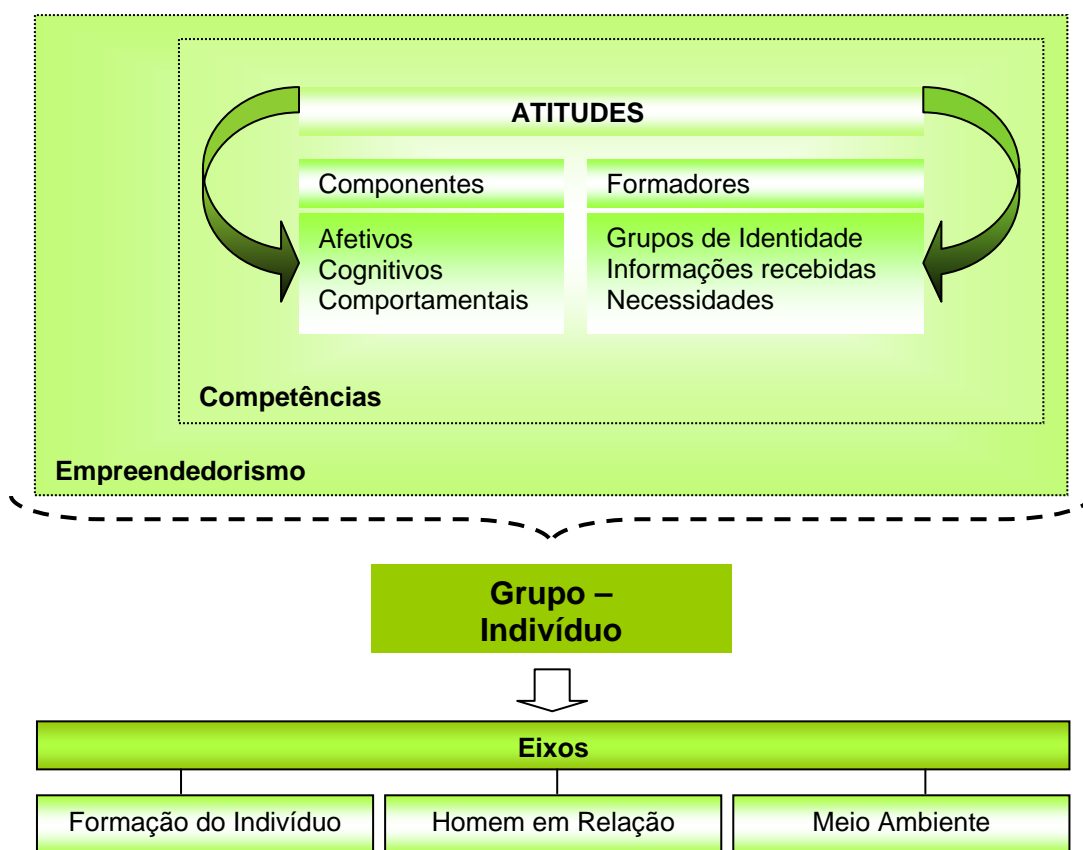


Figura 10. Desenvolvimento do modelo – Grupo 1 - Indivíduo

Na figura 10, percebe-se que estes temas estão relacionados com as atitudes, um dos formadores das competências segundo Fleury (2002) e Le Boterf (2001) com as necessidades e valores, segundo Lezana e Tonelli (1998), base do comportamento empreendedor. O grupo 2 trabalha com as habilidades e conhecimentos aspectos importantes para o desenvolvimento das competências.

4.1.3 Grupo 2 – As competências

Neste grupo as categorias a serem trabalhadas envolvem os aspectos comportamentais dos empreendedores, como a aquisição de conhecimento e o desenvolvimento de habilidades, que servem de base para as competências empreendedoras.

Este grupo trabalha com os principais formadores das competências segundo Fleury (2002) e Le Boterf (2001) – atitudes, conhecimentos e habilidades. A ênfase está na ação empreendedora e, conseqüentemente, nas competências necessárias para empreender.

Desta maneira, o grupo 2 “**Competências**” tem como objetivo principal compreender o comportamento do empreendedor, tendo como base as suas características – necessidades, habilidades, conhecimento e valores – que acabam definindo a prática empreendedora.

A figura 11 mostra que este grupo é formado conforme a definição de competências de Fleury (2002) – conhecimento, habilidades e atitudes, porém para alcançar o objetivo da pesquisa, acrescentou-se em cada uma dessas subcategorias, as características determinadas por Lezana e Tonelli (1998) – necessidades, conhecimentos, habilidades e valores, base do comportamento empreendedor.

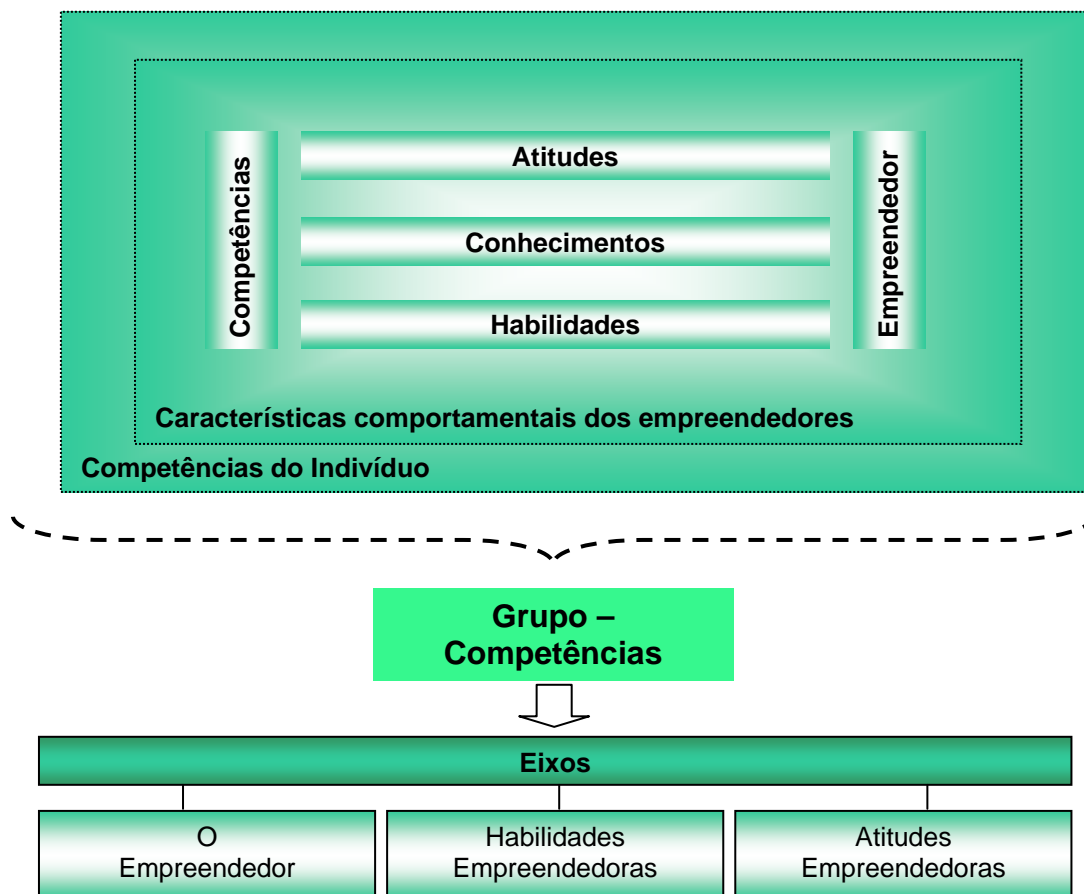


Figura 11. Desenvolvimento do modelo – Grupo 2 - Competências

Este grupo é composto por três eixos principais – “O Empreendedor”, “Habilidades Empreendedoras” e “Atitudes Empreendedoras”, visando desenvolver as competências empreendedoras (Figura 11).

O primeiro eixo “O Empreendedor” visa conhecer o perfil do comportamento do empreendedor. Tem o intuito de compreender as ações empreendedoras, assim como reconhecer os conhecimentos e habilidades necessárias para empreender.

No segundo eixo “Habilidades Empreendedoras” tem como principal objetivo compreender e desenvolver habilidades utilizadas pelos empreendedores em sua prática diária.

O último eixo deste grupo “Atitudes Empreendedoras” tem o propósito de reconhecer os valores dos empreendedores e seus impactos no contexto social e empresarial. Desta maneira, este grupo abrange o desenvolvimento das competências empreendedoras, pois alia os temas: atitudes, conhecimentos e habilidades.

A junção dessas três características: conhecimentos, habilidades e atitudes formam as competências conforme Fleury (2002), porém é preciso que elas sejam colocadas em prática, é a ação que agrega o valor social, ou seja, é preciso a demonstração do saber-fazer, que será desenvolvido no terceiro grupo “Ação Empreendedora”.

4.1.4 Grupo 3 – A ação empreendedora

Neste grupo o foco está na inserção do indivíduo empreendedor na sociedade, através da caracterização de um empreendimento, fazendo com que o aluno possa mostrar suas competências empreendedoras.

O enfoque neste grupo está na ação, na elaboração da idéia, na aplicação dos conhecimentos e habilidades adquiridos nos grupos anteriores. Esta etapa está baseada nos conceitos de empreendedorismo e principalmente nas características comportamentais dos empreendedores determinadas por Lezana e Tonelli (1998).

O grupo 3 **“Ação empreendedora”** tem como objetivo principal compreender o contexto, como acontece o processo empresarial e as ações empreendedoras. Para isso foi composto de três eixos principais – mundo das idéias, busca de informações, planejando a ação, cada um com objetivos específicos, visando o comportamento empreendedor, mais especificamente, as competências empreendedoras (Figura 12).

O primeiro eixo chamado “Mundo das Idéias”, desenvolve a habilidade para gerar idéias, por meio do processo de criação e inovação. Desta maneira, nesta etapa existe a preocupação em ampliar a percepção, para identificar novas oportunidades de negócios.

No segundo eixo, a preocupação está na “Busca de Informações” e visa compreender o processo necessário para a validação das idéias, conhecer o mercado, o produto/serviço bem como o processo.

E o ultimo eixo, “Planejando para a Ação” tem como objetivo compreender os aspectos técnicos importantes para a elaboração do plano de negócios e conseqüentemente para a criação da empresa.

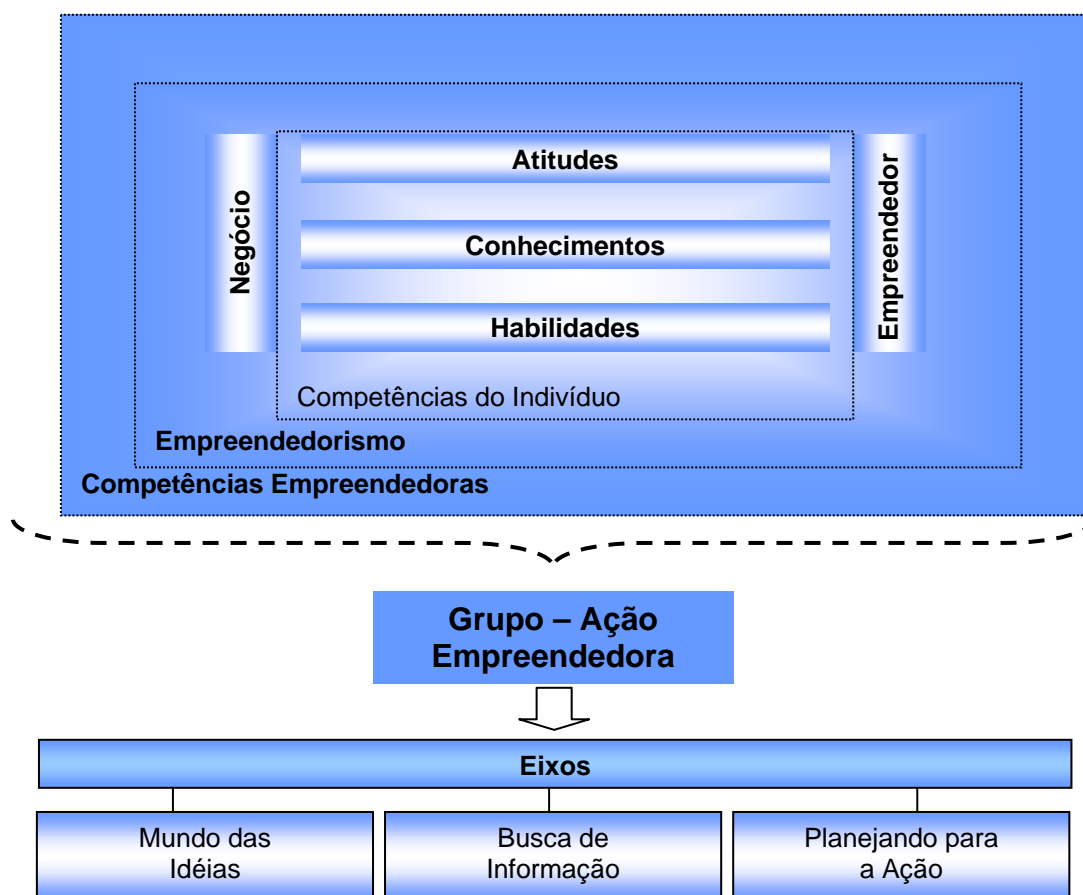


Figura 12. Desenvolvimento do modelo – Grupo 3 – Ação Empreendedora.

O modelo elaborado nesta pesquisa desenvolveu as competências empreendedoras. O grupo 1 (Figura 10) preocupa-se com a formação do indivíduo, realizando um processo reflexivo sobre os seus comportamentos e os influenciadores. O grupo 2 (Figura 11) trabalha as questões relacionadas com a aquisição do conhecimento e o desenvolvimento de habilidades específicas buscando estabelecer as competências necessárias para empreender. E o grupo 3 (Figura 12) foca as ações empresariais, na tentativa de fazer com que o aluno aplique as habilidades e conhecimentos adquiridos na ação empreendedora, finalizando o processo de formação de competências empreendedoras. Elaborado o modelo, iniciou-se a etapa da aplicação dos procedimentos conforme descrição a seguir.

4.2 Aplicação do Modelo

A formação de competências empreendedoras acontece por meio de fornecimento de “ferramentas” básicas que visem o desenvolvimento de idéias. Por isso, os conteúdos das disciplinas de empreendedorismo incorporadas na grade curricular da instituição têm ênfase nas atividades vivenciais.

As linhas de ação estabelecidas para a disciplina prevêm tanto a apropriação conceitual da área de empreendedorismo como a articulação das áreas de conhecimento em atuação na instituição, assim como parte dos princípios delineados na proposta político-pedagógica da escola.

Os temas relacionados no modelo aplicado foram distribuídos da seguinte maneira: o grupo referente ao indivíduo e a atitudes foi inserido na quinta série; o relacionado ao desenvolvimento das competências na sexta série e aquele que trata da ação empreendedora propriamente dita é o foco da sétima série, respeitando sempre o desenvolvimento humano. Ou seja, a cada série o nível de complexidade do aprendizado aumenta de acordo com a capacidade cognitiva dos alunos.

Para a aplicação do modelo foi criada uma disciplina específica para estas séries, seguindo as regras da instituição de uma carga horária de quarenta e cinco minutos cada aula, adotando-se uma aula semanal (Figura 13).

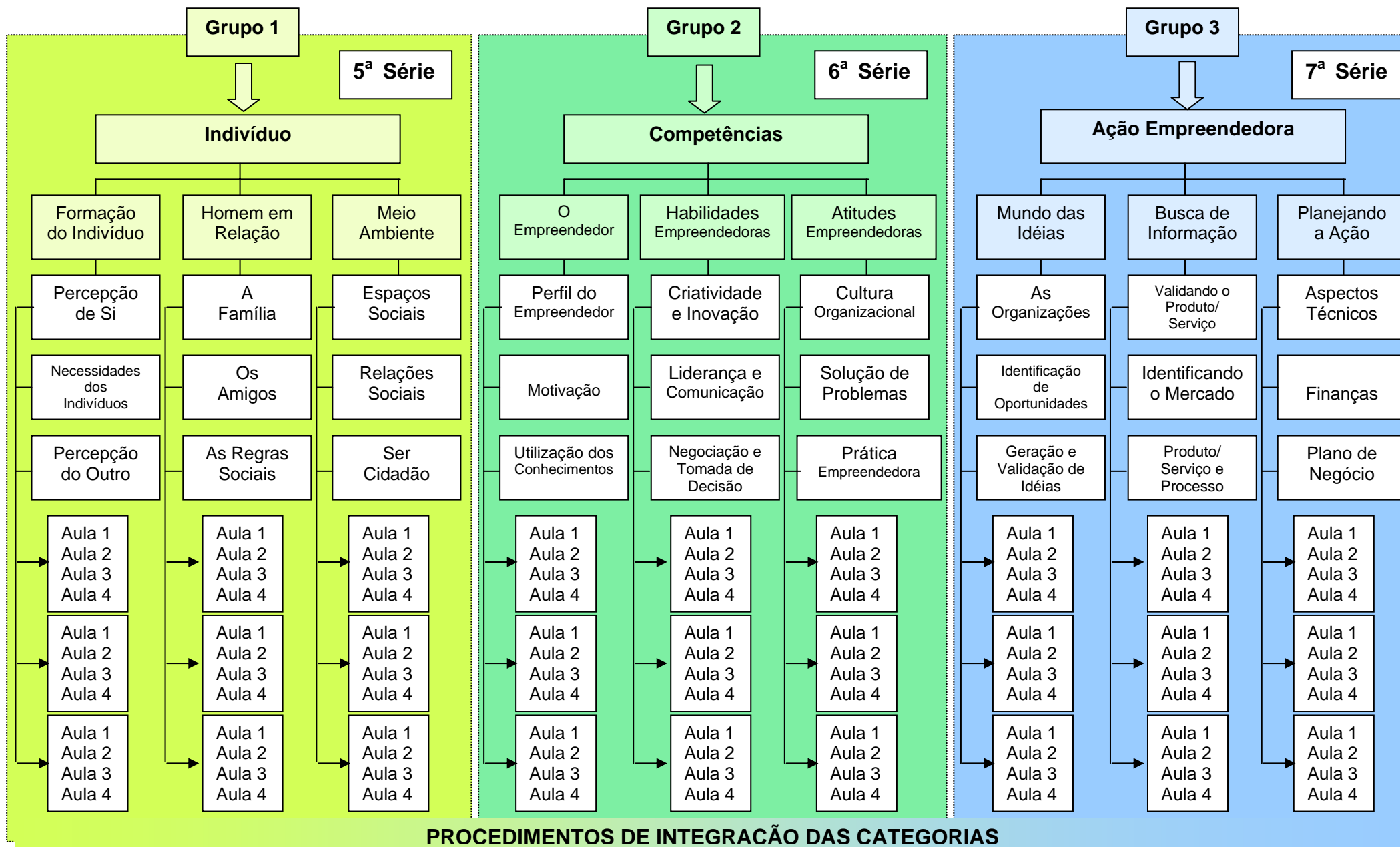


Figura 13. Estrutura de aplicação do modelo.

Para cada eixo determinado foram criados temas específicos que são desenvolvidos em quatro aulas, totalizando doze por eixo e trinta e seis aulas por grupo. Em cada aula uma das características empreendedoras – necessidades, conhecimentos, habilidades e valores - é mais enfatizada, podendo ser trabalhadas simultaneamente, conforme a necessidade do tema ou da aula.

Com base na teoria abordada no capítulo dois e de acordo com o modelo elaborado foi construído um plano de ensino com abordagem pedagógica, métodos, estratégias e técnicas motivacionais, ou seja, foram desenvolvidas aulas específicas para a aplicação do modelo. Cada aula está formatada (apêndice 1) da seguinte forma:

1. Síntese – contendo o assunto, objetivo, método e atividade a ser desenvolvida, esta síntese possibilita um resumo de como será a aula, facilitando a compreensão do professor que a aplicará.

2. Foco da aula – delimitando as competências ou características comportamentais a serem desenvolvidas, possibilitando um norte ao olhar do docente em relação ao objetivo da aula.

1. Atividade – neste tópico está a descrição da atividade a ser desenvolvida, podendo conter inclusive a duração e os materiais necessários.
2. Dicas – as dicas podem ser para a aula – sugere-se novas possibilidades de desdobramento da atividade, e/ou dicas para a próxima aula – recomendando ao docente o que ele deve solicitar aos alunos para a próxima atividade.

Para facilitar a compreensão do professor em relação às características comportamentais empreendedoras a serem desenvolvidas em cada aula, foi criada uma figura com formato de um círculo, que mostra todas as características de acordo com uma cor – verde para necessidades, amarelo para conhecimentos, vermelho para habilidades e azul para valores, conforme o tema a ser trabalhado a respectiva cor será mais evidenciada, e as demais ficam opacas (Figura 14).

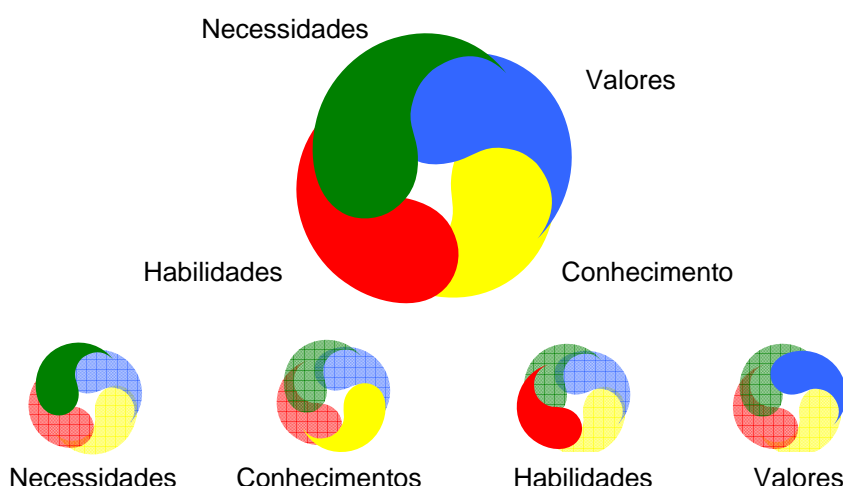


Figura 14. Círculo sinalizador das características empreendedoras a serem trabalhadas.

É importante salientar que para a aplicação do modelo houve um treinamento específico sobre as categorias trabalhadas em cada grupo, eixo e temas. Desta maneira, foi disponibilizado ao professor uma apostila com sugestões de aulas⁸ juntamente com o embasamento teórico de cada tema trabalhado.

Um dos critérios para a seleção dos professores foi à formação voltada para as áreas humanas e educacionais, procurando assim estabelecer uma relação mais próxima com os alunos, na tentativa de compreender o comportamento empreendedor e estimular o desenvolvimento das habilidades necessárias para empreender. Outro motivo refere-se ao método de aula, que utiliza dinâmicas de grupo, simulações, etc., enfatizando o envolvimento dos alunos, o que propicia uma reflexão sobre o próprio comportamento e dos empreendedores.

Após a seleção dos professores pela instituição pesquisada, foram realizadas entrevistas coletivas (reuniões) com o corpo docente, buscando compreender como seria o processo de aplicação do modelo proposto. É importante, salientar que a entrevista com o coordenador foi realizada antes mesmo da criação do modelo, pois visava a compreensão dos desejos da organização em relação as categorias a serem integradas. O contato com o coordenador era freqüente, tendo como propósito a adequação do modelo e da aplicação a realidade da instituição.

⁸ A apostila foi disponibilizada apenas para a instituição que financiou a pesquisa, tendo a mesma os direitos de publicação.

Desta forma, pode-se dizer que o objetivo desta etapa era descobrir quais as necessidades e o contexto do aluno e do professor, procurando adequar os procedimentos a realidade escolar.

Durante o processo de aplicação do modelo, houve um treinamento de 12 horas, com o objetivo de capacitá-los para o ensino de empreendedorismo. Nos três encontros da capacitação foram abordadas as quatro características comportamentais do modelo de Lezana e Tonelli (1998) – necessidades, conhecimentos, habilidades e valores, assim como os três grupos – “Indivíduo”, “Competências” e “Ação Empreendedora”, descrito a seguir. Salienta-se que esta etapa foi fundamental, pois contextualiza os temas a serem trabalhados pelo professor em sala de aula, explicitando o que se pretende com cada grupo, indicando as competências a serem desenvolvidas ao final dos três ciclos..

4.2.1 Grupo 1 – O Indivíduo



Os conteúdos desse grupo são aplicados na quinta série. Os eixos deste grupo possuem três temas com competências e habilidades a serem desenvolvidas, assim como, o foco que auxilia o olhar do professor para o processo de ensino-aprendizagem.

A escolha de aplicar este grupo na quinta série é devido ao assunto envolver a formação das atitudes, possibilitando ao aluno o reconhecimento das próprias necessidades e valores. Desta forma, inicia-se a primeira etapa do desenvolvimento das competências, que relaciona: os conhecimentos, as habilidades e as atitudes.

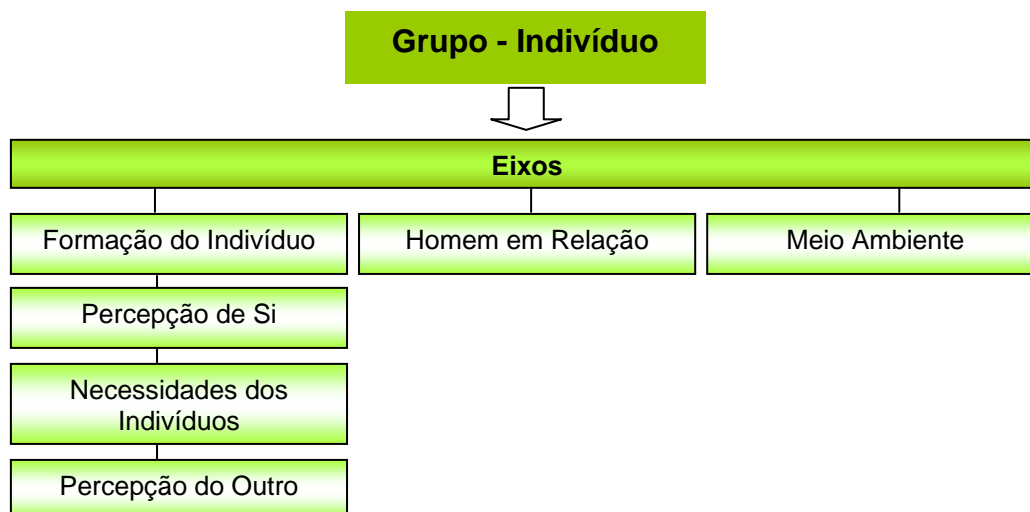


Figura 15. Temas do eixo “Formação do Indivíduo” – Grupo “Indivíduo”.

O eixo “Formação do Indivíduo” busca a conscientização do próprio comportamento e do processo de socialização, tendo como temas a percepção de si, necessidades dos indivíduos e a percepção do outro (Figura 15):



1. Percepção de Si – Foco: perceber as características individuais que refletem no comportamento do indivíduo. Competências: compreensão do comportamento humano, por meio do auto-conhecimento.



2. Necessidades dos Indivíduos – Foco: visa identificar as necessidades individuais: fisiológicas, segurança, social, estima e auto-realização, assim como analisar as estratégias usadas pelos indivíduos para satisfazê-las. Competências: compreensão das necessidades humanas, por meio da identificação e análise das possíveis estratégias para a satisfação das mesmas.



3. Percepção do Outro – Foco: analisar exemplos de comportamento humano, identificando semelhanças e diferenças. Competências: compreensão das diferenças individuais e como essas interferem no processo de desenvolvimento.

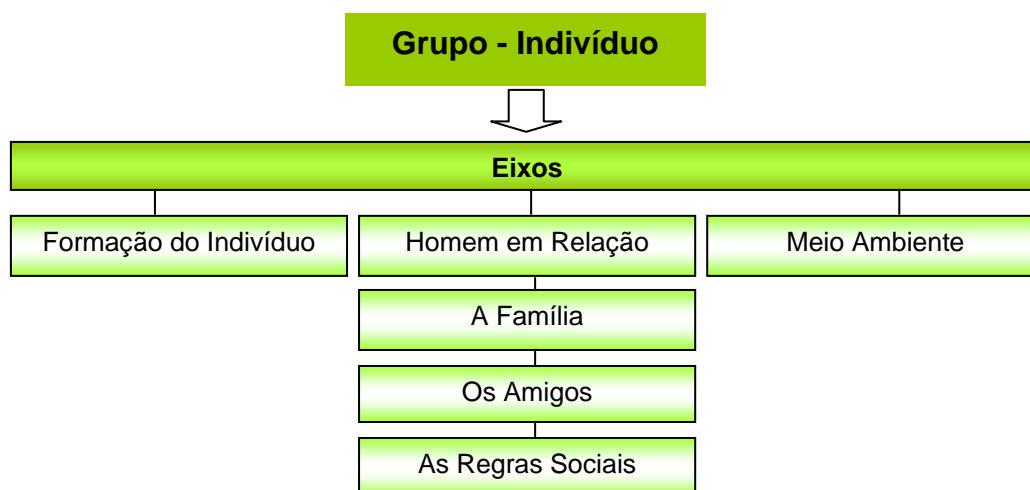


Figura 16. Temas do eixo “Homem em Relação” – Grupo “Indivíduo”.

O eixo “Homem em Relação” preocupa-se com os relacionamentos interpessoais e a influência da cultura na formação das atitudes e tem como temas (Figura 16):



1. A Família – Foco: identificar os elementos formadores do comportamento dos indivíduos e as influências destes nas características empreendedoras. Competências: compreensão dos relacionamentos a partir do núcleo familiar, identificando os elementos formadores do comportamento.



2. Os Amigos – Foco: identificar as diferenças dos estilos pessoais que determinam a identidade do indivíduo. Assim como, analisar as afinidades que geram a identidade grupal. Competências: compreensão dos relacionamentos, identificando os elementos influenciadores do comportamento a partir das relações sociais.



3. As Regras Sociais – Foco: identificar a cultura e os valores individuais. Bem como, analisar o conflito entre a satisfação das necessidades e os valores sociais. Competências: compreensão dos valores, das regras e das normas sociais que determinam a conduta individual.

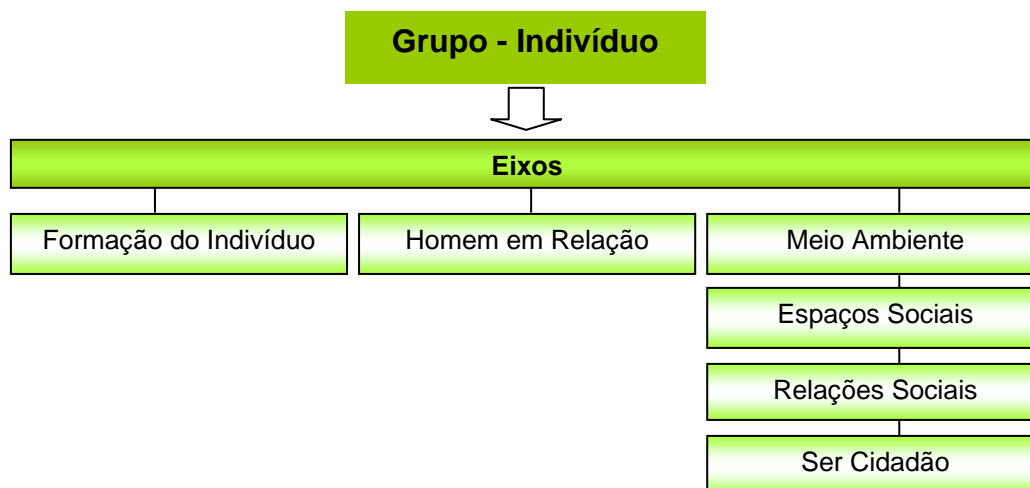


Figura 17. Temas do eixo “Meio Ambiente” – Grupo “Indivíduo”.

O eixo “Meio Ambiente” trabalha as diferenças culturais e o desenvolvimento do respeito por essas e tem como eixos (Figura 17):



1. Espaços Sociais – Foco: identificar as normas sociais locais, assim como verificar as diferenças culturais e comportamentais presentes nos espaços da mesma cidade, buscando a identificação de novas oportunidades. Competências: reconhecimento dos valores e da cultura local nos espaços em que se vive.



2. Relações Sociais – Foco: perceber as diferentes culturas existentes no Estado/País, aprendendo a respeitar as diferenças, ampliando a consciência do indivíduo em relação aos seus próprios preconceitos, assim como, analisar a importância dos relacionamentos e do estabelecimento de novas redes de contatos. Competências: conhecimento da pluralidade cultural nas diversas regiões do Estado/País, desenvolvendo o respeito pelas diferenças étnicas e culturais.



3. Ser Cidadão – Foco: identificar situações problema, verificando novas formas de exercer os seus direitos e deveres, bem como, compreender a importância do “empreendedor-cidadão” para o desenvolvimento regional. Competências: apreensão do exercício da cidadania, por meio da atuação direta nos ambientes de convivência e também, a compreensão da importância do papel social do empreendedor.



Figura 18. Grupo “Indivíduo” – eixos e temas específicos.

O grupo 1 demonstrado na figura 18, busca o auto-conhecimento dos alunos, de suas necessidades, do reconhecimento de si em grupo e a da importância dos espaços sociais para a formação das atitudes e conseqüentemente, do comportamento, sempre tendo como pano de fundo as características comportamentais dos empreendedores – necessidades e valores. É importante salientar que para cada tema a ser trabalhado é necessário que o responsável pela disciplina tenha um embasamento teórico, buscando o direcionamento das aulas, de acordo com os objetivos e competências a serem desenvolvidos. As aulas e os métodos a serem seguidos dependerão do estilo do professor, porém orienta-se uma aula diferente do padrão, como a expositiva, sugerem-se aulas com dinâmicas de grupos, técnicas de simulação, entre outras.

Após o grupo 1 que foca as atitudes, a aplicação segue para a próxima série com ênfase nos conhecimentos e habilidades, visando o desenvolvimento das competências empreendedoras.

4.2.2 Grupo 2 – As Competências



Este grupo tem como pré-requisito as aulas anteriores, pois nesta série são trabalhados os temas que envolvem o desenvolvimento das competências,

completando a tríade: conhecimentos, habilidades e atitudes. Requerendo para isso, a compreensão de si, por meio do auto-conhecimento e de suas necessidades.

Esse grupo é aplicado na sexta série, possuindo três eixos com três temas cada.

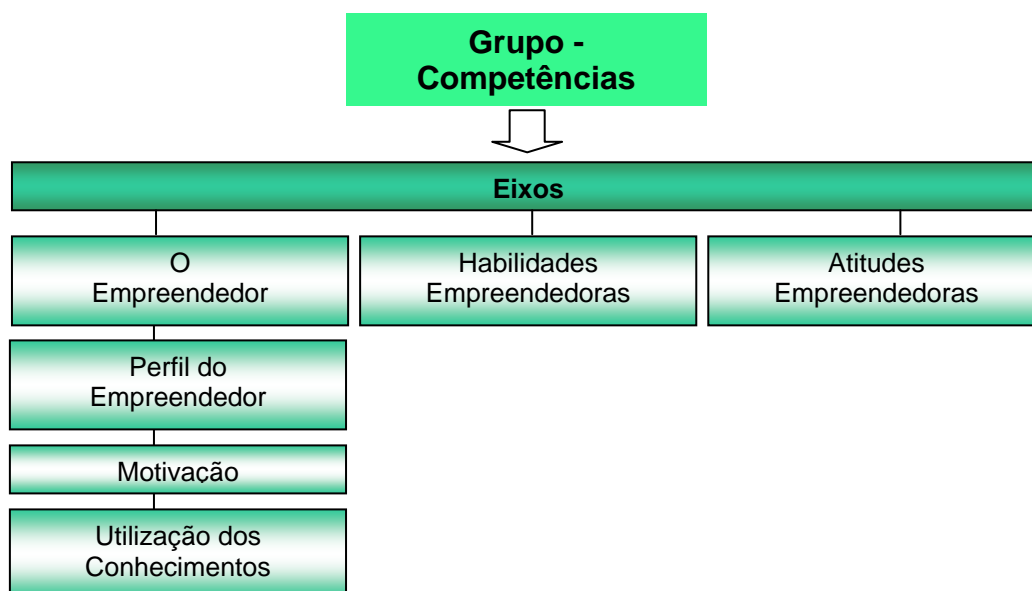
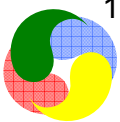

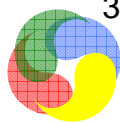


Figura 19. Temas do eixo “O Empreendedor” – Grupo “Competências”.

O eixo “Empreendedor” enfatiza os conhecimentos e habilidades necessárias para empreender, sendo trabalhado três temas principais (Figura 19): o perfil do empreendedor, a motivação e a utilização dos conhecimentos:

- 

1. Perfil do Empreendedor – Foco: analisar as características do empreendedor de sucesso, bem como o perfil deste, buscando inclusive identificar características empreendedoras no aluno, procurando despertar o interesse em empreender. Competências: conhecimento dos empreendedores: quem são e quais as suas motivações e ações.
- 

2. Motivação – Foco: identificar as necessidades dos empreendedores e analisar os reflexos das necessidades no empreendimento. Competências: Compreensão das motivações dos empreendedores de sucesso.
- 

3. Utilização dos Conhecimentos – Foco: analisar como o empreendedor atua e em que situações são necessárias a utilização dos

conhecimentos, buscando utilizar na prática o conhecimento teórico das atividades empreendedoras. Competências: associação do conteúdo aprendido na educação formal com os conhecimentos necessários ao empreendedor.

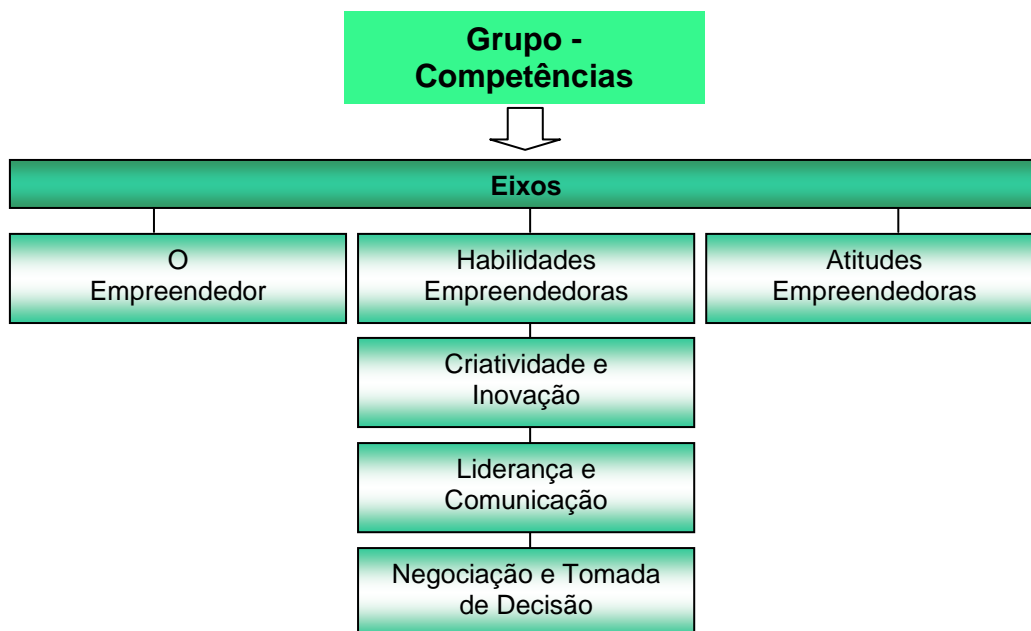
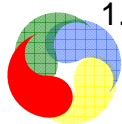


Figura 20. Temas do eixo “Habilidades Empreendedoras” – Grupo “Competências”.

O eixo “Habilidades Empreendedoras” visa desenvolver as habilidades marcantes no comportamento dos empreendedores. Este eixo possui como temas (Figura 20): criatividade e inovação, liderança e comunicação e negociação e tomada de decisão.



1. Criatividade e Inovação – Foco: desenvolver a criatividade visando facilitar o processo de inovação. E também, identificar na prática as atitudes criativas e inovadoras, bem como as suas aplicações. Competências: desenvolvimento da percepção para estimular a criatividade e a inovação.



2. Liderança e Comunicação – Foco: analisar a importância da comunicação na atitude empreendedora e sua influência no dia-a-dia. Identificar exemplos de líderes de sucesso. Competências: compreensão da importância do papel do líder e a utilização da comunicação nas relações interpessoais.



3. **Negociação e Tomada de Decisão** – Foco: identificar elementos necessários para negociação e analisar os fatores presentes em um processo de tomada de decisões como a pressão e o tempo. Competências: compreensão da relação entre o saber negociar e a tomada de decisão.

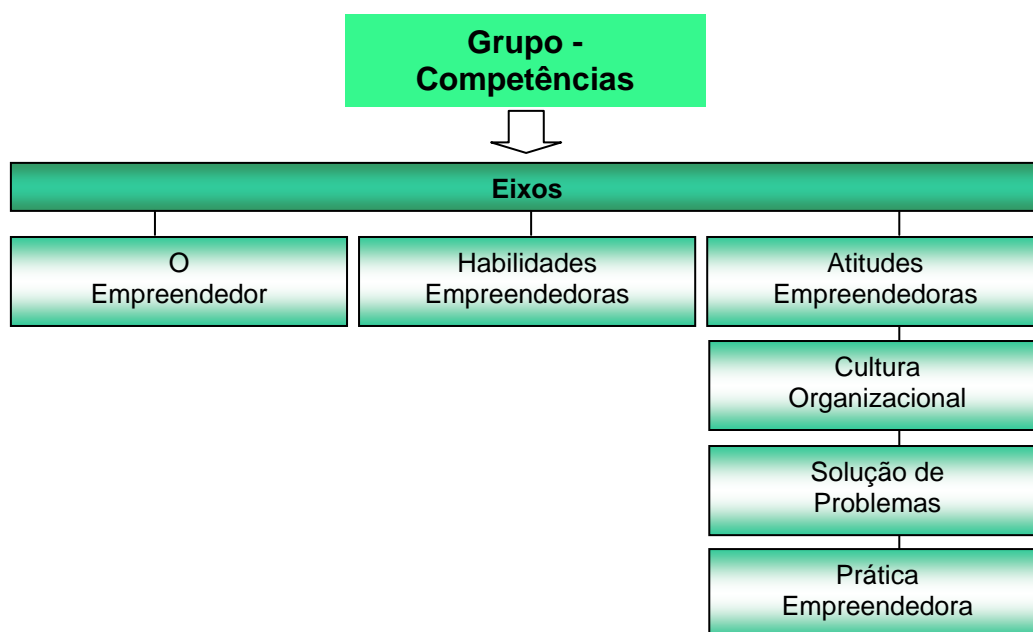
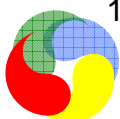


Figura 21. Temas do eixo “Atitudes Empreendedoras” – Grupo “Competências”.

O eixo “Atitude Empreendedora” visa o desenvolvimento de competências empreendedoras, utilizando-se de três temas principais (Figura 21): cultura organizacional, solução de problemas e prática empreendedora.



1. **Cultura Organizacional** – Foco: identificar os valores dos empreendedores e a influência destes no contexto social e empresarial. E também, buscar o auto-conhecimento acerca dos próprios valores e como eles interferem no comportamento. Competências: análise dos valores que norteiam o comportamento do empreendedor de sucesso.



2. **Solução de Problemas** – Foco: estimular os cinco sentidos, buscando apurar a percepção, assim como, desenvolver habilidades e conhecimentos para a solução de problemas, identificando novas oportunidades, aprendendo a lidar com situações novas. Competências:

ampliação do processo perceptivo do indivíduo, buscando a identificação de novas oportunidades, no intuito de facilitar a prática empreendedora.



3. Prática Empreendedora – Foco: analisar as competências de um empreendedor de sucesso e resgatar os conhecimentos e as habilidades para solucionar algum problema tendo como base atitudes empreendedoras. Competências: desenvolvimento das competências empreendedoras, gerando responsabilidade e comprometimento.

O grupo 2 está composto na figura 22, com os respectivos eixos e temas, foca o desenvolvimento das habilidades e conhecimento específicos do comportamento empreendedor, possibilitando ao aluno um primeiro contato com essas habilidades, estimulando a curiosidade para o aprendizado. Tendo como base a tríade da composição das competências – conhecimentos, habilidades e atitudes.

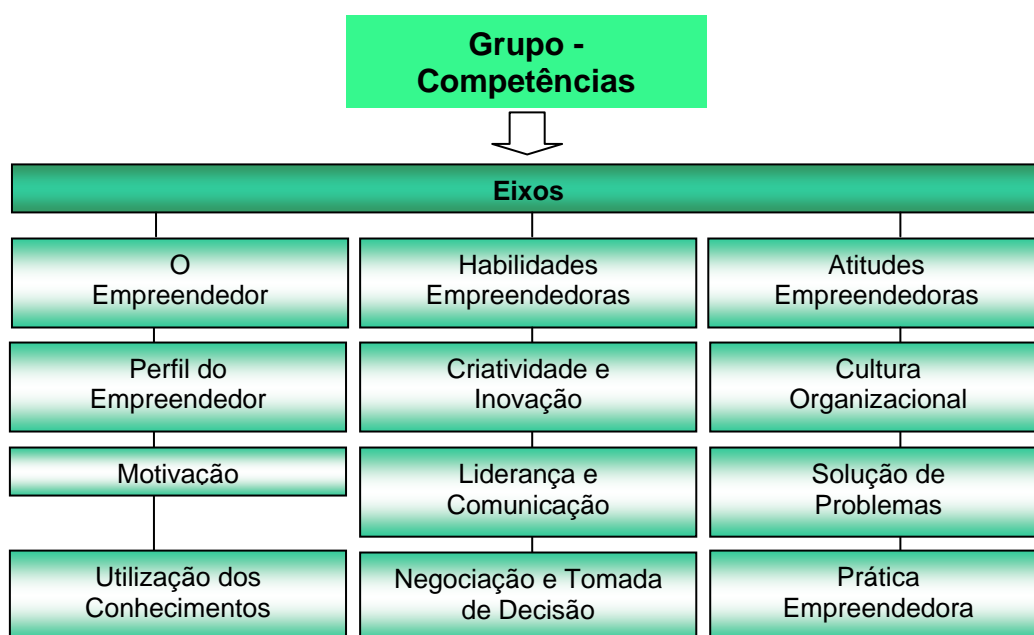


Figura 22. Grupo “Competências” – eixos e temas específicos.

Novamente salienta-se a importância da existência de uma fundamentação teórica possibilitando a elaboração e o planejamento de aulas dinâmicas e participativas.

O sucesso do aprendizado nesta fase é primordial para iniciar o próximo passo: a aplicação das habilidades voltadas para o negócio; ou seja, para a ação empreendedora.

4.2.3 Grupo 3 – A ação empreendedora



Após o desenvolvimento das competências é necessária à aplicação das habilidades voltadas para atividade prática, por isso este grupo trabalha a ação empreendedora.

Este grupo é aplicado na sétima série e é composto por três eixos com três temas cada.

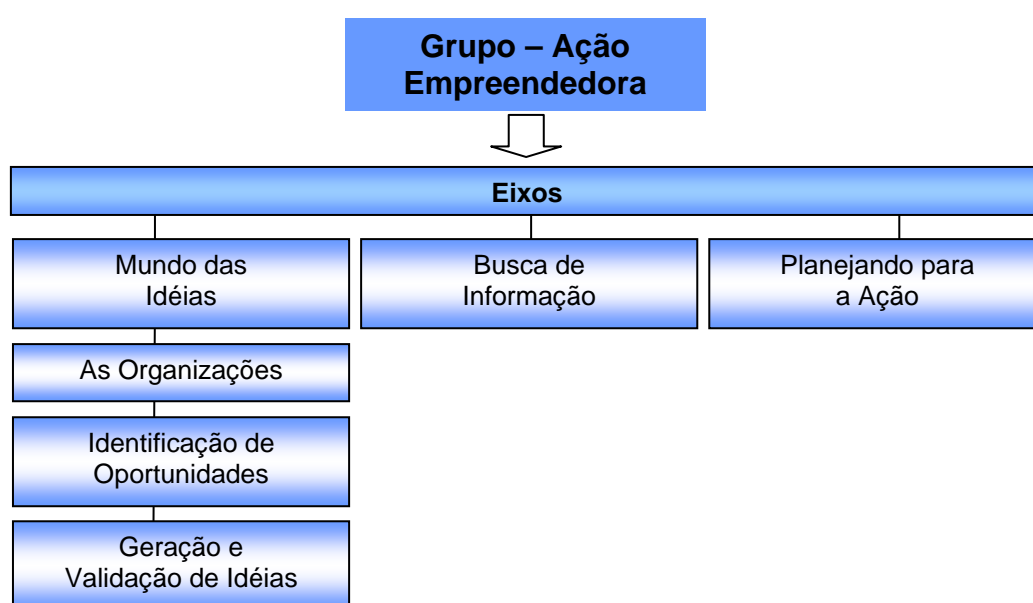
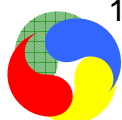


Figura 23. Temas do eixo “Mundo das Idéias” – Grupo “Ação Empreendedora”.

O eixo “Mundo das Idéias” foca o processo criativo do aluno, objetivando o desenvolvimento desta habilidade para a geração das idéias (Figura 23). Os temas trabalhados são:



1. As organizações – Foco: compreender os diferentes modelos de organizações existentes, assim como, ampliar a percepção em relação ao meio empresarial, estimular a criatividade dos indivíduos e identificar o setor de atividade que se pretende atuar. Competências: identificação dos diferentes tipos de empresas que existem e a sua forma de atuação.



2. Identificação de Oportunidades – Foco: possibilitar o contato com ambientes ricos em criação de idéias. Competências: compreensão dos

aspectos importantes no processo de criação de idéias, facilitando a identificação de nichos de negócios.



3. Geração e Validação de Idéias – Foco: estimular a criação de um espaço livre para a geração de idéias, analisando os aspectos fundamentais para a execução da mesma. Competências: reflexão buscando a criatividade e a geração de idéias, assim como a comprovação preliminar da viabilidade destas.

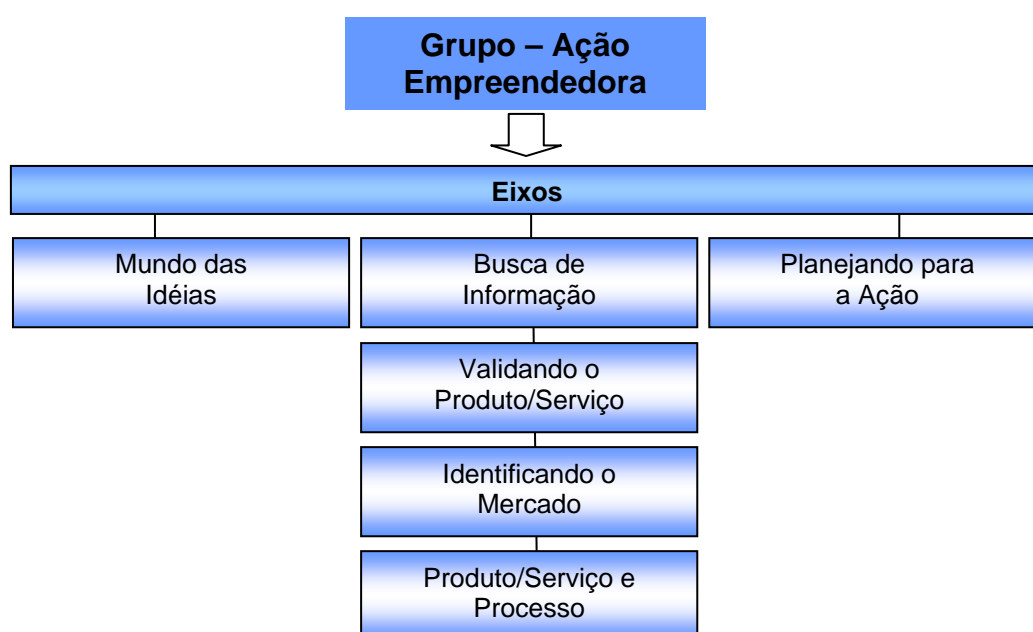


Figura 24. Temas do eixo “Busca de Informação” – Grupo “Ação Empreendedora”.

O eixo “Busca de Informações” faz uma compreensão acerca do processo de validação de idéias, conhecimento do mercado e do produto/serviço. Os temas específicos deste eixo são (Figura 24):



1. Validando o Produto/serviço – Foco: pesquisar acerca do produto/serviço criado, identificando as possibilidades de sucesso dos mesmos. Competências: busca de informações para avaliação e validação do produto/serviço



2. Identificando o Mercado – Foco: elaborar instrumentos para pesquisa de mercado, classificando e analisando as informações, aplicando na prática por meio de pesquisa sobre o mercado potencial e as possibilidades de

implementação do empreendimento. Competências: comprovação os diferentes tipos de mercados.



3. Produto/Serviço e Processo – Foco: definir elementos necessários no processo de produção do produto/serviço; desenvolvendo protótipos, compreender as noções básicas de marketing e meios para sua utilização. Compreender a importância das competências, trabalho em equipe, liderança, definição dos cargos e salários, entre outros assuntos. Competências: identificação e análise dos aspectos técnicos inerentes ao negócio e à gestão de pessoas.

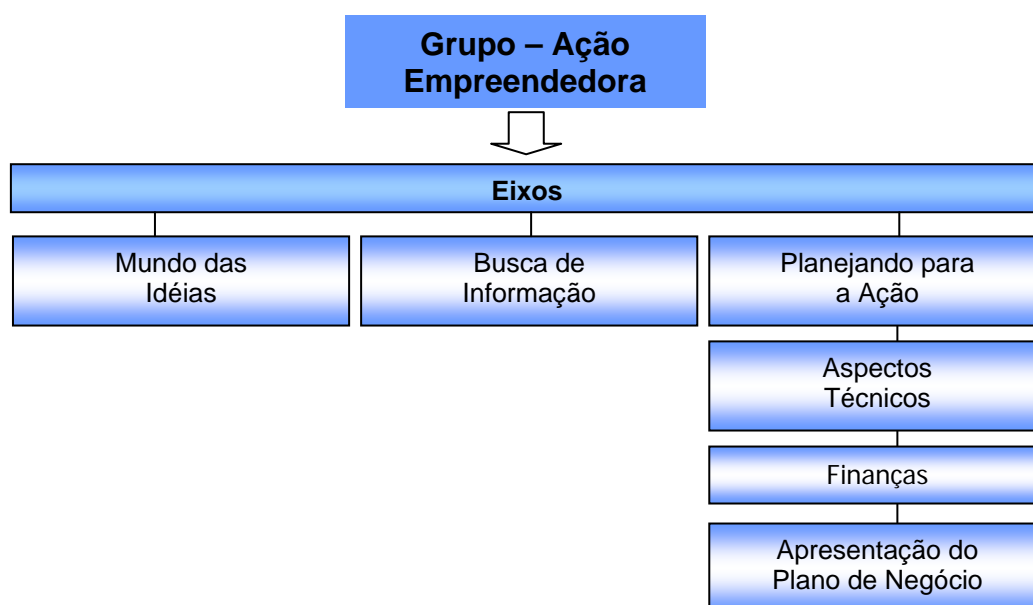
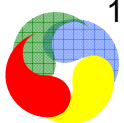


Figura 25. Temas do eixo “Planejando para a Ação” – Grupo “Ação Empreendedora”.

O eixo “Planejando a Ação” enfoca os aspectos técnicos primordiais para a elaboração do plano de negócios e para a concretização da idéia, tendo como eixos (Figura 25):



1. Aspectos técnicos – Foco: buscar informações para o planejamento técnico, organizando e sistematizando as informações para o plano de negócios. Competências: compreensão da organização e análise das informações relacionadas a questões técnicas do negócio.



2. **Finanças** – Foco: conceituar os principais demonstrativos financeiros e a importância destas informações para a tomada de decisão; elaborar planilhas para lançamentos financeiros. Competências: compreensão das principais ferramentas para a gestão financeira necessária para a execução do negócio.



3. **Apresentação do Plano de Negócio** – Foco: apresentar de forma oral e escrita os planos, escolhendo os melhores assim como, realizar a avaliação do processo de ensino-aprendizagem. Competências: avaliação e finalização dos planos de negócios.

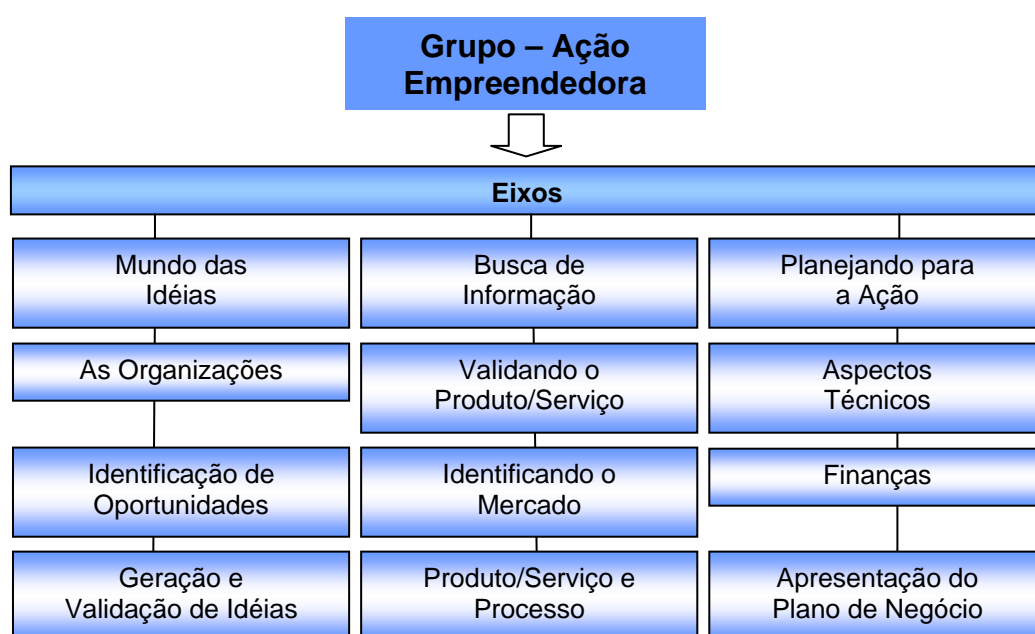


Figura 26. Grupo “Ação Empreendedora” – eixos e temas específicos.

O grupo 3 (Figura 26) visa o desenvolvimento das habilidades voltadas para a prática empreendedora, que vai desde a geração de idéia até a elaboração do plano negócios. Neste grupo estão presentes as quatro características comportamentais – necessidades, conhecimentos, habilidades e valores voltadas para a prática, ocorrendo à aplicação ou demonstração das competências desenvolvidas nas séries anteriores. Há a ação empreendedora, finalizando o ciclo de aprendizado dos conceitos de empreendedorismo aliado ao projeto pedagógico, já delineado pela escola.

4.3 Informações sobre a aplicação

Mesmo não havendo uma avaliação formal referente aos procedimentos elaborados, pode-se obter alguns dados referentes a aplicação e alguns resultados alcançados como por exemplo atividades realizadas pelos alunos.

A disciplina foi ministrada em todas as unidades da instituição, atingindo um total de 4.197 alunos, distribuídos nas quintas, sexta e sétimas séries, conforme quadro 18.

Unidade	Cidade	Estado	5a S.	6a. S.	7a. S.
1. Água Verde	Curitiba	PR	175	200	172
2. Divina Providência			63	60	47
3. Centro			221	242	312
4. Lourdes			252	259	297
5. Aldeia	Campo Largo		70	100	74
6. Internacional	Colombo		41	46	25
7. Santo Antônio	Rolândia		19	28	28
8. São José	Rio Negro		33	35	0
9. São José	S. Bento do Sul	SC	21	10	0
10. Santo Antônio	Blumenau		133	111	0
11. Coração de Jesus	Florianópolis		107	85	118
12. Aurora	Caçador		41	33	46
13. Diocesano	Lages		60	60	65
14. Divina Providência	Jaraguá do Sul		40	60	40
15. Canarinhos	Petrópolis	RJ	105	78	70
16. Pari	São Paulo	SP	31	34	50
TOTAL DE ALUNOS			1.412	1.441	1.344

Quadro 18. Relação de alunos da disciplina de empreendedorismo.⁹

Aulas de empreendedorismo não são do modelo tradicional de ensino, tem métodos dinâmicos que incentivam a participação do aluno nas atividades e, ainda, estimulam o pensamento crítico e o raciocínio.

O importante é que as aulas saem dos padrões convencionais, do espaço limitado da sala de aula e permite a exploração de todos os locais: a escola, a residência, o bairro e a cidade em que se mora, entre outros.

Na quinta série a preocupação é com a formação de valores dos indivíduos, as aulas possibilitam o re-conhecimento de si e dos outros, esse é o diferencial do

⁹ Dados referentes ao ano de 2007, conforme informações da instituição pesquisada.

modelo, pois as habilidades e os conhecimentos voltados para os negócios só são desenvolvidos nas demais séries, respeitando o desenvolvimento psicológico e cognitivo do aluno. Nesta série inicial o foco está no ser humano, nos valores, nas regras sociais e nas relações estabelecidas que vão nortear os comportamentos, o intuito é que no futuro as ações sejam pautadas na ética e no respeito aos demais.

As aulas de empreendedorismo é um estímulo à curiosidade do indivíduo e conseqüentemente ao seu aprendizado. Um exemplo é o da sétima série, cuja tarefa era elaborar uma propaganda do negócio que estavam montando, para isso apoiaram-se nos conhecimentos das outras disciplinas. Já os alunos da sexta, precisaram confeccionar uma revista sobre empreendedorismo (Anexo 1), utilizando-se dos ensinamentos de Matemática, Língua Portuguesa, Informática, Artes, entre outros.

Esses exemplos mostram que as aulas de empreendedorismo envolvem todos os docentes e não se limita aos espaços tradicionais de sala. Isso é resultado da interdisciplinaridade provocada pela disciplina, pois toda a comunidade escolar se envolve nas atividades, ou seja, os limites dos espaços das aulas ficam menos rígidos, as fronteiras mais permeáveis e os conhecimentos se entremeiam como acontece na vida real.

As aulas possuem aspectos diferenciados das demais, as atividades são geralmente lúdicas, tornando o aprendizado leve, respeitando os limites do aluno. Por ter essas características, pode-se perceber que os alunos geralmente demonstram interesse em realizar as tarefas, executando-as com muita qualidade e empenho¹⁰.

Esses foram apenas alguns aspectos detectados durante a aplicação, porém salienta-se que não houve uma avaliação formal devido à restrição de tempo disponível para a pesquisa. Entretanto, sabe-se da necessidade e urgência deste monitoramento para que ajustar e aperfeiçoar o modelo, desta maneira elaborou-se uma sugestão de avaliação (Apêndice 2), que seria aplicada com os alunos, os pais e os professores/coordenadores.

¹⁰ De acordo com a análise dos materiais produzidos.

4.4 Considerações do capítulo

O modelo sugerido buscou integrar as categorias escolhidas, visando o desenvolvimento de competências empreendedoras nos alunos do ensino fundamental.

Salienta-se que a aquisição dos conceitos de empreendedorismo estimula a criatividade e a inovação nos indivíduos, propiciando a realização de mudanças em si e no meio em que estão inseridos.

Outra questão ressaltada pela pesquisa foi no desenvolvimento das características comportamentais dos empreendedores e a sua empregabilidade nas mais diversas situações futuras da vida do indivíduo. Pois, o modelo referiu-se a uma construção de conhecimentos fundamentado nas possibilidades de aquisição de novos comportamentos, tendo como suporte o desenvolvimento de competências voltadas para o ato de empreender.

Entretanto, existiram algumas adversidades durante a execução da pesquisa. A primeira dificuldade está relacionada com a alocação da disciplina no currículo da instituição, devido às questões legais e, também, as resistências dos professores em relação aos procedimentos de integração.

Diante da resistência, houve uma sensibilização com objetivo de estimular o interesse do docente pela disciplina, assim como contextualizá-lo acerca do assunto – empreendedorismo, havendo inclusive a necessidade da realização de um treinamento. Este aconteceu de forma pontual, no início do processo de aplicação do modelo, entretanto, conclui-se que tal capacitação deva ser processual, respeitando o formato da pesquisa.

Houve dificuldade de reunir os docentes, pois os profissionais estão distribuídos nas diversas unidades escolares da região sul e sudeste. Desta maneira, não foi possível contar com a presença de todos os docentes para o diagnóstico (entrevistas coletivas), assim como para o treinamento.

O pouco tempo para a elaboração dos procedimentos foi um problema, pois a instituição tinha urgência na aplicação do modelo elaborado, havendo pouco tempo suficiente para o planejamento das aulas.

Ao finalizar este capítulo pode-se afirmar que a presente pesquisa elaborou e a aplicou o modelo tendo como base as categorias propostas, buscando a formação de um perfil empreendedor em alunos do ensino fundamental.

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

A pesquisa buscou criar um modelo que possibilitasse a integração das categorias: empreendedorismo, competência e projeto político pedagógico, na tentativa de desenvolver competências empreendedoras em alunos do ensino fundamental, visionando a preparação para o mercado de trabalho e para a vida. Neste capítulo realiza-se uma análise dos resultados alcançados em resposta aos objetivos propostos, fazendo ainda recomendações para trabalhos futuros, uma vez que a abordagem levantada neste trabalho não esgota o tema estudado.

5.1 Conclusões

Durante a elaboração do modelo houve o cuidado que os procedimentos privilegiasse a formação cidadãos preocupados com os desenvolvimentos sociais, econômicos e culturais. Por isso, o foco foi, principalmente, na construção de um indivíduo ético que possa agir pautado em valores e no respeito ao próximo e não somente nos aspectos relacionados com os negócios e o mercado competitivo.

Uma proposta pedagógica voltada para o desenvolvimento de competências empreendedoras necessita romper os velhos modelos, ir além das salas de aula. É preciso que o aluno consiga compreender a si mesmo e ao seu meio, para que seus conhecimentos possam ser transformados em habilidades resultando numa mudança de atitude.

O modelo constitui uma ferramenta que visa o desenvolvimento de comportamentos específicos ao empreendedor, assim como para um profissional de sucesso.

Em relação à originalidade, o presente trabalho criou um modelo de desenvolvimento de competências empreendedoras em alunos de ensino fundamental, vinculando desenvolvimento de habilidades, aquisição de conhecimentos e formação de atitudes empreendedoras.

Quanto ao aspecto de não-trivialidade pode-se afirmar que o modelo utilizou categorias que possibilitam a compreensão do comportamento empreendedor,

possibilitando a produção do conhecimento e a formação de cidadãos com habilidades específicas.

Quanto aos objetivos propostos no capítulo introdutório pode-se afirmar que a presente pesquisa conseguiu elaborar procedimentos que permitam integrar os conceitos de empreendedorismo, o desenvolvimento de competências e o projeto político pedagógico de ensino fundamental, tendo como base as características comportamentais dos empreendedores.

Em relação aos objetivos específicos foram realizados os resgates teóricos em relação às categorias que compõem o modelo: características comportamentais empreendedoras, competências dos indivíduos e projeto político pedagógico, com base nos diversos autores citados no capítulo 3, assim como a análise o projeto do ensino fundamental da instituição de ensino.

A partir deste embasamento teórico foi possível estabelecer as categorias para elaboração do modelo de integração, bem como aplicá-lo na instituição escolar.

Desta maneira foi possível realizar a integração entre o projeto pedagógico e os conceitos de empreendedorismo visando o desenvolvimento de competências empreendedoras em alunos do ensino fundamental.

Por meio do modelo, é possível afirmar que as competências empreendedoras podem ser desenvolvidas em processos de capacitação que realizem uma junção entre conhecimentos, habilidades e atitudes.

Entretanto, não foi possível confirmar se o modelo proposto nesta pesquisa auxilia o fortalecimento de uma cultura empreendedora, importante para o desenvolvimento sócio-econômico da região e do país, pois para analisar a veracidade desse pressuposto seria necessário acompanhar a vida acadêmica e profissional dos alunos, requerendo uma pesquisa longitudinal.

Contudo, pode-se dizer que esta pesquisa é uma fonte importante para programas de capacitação empreendedora, não se limitando somente aos alunos de ensino fundamental, pois se refere a um método original e específico de desenvolvimento de competências já definidas como empreendedoras. Entretanto, é necessário que a aplicação seja adaptada para a faixa etária dos indivíduos participantes do programa.

5.2 Recomendações para trabalhos futuros

Ao encerrar a pesquisa surgem as limitações que neste momento se tornam recomendações para futuros trabalhos. Apesar do trabalho ter atingido seu objetivo, por meio da criação do modelo de integração das categorias propostas, sabe-se da necessidade de uma avaliação do modelo. Para isso aconselha-se que esta aconteça em todas as séries, com todas as partes envolvidas: alunos, pais, professores, coordenadores pedagógicos.

Sugere-se que avaliação ocorra de modo processual e pontual para que possa apontar todos os pontos fortes e fracos do modelo, buscando o aperfeiçoamento do mesmo durante o processo de aplicação.

Outra recomendação está relacionada com a limitação de tempo, ou seja, uma possibilidade de pesquisa seria a análise do quanto o modelo auxilia o fortalecimento de uma cultura empreendedora, verificando os impactos do programa de desenvolvimento de competências empreendedoras no ensino fundamental na sociedade na qual esses indivíduos estão inseridos.

REFERÊNCIAS

- AIUB, G. W. **Inteligência empreendedora: uma proposta para a capacitação de multiplicadores da cultura empreendedora**. Universidade Federal de Santa Catarina - PPGE. Dissertação. Florianópolis, 2002.
- AQUINO, R. **Tanto as universidades quanto o ensino médio e fundamental podem contribuir para formação de um empreendedor**. Disponível em: http://www.universia.com.br/html/materia/materia_ffcc.html. Acesso em: 27 de dezembro de 2007, 11:00hs.
- ARENDT, Ronald João Jacques. Construtivismo ou construcionismo? Contribuições deste debate para a Psicologia Social. **Estudos de Psicologia**. Natal: abr/2003, vol.8, no.1, p.05-13.
- AZANHA, J. M. P. Proposta pedagógica e autonomia da escola. **Escola de Cara Nova/Planejamento**. São Paulo: SE/CENP, 2000. p.18-24.
- BARROS, J. M. **Os filhos do capital**. Disponível em: <http://www.kmpress.com.br>. Acesso em 28 de dezembro de 2007.
- BIRD, Barbara. Implementing entrepreneurial ideas: the case for intention. Briarcliff Manor, **Academic of Management Review**, v.13, n.3, p.442-453, July 1988.
- BIRLEY, S; WESTHEAD, P. A comparison of new firms in “assisted” and “non-assisted” areas in Great Britain. **Entrepreneurship & Regional Development**, 1993, v.4, p. 299-338.
- BOM JESUS. **Fundamentos Doutrinais e Diretrizes**. Disponível em: <http://www.bomjesus.br>. Acesso em 10 de julho de 2007.
- BRASIL. **Parâmetros curriculares nacionais: terceiro e quarto ciclos do ensino fundamental: introdução aos parâmetros curriculares nacionais**. Secretaria de Educação Fundamental. Brasília:MEC/SEF, 1998.
- BROLLO, M. X. **Intenção empreendedora: um modelo econômico-psicológico entre estudantes universitários**. Universidade Federal de Santa Catarina - PPGE. Tese. Florianópolis, 2006.
- CAMILOTTI, L. **Procedimentos de integração para o desenvolvimento local a partir dos princípios do empreendedorismo**. Universidade Federal de Santa Catarina - PPGE. Dissertação. Florianópolis, 2001.
- CAMILOTTI, L. **Modelo de avaliação de cursos de capacitação empresarial**. 2007. 169 f. Florianópolis. Tese de doutorado (doutorado em Engenharia de Produção) Programa de Pós-Graduação em Engenharia da Produção, UFSC.
- CANTILON, R. (1755). **Ensaio sobre a natureza do comércio em geral**. Curitiba: Sugesta, 2002.
- CASADO, Tânia. O indivíduo e o grupo: a chave do desenvolvimento. In: FLEURY, M. T. L. (Org.). **As pessoas na organização**. São Paulo: Gente, 2002.

CLOUSE, R. W., et al. Entrepreneurs in action: and integrated approach to problem solving via the internet. **American Education Research Association**. Chicago: abr/2003.

COPE, J. Toward a dynamic learning perspective of entrepreneurship. **Entrepreneurship Theory and Practice**, jul/2005, p. 373-397.

COLL, C. **Psicologia e currículo**: uma aproximação psicopedagógica à elaboração do currículo escolar. São Paulo: Ática, 1998.

CUNNINGHAM, J. B., LISCHERON, J. Defining entrepreneurship. **Journal of Small Business Management**, vol.29, Issue 1, p. 45-62, jan. 1991.

DAINTY, A., CHENG, M., MOORE, D. A comparison of the behavioral competencies of client-focused and production-focused project managers in the construction sector. **Project Management Journal**. jun/2005 vol.36, nº.1, p.39-48.

DELEUZE, G., GUATTARI, F. **Mil platôs**: capitalismo e esquizofrenia. Rio de Janeiro: Editora 34, 1995.

DELUIZ, Neise. **O modelo das competências profissionais no mundo do trabalho e na educação**: implicações para o currículo. Disponível em: <http://www.senac.br/informativo/BTS/273/boltec273b.htm>. Acesso em: 08 set. 2004.

DIAS, E. L. **Um estudo comparativo entre empreendedores e intraempreendedores sobre os valores referentes ao trabalho**. Universidade Federal de Santa Catarina - PPGE. Dissertação. Florianópolis, 2001.

DOBREV, S. D. BARNETT, W. P. Organizational roles and transition to entrepreneurship. **Academy of Management Journal**. jun/2005 vol.48, nº.3, p.433-449.

DOLABELA, F. **O segredo de Luísa**. São Paulo: Cultura Editores Associados, 1999.

DOLABELA, F. **Pedagogia empreendedora**. São Paulo: Cultura, 2003.

DOLABELA, F. **Pedagogia empreendedora**. Disponível em: www.portaldovoluntario.org.br/site. Acesso em 28 de janeiro de 2007.

DRUCKER, P. **Innovation and Entrepreneurship**. New York: Harper Collins, 2002.

DUGUÉ, Elisabeth. A lógica da competência: o retorno do passado. In: TOMASI, Antônio (Org.). **Da qualificação à competência**: pensando o século XXI. Campinas: Papirus, 2004. p.19-32.

DUTTA, D. K., CROSSAN, M. M. The nature of entrepreneurial opportunities: understanding the process using the 4I organizational learning framework. **Entrepreneurship Theory and Practice**, jul/2005, p. 425-449.

EMPINOTTI, M. **Os valores a serviço da pessoa humana**. Porto Alegre: Edipuc, 1994.

EMPREENDEDOR. **Rio tem educação empreendedora no ensino fundamental.** Disponível em: <http://www.empreendedor.com.br/?pid=28&cid=2944&pagina=2>. Acesso em 27 de dezembro 2007.

FILION, L. J. Empreendedorismo: empreendedores e proprietários-gerentes de pequenos negócios. **Revista de Administração.** Abr/Jun. 1999, p. 5-28.

FEUERSCHÜTTE, S. G. **O empreendedor e suas competências: caracterização e análise baseadas na metodologia da história oral.** Universidade Federal de Santa Catarina - PPGEPP. Projeto de Pesquisa. Florianópolis, 2001.

FLEURY, Afonso Carlos Correa; FLEURY, Maria Tereza Leme. **Estratégias empresariais e formação de competências:** um quebra-cabeça caleidoscópico da indústria brasileira. 2.ed. São Paulo: Atlas, 2001.

FLEURY, M. T. L. A gestão de competência e a estratégia organizacional. In: FLEURY, M. T. L. (org). **As pessoas na organização.** São Paulo: Gente, 2002.

FRIEDLAENDER, G. M. S. **Metodologia de ensino-aprendizagem visando o comportamento empreendedor.** Tese (Doutorado em Engenharia de Produção) – Programa de Pós-Graduação em Engenharia de Produção, UFSC, Florianópolis, 2004.

FREIRE, P. **Pedagogia da Autonomia:** saberes necessários à prática educativa. São Paulo: Paz e Terra, 1996.

FREUD, S. **Edição eletrônica brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud.** Rio de Janeiro: Imago, 1969. CD-Rom.

GIL, A. C. **Como elaborar projetos de pesquisa.** 4 ed. São Paulo: Atlas, 2002.

GADOTTI, M. A pedagogia de Paulo Freire e o processo de democratização no Brasil: alguns aspectos da sua teoria, método e práxis. **Simposio Latinoamericano de Pedagogia Universitária “Hacia Una Pedagogia alternativa para la Educación Superior”.** Escuela de Formación Docente - Universidad de Costa Rica. San José, 17 a 20 de abril de 2001.

GUIMARÃES, A. **Empreendedorismo na escola:** que negócio é esse? Disponível em: http://revistaescola.abril.com.br/edicoes/0186/aberto/mt_95278.shtml . Acesso em: 27 de dezembro de 2007.

HAMPF, E. <http://pg.pr.gov.br/node/1483>. 16 de Outubro, 2006 - 17:18hs.

HANASHIRO, D. M. M. et al (org.) **Gestão do fator humano:** uma visão baseada em stakeholders. São Paulo: Saraiva, 2007.

HASHIMOTO, M. **Você está preparado?** Disponível em: http://vocesa.abril.com.br/aberto/colunistas/pgart_0701_11052004_39202.shl. Acesso em: 27 de dezembro de 2007, 10:04hs.

HERMENEGILDO, J. L. S. **O uso da abordagem por competências no desenvolvimento de jogos de empresas para a formação de empreendedores.** Universidade Federal de Santa Catarina - PPGEP. Tese. Florianópolis, 2002.

JARDZWSKI, K. Disponível em: <http://www.profissaomestre.com.br/smu>. Acesso em: 27 de janeiro de 2007, 19:04hs.

JUNIOR ACHIEVEMENT. Disponível em: www.jabrasil.org.br. Acessado em: 26 de agosto de 2007, as 15:08 hs.

KIRZNER, I. M. **Competition and Entrepreneurship.** Chicago: University of Chicago Press, 1973.

KRAMER, S. Proposta pedagógicas ou curriculares: subsídios para uma leitura crítica. In: **Educação & Sociedade**. v. 18. n. 60. p. 15-37, dez. 1997.

KURATKO, Donald F. Entrepreneurship education: emerging trends and challenges for the 21st century. **U.S. Association of Small Business & Entrepreneurship**, 2003.

LAKATOS, E. M., MARCONI, M. A. **Metodologia Científica.** 3. ed. São Paulo: Atlas, 2002.

LE BOTERF, Guy. **Desenvolvendo a competência dos profissionais.** 3.ed. (rev. e amp.). Porto Alegre: Artmed, 2003a.

_____. **Construire les compétences individuelles et collectives.** 2.ed. (rev. et augm.). Paris: Éditions d'Organisation, 2003b.

_____. **Ingénierie et évaluation des compétences.** 3.ed. (rev. et augm.). Paris: Éditions d'Organisation, 2001.

LEI DE DIRETRIZES E BASES. http://www.presidencia.gov.br/ccivil_03/Leis/L9394, 07 de janeiro de 2006, 10:15hs.

LÉVY-LEBOYER, Claude. **Gestión de las competencias:** cómo analizarlas, cómo evaluarlas, cómo desarrollarlas. Barcelona: Ediciones Gestión 2000, 2003.

LEZANA, A. G. R., TONELLI, A. "O comportamento do empreendedor". In: DE MORI, F. (org.). **Empreender:** identificando, avaliando e planejando um novo negócio. Florianópolis: Escola de Novos Empreendedores, 1998.

LIMA, A. A. T. F. C. **Meta-modelo de diagnóstico para pequenas empresas.** Tese (Doutorado em Engenharia de Produção) – Programa de Pós-Graduação em Engenharia de Produção, UFSC, Florianópolis, 2001.

LIMA, E. P. **Uma modelagem organizacional suportada por elementos de natureza comportamental.** Tese (Doutorado em Engenharia de Produção) – Programa de Pós-Graduação em Engenharia de Produção, UFSC, Florianópolis, 1999.

LONGEN, M. T. **Processo comportamental associado à criação de empresas de pequena dimensão**. Universidade Federal de Santa Catarina - PPGEF. Dissertação. Florianópolis, 1997.

MAN, Thomas W.Y.; LAU, Theresa. **Entrepreneurial competencies of SME owner/managers in the Hong Kong services sector: a qualitative analysis**. Journal of Enterprising Culture, v.8, n.3, p.235-254, September 2000.

McCLELLAND, David C. Characteristics of Successful Entrepreneurs. **The Journal of Creative Behavior**, 1986.

MARQUES, M. O. S. Saberes escolares: para além da escola. In: OSOWSKI, C. I (org.). **Provocações da sala de aula**. São Paulo: Loyola, 1999.

MARSAHLL, A. (1890). **Princípios de economia**. São Paulo: Abril, 1982.

MASLOW, A. H. **Maslow no gerenciamento**. Rio de Janeiro: Qualitymark, 2000.

MATURANA, H. R., VARELA, F. J. **A árvore do conhecimento: as bases biológicas da compreensão humana**. São Paulo: Palas Athena, 2001.

MICHAELIS, **Dicionário Escolar de Língua Portuguesa**. São Paulo: Melhoramentos, 2002.

MITCHELL, Ronald K., et al. Toward a teory of entrepreneurial cognition: rethinking the people side of entrepreneurship research. **Entrepreneurship Theory and Practice**, 2002.

MONTANA, P. J e CHARNOV, B. H. **Administração**. São Paulo: Saraiva, 2000.

MORRIS, Michael H. et al. Towards Integration: Understanding entrepreneurship throug frameworks. **Entrepreneur Inovation**. Fev. 2001.

MUSSEN, P. H.; KAGAN, J.; CONGER, J. J. **Desenvolvimento e personalidade da criança**. 2. ed. São Paulo: HARBRA, 1988.

NECNET. **Alunos do Ensino Fundamental têm aulas de empreendedorisismo**. Disponível em: http://www.necnet.net/artigo.php?id_artigo=4938&item=0. Acesso em: 27 de dezembro de 2007, 14hs.

PEDRO, A. M. **Características Comportamentais dos Empreendedores no Modelo de Ciclo de Vida das Organizações de Greiner**. Dissertação (Mestrado em Engenharia de Produção) – Programa de Pós-Graduação em Engenharia de Produção, UFSC, Florianópolis, 2003.

PERRENOUD, P. **Dez novas competências para ensinar**. Porto Alegre: Artes Médicas Sul, 2000.

PIAGET, J. **Biologia e Conhecimento**. Rio de Janeiro: Vozes, 1996.

PIAGET, J. **Epistemologia Genética**. São Paulo: Martins Fontes, 1990.

PIAGET, J., INHELDER, B. **A psicologia da criança**. 17. ed. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2001

PIMENTA, S. G. A construção do projeto pedagógico na escola de 1º grau. **Série Idéias**. São Paulo: FDE, 1998. n. 8, p. 17-24.

POLITIS, D. The process of entrepreneurial learning: a conceptual framework. **Entrepreneurship Theory and Practice**, jul/2005, p. 399-424.

ROBBINS, Stephen P. **Comportamento organizacional**. 9. ed. São Paulo: Prentice-Hall, 2002.

RODRIGUES, Aroldo. **Psicologia social**. Petrópolis: Vozes, 1992.

ROPÉ, Françoise; TANGUY, Lucie (Org.). **Saberes e competências**: o uso de tais noções na escola e na empresa. 2.ed. Campinas: Papirus, 2001.

RUAS, Roberto. Gestão por competências: uma contribuição à estratégia das organizações. In: RUAS, Roberto; ANTONELLO, Claudia Simone; BOFF, Luiz Henrique (Org.). **Os novos horizontes da gestão**: aprendizagem organizacional e competências. Porto Alegre: Bookman, 2005. p.34-54.

SACRISTÁN, G. **O currículo**: uma reflexão sobre a prática. 3. ed. Porto Alegre: ArtMed, 2000.

SADLER-SMITH, E. HAMPSON, Y. CHASTON, I. BADGER, B. Managerial Behavior; Entrepreneurial Style, and Small Firm Performance. **Journal of Small Business Management**, 2003, vol. 41, n. 1, p. 47-67.

SANDBERG, Jörgen. Understanding human competence at work: an interpretative approach. **Academy of Management Journal**, Briarcliff Marrow, v.43, n.1, p.9-25, Feb. 2000.

SANTOS, A. R.. **Metodologia científica**: a construção do conhecimento. 2. ed. Rio de Janeiro: DP&A., 1999.

SANTOS, L. S. **Modelo de ambiente virtual para o desenvolvimento de habilidades empreendedoras em crianças**. Tese (Doutorado em Engenharia de Produção) – Programa de Pós-Graduação em Engenharia de Produção, UFSC, Florianópolis, 2004a.

SANTOS, M. S. **Método para investigação do comportamento empreendedor**. Tese (Doutorado em Engenharia de Produção) – Programa de Pós-Graduação em Engenharia de Produção, UFSC, Florianópolis, 2004.

SÃO PAULO (Estado). **Secretaria de Educação. A construção da proposta pedagógica da escola**: a escola de cara nova, planejamento 2000. São Paulo: 2000.

SAVOIA, M. G.; CORNICK, M. P. **Psicologia social**. São Paulo: McGrawhill, 1989.

SAY, J. B. **Tratado de economia política**. São Paulo: Abril Cultural, 1983.

SEBRAE. Informativo Balcão Sebrae, 2002.

SEBRAE. Disponível em: <http://www.sebrae.com.br/br/programaseprojetos/>. Acesso em: 05 de janeiro de 2006, 14hs.

SECRETARIA DE EDUCAÇÃO BÁSICA. Disponível em: www.mec.gov.br/seb, acesso em: 25 de janeiro de 2006, 11:16hs.

SCHMIDT NETO, A. A. **Educação e Complexidade**: a construção do projeto político pedagógico. São Paulo: Cabral, 2007.

SCHULTZ, D.P. e SCHULTZ, S. E. **Teorias da personalidade**. São Paulo: Pioneira Thomson Learning, 2002.

SCHUMPETER, J. A. (1911). **Teorias do desenvolvimento econômico**. São Paulo: Abril Cultural, 1982.

SILVA, Geraldo Lucio. **O aprender a aprender na educação tecnológica**. 113 f. Universidade Federal de Santa Catarina - PPGE. Dissertação. Florianópolis, 2002.

SMITH (1776). **The Wealth of Nations**. Disponível em: http://ao.com.au/economics/1776/wealth_nations_contents.htm, acesso em 28 de janeiro 2007.

STEVENS, J. **Tornar-se presente**. São Paulo: Summus, 1988.

TONELLI, A. **Elaboração de uma metodologia de capacitação aplicada ao estudo das características comportamentais dos empreendedores**. Universidade Federal de Santa Catarina - PPGE. Dissertação. Florianópolis, 1997.

URIS, A. **Formação de dirigentes**: idéias, pessoas e instituições que criam e prejudicam a administração. São Paulo: Ibrasa, 1966.

VEIGA, I. P. A. **Projeto Político Pedagógico da Escola**: uma construção possível. São Paulo: Papirus, 2004

VYGOTSKY, L. S.; LURIA, A. R.; LEONTIEV, A. N. **Linguagem, desenvolvimento e aprendizagem**. 5. ed. São Paulo: Ocone, 1988

VYGOTSKY, L. S. **Pensamento e linguagem**. 2. ed. São Paulo: Martins Fontes, 1998

ZARIFIAN, P. **Objetivo competência**: por uma nova lógica. São Paulo: Atlas, 2001.

APÊNDICES

Apêndice 1 – Modelo da aula a ser aplicada

AULA 01

Percepção de si



SÍNTESE DA AULA

- ✓ **Assunto:** Apresentação da disciplina e dos alunos
- ✓ **Objetivo:** Criar um clima de descontração, buscando incluir e integrar os indivíduos para facilitar o trabalho grupal
- ✓ **Método:** Comportamental
- ✓ **Atividade:** História do nome


Foco da aula

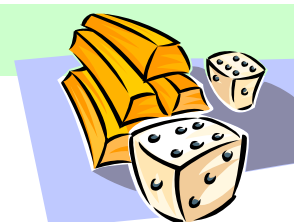
Propiciar a inclusão dos alunos para que laços de amizade comecem a ser estabelecidos.

Feedback

 **Duração** - 30 min.

 **Material** - Não há

 **Descrição da atividade** - Cada aluno deverá contar como foi escolhido o seu nome para a turma. Pergunte também se alguém tem apelido e como o ganhou. Caso tenha algum aluno que não saiba a história do seu nome, poderá contar apenas a do seu apelido. Essa atividade, além de propiciar a apresentação do nome os membros da classe, proporciona um momento de conhecimento e novas descobertas entre os alunos. Explique, por exemplo, que, apesar de existirem pessoas com nomes iguais, suas histórias são diferentes.



Dicas para a aula

Dependendo da possibilidade, organizar os alunos em círculo e levar um novelo de lã bem grande. Cada criança deve segurar a ponta da lã e jogar o novelo para a próxima a contar a sua história, formando, assim, uma teia de relacionamentos.

Apêndice 2 – Modelos de Avaliação para Alunos, Pais e Professores/Coordenadores

AVALIAÇÃO DA DISCIPLINA EMPREENDEDORISMO

Prezado aluno,

Responda as questões abaixo de acordo com o que você acredita que conseguiu aprender na disciplina de empreendedorismo.

























1. Nesta questão, você deve dar um conceito para o seu aprendizado, assinalando de acordo com as carinhas abaixo:














































 **Conceito Ruim**

 **Conceito Bom**

 **Conceito Excelente**

Nas observações você pode escrever o que você achar necessário para completar a questão.

Critérios de avaliação		Conceitos			Observação
					
Para alunos que estão ou passaram pela Quinta Série					
1	Aprendi a importância da família				
2	Conheci mais sobre meu bairro				
3	Descobri a importância de respeitar as diferenças				
4	Aprendi que preciso respeitar as regras				
5	Aprendi que minhas necessidades e desejos.				
6	Aprendi sobre aquilo que gosto e que não gosto de fazer				
7	Descobri a importância de fazer amigos				
8	Descobri a história da minha família				
9	Descobri que tenho direitos e deveres a seguir				
10	Consegui conhecer mais sobre meu amigo da sala de aula				
Para alunos que estão ou passaram pela Sexta Série					
1	Aprendi a fazer algumas ações empreendedoras				
2	Sei quais as habilidades para ser empreendedor				
3	Conheci a história de empreendedores				
4	Descobri a importância buscar novos conhecimentos para ter um negócio				
5	Aprendi a ter novas idéias, a ser criativo				

6	Descobri que é importante saber falar, escrever para convencer os outros				
7	Aprendi que existem muitos lideres empreendedores				
8	Aprendi a importância de cooperar para obter o resultado bom num trabalho				
9	Aprendi que é importante saber negociar para ser um bom empreendedor				
10	Descobri que é preciso saber tomar decisões para solucionar problemas				
Para alunos que estão ou passaram pela Sétima Série					
1	Aprendi sobre as empresas				
2	Aprendi a fazer um plano de negócios				
3	Aprendi que uma idéia para ser concretizada precisa ser testada				
4	Conheci sobre o mercado consumidor				
5	Aprendi que é preciso saber o negócio – clientes e fornecedores				
6	Aprendi que preciso conhecer o processo da produção do meu produto				
7	Aprendi que preciso saber quantas pessoas são necessárias para produzir				
8	Aprendi que é necessário entender sobre os preços, o quanto vou lucrar e quais são minhas despesas				
9	Aprendi que a imagem do meu produto é importante				
10	Aprendi a identificar novas oportunidades de negócios				

2. Escreva o que você mais gostou na disciplina de empreendedorismo.

3. Escreva o que você menos gostou na disciplina de empreendedorismo.

4. Diga aquilo que você acha que mais aprendeu durante a disciplina de empreendedorismo.

5. Você acha que as aulas foram interessantes? Por quê?

AVALIAÇÃO DA DISCIPLINA EMPREENDEDORISMO

Prezados Pais,

Visando o acompanhamento do desenvolvimento da disciplina de Empreendedorismo que seu filho (a) participa, gostaríamos de sua avaliação nos seguintes aspectos:

1. Vocês perceberam alguma mudança comportamental de seu filho, como por exemplo, aumento da criatividade, do espírito de liderança, maior participação, estímulo da criatividade, etc. decorrente da disciplina de empreendedorismo? Se sim, quais?

2. Vocês acreditam que desenvolver características empreendedoras na adolescência irá ajudar no desempenho profissional de seu filho (a)?

3. Vocês acreditam que a disciplina de empreendedorismo permitiu o contato de seu filho (a) com o contexto empresarial?

4. Vocês acreditam que as aulas de empreendedorismo com método de ensino diferenciado, utilizando principalmente dinâmicas de grupo, pesquisas extra-sala de aula, estimulam o aprendizado?

5. Vocês acreditam que a disciplina de empreendedorismo possibilitou o aprendizado de habilidades empreendedoras?

6. A disciplina de empreendedorismo estimulou a curiosidade e o interesse de seu filho (a) para realização das tarefas e do contexto social?

7. Vocês conseguiram acompanhar e auxiliar seu filho (a) durante a disciplina de empreendedorismo?

8. Vocês acreditam que a disciplina de empreendedorismo ensina para o futuro?

9. Com uma palavra defina a importância dessa disciplina para seu filho(a)

10. Dê uma nota de 0 a 10 para o desempenho de seu filho na disciplina: _____

AVALIAÇÃO DA DISCIPLINA EMPREENDEDORISMO

Prezados Professores e Coordenadores,

Visando o acompanhamento do desenvolvimento da disciplina de Empreendedorismo inserida, gostaríamos de sua avaliação nos seguintes aspectos: Considere os itens abaixo e avalie as questões que envolvem a disciplina de empreendedorismo, assim como o material fornecido para o docente:

Para as questões abaixo foi utilizado uma escala de 1 a 5. Você deverá os tópicos descritos, o valor 1 quando sua avaliação for “PÉSSIMO”, “BOM” para 3 e “EXCELENTE”, para o valor 5.

1	Material disponível	1	2	3	4	5
2	Aulas sugeridas	1	2	3	4	5
3	Conhecimento dos docentes em relação aos temas trabalhados	1	2	3	4	5
4	Desenvolvimento de competências empreendedoras dos alunos.	1	2	3	4	5
5	Métodos utilizados nas aulas	1	2	3	4	5
6	Dinâmicas sugeridas	1	2	3	4	5
7	Disposição da apostila	1	2	3	4	5
8	Linguagem utilizada	1	2	3	4	5
9	Métodos de avaliação dos conteúdos	1	2	3	4	5
10	Interesse dos alunos pelas temáticas desenvolvidas	1	2	3	4	5
11	Acesso a bibliografias sobre o tema	1	2	3	4	5
12	Adequação do material a realidade do docente e do aluno	1	2	3	4	5
13	Contextualização dos temas a serem trabalhados	1	2	3	4	5
14	Aplicabilidade dos temas	1	2	3	4	5
15	Assimilação dos conteúdos pelos alunos	1	2	3	4	5

1. Você acredita que existem outros temas que poderiam ser trabalhados na disciplina? Se sim quais?

2. O que você acredita que é melhor desenvolvido/assimilado pelo aluno nesta disciplina?

3. O que você considera mais falho nas sugestões de aulas?

4. Você adaptou as aulas ou utilizou as sugestões da apostila?

5. Você considera que empreendedorismo é fácil de lecionar?

6. Qual(is) o ponto forte da apostila da disciplina?

7. Qual(is) o ponto fraco da apostila da disciplina?

8. Você tem alguma sugestão para acrescentar no modelo utilizado?

ANEXOS